

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

EVELLYNE PATRÍCIA FIGUEIREDO DE SOUSA COSTA

OS EFEITOS DA ESTRUTURA MORAICA DO LATIM EM
TRÊS LÍNGUAS ROMÂNICAS:
ITALIANO, PORTUGUÊS E ESPANHOL

PORTO ALEGRE
2011

EVELLYNE PATRÍCIA FIGUEIREDO DE SOUSA COSTA

OS EFEITOS DA ESTRUTURA MORAICA DO LATIM EM TRÊS LÍNGUAS ROMÂNICAS:
ITALIANO, PORTUGUÊS E ESPANHOL

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção de título de Doutor em letras pelo
programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Dr. Leda Bisol
Orientadora

Área do conhecimento: Teoria e Análise Linguística

Porto Alegre
2011

Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa

OS EFEITOS DA ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO LATIM EM TRÊS LÍNGUAS ROMÂNICAS: ITALIANO, PORTUGUÊS E ESPAÑHOL

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 20 de janeiro de 2011

BANCA EXAMINADORA:



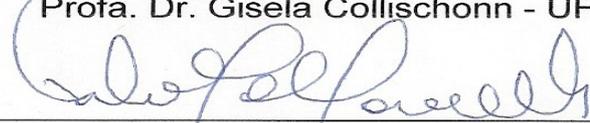
Profa. Dr. Leda Bisol - PUCRS



Prof. Dr. José Sueli Magalhães - UFU



Profa. Dr. Gisela Collischonn - UFRGS



Profa. Dr. Valéria de Oliveira Neto Monaretto - UFRGS



Profa. Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños - PUCRS

Aos meus familiares, pelo carinho e apoio incondicionais.

AGRADECIMENTOS

À Leda Bisol, pelo respeito às minhas convicções durante todos esses anos e pela orientação preciosa.

Aos membros do grupo de estudos Morfologia e Fonologia, pela amizade e apoio desde a graduação.

À Tatiana Keller e Luciana Pilatti Telles, pelas discussões e contribuições.

À Aline Grodt, pela leitura atenciosa e a André Schneider, pela contribuição.

À Taíse Simioni, pela amizade ímpar.

À Gisela Collischonn, pelas contribuições na Banca de Qualificação desta Tese.

Aos professores do Pós-graduação em Letras da PUCRS.

Ao Departamento de Letras Clássicas e Linguística da UFSM, pelo apoio sem o qual esta Tese não seria possível.

À PUCRS e à CAPES, pela bolsa concedida.

Ao meu esposo, pelo amor, carinho, companheirismo e apoio incondicionais.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar a evolução da estrutura moraicada do latim às línguas neorromânicas, mais precisamente, ao italiano, português e espanhol. A língua latina, que possui distinção quantitativa vocálica e consonantal, apresenta os seguintes padrões: (i) sílabas leves, portadoras de uma mora (*e.le.men.tum*); (ii) sílabas pesadas, portadoras de duas moras (*bul.ga*); (iii) sílabas superpesadas, portadoras de três moras segundo a nossa proposta (*paul.lum*).

Na evolução ao romance, há a perda da distintividade quantitativa dentre as vogais e, na passagem às línguas neorromânicas, a estrutura moraicada tem seus efeitos. Diante desse cenário e a partir dos pressupostos da Teoria Moraicada de Hayes (1989), buscamos investigar os efeitos dessa mudança nas referidas línguas através de processos fonológicos envolvidos, tais como geminação, ditongação, monotongação, palatalização.

A Teoria Moraicada busca caracterizar de que modo as línguas atribuem estrutura moraicada e que princípios atuam nessas línguas. Hayes (1989) define mora como uma unidade de peso do *tier* prosódico e representa o contraste entre sílabas longas e sílabas breves, além de contar como uma posição fonológica (segmento longo é representado como duplamente ligado).

Propomos que as escolhas feitas pelo italiano, português e espanhol para lidar com a estrutura moraicada do latim já estão disponíveis em latim vulgar e que, de acordo com a opção feita, princípios como *Stray Erasure* e *Parasitic Delinking*, relacionados com Licenciamento Prosódico, têm maior ou menor atuação.

PALAVRAS-CHAVE: Latim. Estrutura moraicada. Moras. Português. Italiano. Espanhol.

ABSTRACT

This study aims at investigating the evolution of moraic structure from Latin to some neo-Romance languages, namely Italian, Portuguese, and Spanish. Latin, which presents vocalic and consonantal quantitative distinction, has the following syllable patterns: (i) light syllable, which contains a single mora (*e.le.men.tum*); (ii) heavy syllable, which contains two moras (*bul.ga*); (iii) superheavy syllable, which contains three moras according to what we propose (*paul.lum*).

The quantitative distinction among vowels was lost in the evolution to Romance, and moraic structure exerted influence during the evolution to neo-Romance languages. Based on such information and on Hayes' Moraic Theory (1989), we intend to investigate the effects of such change in the mentioned languages by analysing related phonological processes, such as gemination, diphthongization, monophthongation, and palatalization.

Moraic Theory allows us to identify the way moraic structures are attributed to languages and also allows us to determine which principles operate in these languages. Hayes (1989) defines a mora as a weight unit at the prosodic tier and represents the contrast between long syllables and short syllables. Also, a mora counts as a phonological position (a long segment is represented as being doubly linked).

We propose that the choices made in Italian, Portuguese, and Spanish to deal with moraic structure in Latin have already been available in vulgar Latin, and, according to the option made, principles such as Stray Erasure and Parasitic Delinking, which are related to Prosodic Licensing, have more or less applicability.

KEYWORDS: Latin. Moraic structure. Moras. Portuguese. Italian. Spanish.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 SUPOSIÇÃO SOBRE A SÍLABA EM LATIM, SISTEMA VOCÁLICO E SISTEMA CONSONANTAL.....	2
1.1 A perspectiva tradicional sobre a sílaba em latim.....	5
1.2 Sistema vocálico latino e sistema vocálico itálico e sua relação com as línguas românicas.....	12
1.2.1 O sistema vocálico latino.....	13
1.2.2 Sistemas qualitativos românicos.....	13
1.2.3 O sistema vocálico arcaico na Sardenha, na Lucânia e na África.....	14
1.2.3.1 Lucano oriental e românico dos Balcãs.....	15
1.2.4 O sistema siciliano.....	15
1.3 A relação entre estrutura silábica e o tratamento vocálico.....	16
1.3.1 Vogais e estrutura silábica.....	17
1.3.2 Posição livre versus posição travada na respectiva língua românica: evolução posterior das vogais latinas.....	21
1.4 Geminadas em latim e a passagem para as línguas neorromânicas.....	23
1.4.1 A geminada –ll-.....	24
1.4.2 A geminada –rr-.....	25
1.4.3 A geminada –nn-.....	25
1.4.4 As geminadas –pp-, -tt-, -kk-, -ff-.....	26
2 A SÍLABA.....	27
2.1 Estrutura hierárquica.....	27
2.1.1 Selkirk (1982).....	27
2.1.2 Harris (1983).....	29
2.2 Estrutura em camadas Ito (1986).....	31
2.3 Moras.....	34
2.3.1 Hymann (1985).....	34
2.3.2 Hayes (1989).....	38

2.3.2.1	Atribuição de estrutura moraica sob a ótica das moras.....	39
2.3.2.2	Alongamento compensatório.....	43
2.3.2.2.1	Alongamento compensatório por perda consonantal.....	44
2.3.2.2.2	Alongamento compensatório por perda vocálica.....	46
2.3.2.2.3	Alongamento compensatório por formação de glide.....	47
2.3.2.3	Sílabas trimoraicas.....	48
3	EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE DO LATIM ÀS LÍNGUAS NEORROMÂNICAS.....	51
3.1	Vogais longas e geminadas do latim ao galego-português e espanhol arcaico Holt (1997, 2003).....	51
3.1.1	O sistema vocálico.....	52
3.1.2	As geminadas do latim ao galego-português e espanhol arcaico.....	54
3.2	A estrutura silábica do latim sob uma perspectiva tipológica Lehmann (2003).....	56
3.2.1	Estrutura silábica.....	56
3.3	Alongamento compensatório por perda vocálica e consonantal em friulano antigo Prieto (1992).....	66
3.4	A evolução das vogais do latim ao romance e sua relação com o traço [ATR] Calabrese (2003).....	75
4	ESTRUTURA MORAICA DO LATIM AO ITALIANO, PORTUGUÊS E ESPANHOL.....	84
4.1	Estrutura moraica das sílabas em latim.....	84
4.1.1	Sílaba leve	86
4.1.2	Sílaba pesada.....	86
4.1.2.1	CVV e VV.....	86
4.1.2.2	Sílaba CVC.....	86
4.1.3	Sílaba superpesada.....	87
4.1.3.1	Sílaba superpesada CVVC.....	87
4.1.3.2	Sílaba superpesada CVV(ditongo)C(geminada) e CVV(vogal longa)C(geminada).....	88
4.2	Variação da estrutura moraica em latim.....	89
4.2.1	Latim vulgar: bimoraicidade.....	89
4.2.2	Ditongos + consoantes simples.....	93

4.2.2.1 Redução variável do ditongo.....	94
4.2.3 Conservação de mora em latim vulgar.....	96
4.3 Latim vulgar: laboratório das línguas românicas.....	96
4.4 Licenciamento Prosódico: <i>Stray Erasure</i> e <i>Parasitic Delinking</i>	97
4.5 Do latim ao italiano.....	98
4.5.1 Conservação de mora do latim ao italiano.....	98
4.5.2 Perda de mora do latim ao italiano.....	102
4.6 Do latim a português.....	105
4.6.1 Perda de mora do latim ao português.....	106
4.6.2 Conservação de mora.....	109
4.6.3 Conservação de mora e variação.....	111
4.6.4 Conservação de mora através de alongamento compensatório <i>flop</i>	111
4.7 Do latim ao espanhol.....	113
4.7.1 Perda de mora do latim ao espanhol.....	114
4.7.1.1 Perda de mora: redução de ditongo.....	115
4.7.1.2 Perda de mora com conservação de energia com a criação de palatais.....	117
4.7.1.3 Perda de mora com criação de africada.....	119
CONCLUSÕES.....	122
REFERÊNCIAS.....	123

INTRODUÇÃO

Estudos que investigam a sílaba se preocupam com sua natureza, seu *status* prosódico, seu papel na fonologia e sua estrutura interna. Dentre eles, salientam-se os que argumentam a favor de uma constituição moraica da sílaba. Nessa linha, situa-se o presente estudo que tem o objetivo de dar conta da evolução da estrutura moraica do latim ao italiano, espanhol e português. O trabalho desenvolve-se em quatro capítulos.

O primeiro capítulo aborda a sílaba do latim sob a ótica de estudos filológicos e estudos tradicionais, trazendo uma descrição dos sistemas vocálicos do latim clássico, do latim vulgar e das línguas românicas.

O segundo capítulo arrola as teorias que fundamentam os estudos sincrônicos sobre sílaba, tais como Selkirk (1982), Harris (1983), Ito (1986), Hymann (1985), e Hayes (1989), com a Fonologia das Moras, constituem os pressupostos teóricos do estudo. Investiga-se a atribuição de estrutura moraica e os princípios que a regulam, a variação da estrutura moraica dentre as línguas do mundo e os mecanismos para garantir o universal, além de processos que envolvem o peso e a quantidade.

No capítulo 3, elencamos trabalhos que têm como objeto de investigação a evolução da quantidade vocálica e consonantal do latim ao galego-português e espanhol arcaico; a simplificação da estrutura silábica do latim ao romance; processos diacrônicos que levam em conta a quantidade do latim ao friulano antigo e a evolução das vogais do latim ao romance, sardo e lucano do sul.

No capítulo 4, caracterizamos a estrutura silábica do latim através da Fonologia das Moras; tratamos da sílaba trimoraica do latim, quando composta de ditongo + consoante geminada ou vogal longa + consoante geminada; tratamos da variação da estrutura moraica no latim clássico e no latim vulgar, abordando a tendência bimoraica dessa variedade da língua; discutimos a conservação de mora em latim vulgar e consideramos o latim vulgar como um laboratório das línguas românicas. Na sequência, analisamos o papel dos princípios *Stray Erasure* e *Parasitic Delinking*. Analisamos os efeitos da estrutura moraica na evolução do latim ao italiano, português e espanhol, considerando-se examinando questões específicas como conservação e perda de mora. Por fim, as conclusões do trabalho e as referências.

1 SUPOSIÇÕES SOBRE A SÍLABA EM LATIM, SISTEMA VOCÁLICO E SISTEMA CONSONANTAL

O presente capítulo inicia com uma apresentação do mapa linguístico da România. Há outras divisões do antigo território dominado pela língua latina, contudo, para o nosso estudo, a caracterização da relação entre o português, espanhol, italiano e latim coincide nos demais abordagens do mapa linguístico da România. Partimos de Lausberg (1963), segundo o qual a România pode ser dividida em três grandes zonas: (i) România ocidental; (ii) România oriental; (iii) Sardenha.

A România ocidental inclui a galo-românia (provençal, franco-provençal e francês), a reto-românia (românico-grisão, guisão central, obváldico, ladino, friulano e istriano), o norte da Itália (dialetos galo-italícos, veneziano e ístrico) e a Ibero-românia (catalão, espanhol e português).

A România oriental corresponde ao centro e sul da Itália (úmbrico, toscano, siciliano, romano), à Dalmácia (vegliota, dálmata) e à Romênia (romeno). O sardo compreende três zonas linguísticas: (i) centro – arcaico logudorês e dialetos; (ii) sul – campidanês; (iii) norte – sassarês e galurês. O mapa representa um conjunto de dez línguas advindas do latim: português, espanhol, catalão, provençal, francês, reto-romano, italiano, dálmata, romeno e sardo.

O francês desenvolveu-se na região da província da *Gallia Lugdunensis*, correspondendo ao norte da França atual. O latim vulgar falado nessa região foi fortemente influenciado pela língua dos francos, tribo bárbara que invadiu o território do Império Romano, contribuindo para o fim do Império Romano do Ocidente.

O provençal desenvolveu-se no sul da França, antiga província do império

romano denominada *Gallia Narbonensis*. Essa região não chegou a ser invadida e colonizada pelos francos. Por conta disso, há uma fronteira linguística que divide a França, delineando o francês ao norte e o provençal ao sul.

O catalão é a língua da região da Catalunha, antiga província *Tarraconensis* que corresponde ao norte e leste da Espanha atual. O domínio linguístico do catalão compreende duas zonas: (i) ocidental – Andorra, Lérida e Valença; (ii) oriental – Barcelona, Tarragona, Perpilhão e Gerona).

O espanhol desenvolveu-se na província da *Baetica* ou *Hispania Baetica*. Essa região, no período das grandes invasões bárbaras, foi ocupada pela tribo dos vândalos, razão pela qual, mais tarde, os mouros batizaram-na de Andaluzia (*Valdaluza* – terra dos vândalos).

Desde cedo, durante as conquistas romanas, o latim corrente na Ibéria já apresentava características que diferenciavam as províncias da *Baetica*, *Tarraconensis* e *Lusitania*. O latim da *Baetica* e da *Lusitania* sofreu forte influência mulçumana, desenvolvendo o dialeto moçárabe. Já a *Tarraconensis*, manteve-se mais afastada do domínio mouro, estreitando contatos com os dialetos galo-romanos.

O português, tida como última flor do Lácio, foi a língua românica que se desenvolveu na província da *Lusitania*, atual Portugal. Na época do esfacelamento do poder administrativo de Roma, a tribo dos suevos ocuparam essa região do Império e contribuíram para a formação da língua portuguesa.

O italiano inicialmente se assemelhava a uma mistura entre o siciliano e o provençal. Quando o foco cultural deslocou-se para a Toscana, o florentino passou a ser a base do italiano. A distribuição dialetal na Itália compreende dois grupos: (i) grupo românico ocidental do norte, que reúne dialetos galo-italícos, o veneziano e o ístrico,

línguas cujo substrato linguístico celta é muito forte; (ii) grupo românico oriental, constituído por dialetos do sul e do centro da Itália. Os dialetos do centro estão localizados no Lácio, na Toscana, na Córsega e na Úmbria, já os dialetos do sul, na Campânia, na Lucânia, na Calábria e na Sicília.

O sardo é a língua da Sardenha e se divide em três zonas linguísticas: (i) sul – campidanês; (ii) centro – logudorês e dialetos arcaizantes; (iii) norte – sassarês e galurês. O latim africano, que se estabeleceu na parte norte da África, segundo Lausberg (1962), teria tido muita influência do latim falado na Sardenha. O avanço dos árabes impediu que ali se desenvolvesse uma língua românica, entretanto, o latim africano é, por vezes, citado por gramáticos latinos.

O reto-romano designa três dialetos dos alpes centrais e orientais. Esses dialetos estão geograficamente em contato e apresentam características comuns que permite distingui-los dos dialetos da porção norte da Itália.

O grupo ocidental compreende o românico gascão, o obváldico ou sobressalvano e o grisão central, quarta língua falada na Suíça. O grupo central compreende o ladino central e dialetos, já o grupo oriental é constituído do friulano e do istriano.

O romeno nasceu na província da Dácia e foi a última província a ser colonizada. A colonização foi intensa por cinquenta anos e, ao final das migrações, a atual Romênia estava profundamente latinizada. O domínio linguístico daco-romeno compreende a Grande Valáquia, ao sul; Pequena Valáquia, a noroeste; Moldávia, localizada no nordeste da Romênia; Bessarábia, entre a Moldávia e a Ucrânia; Bucóvina, no sudoeste da Romênia; Transilvânia, na região centro-ocidental; Maramares, no centro; Crisana, próxima da Hungria e Banato, atualmente corresponde a

territórios da Sérvia, Romênia e Hungria. Há, ainda, domínio do romeno em outros territórios da Sérvia, Bulgária e nos Balcãs.

Dentre as línguas brevemente arroladas aqui, esse trabalho se preocupa com a evolução da estrutura moraicada do latim ao português, espanhol e italiano. As referidas línguas neorromânicas fazem parte da România Ocidental, mais precisamente, da Iberorromânia e da România Oriental, Centro e sul da Itália. O português e espanhol se desenvolveram em províncias de colonização antiga e bem distantes de Roma, ao passo que o italiano se desenvolveu no centro de prestígio e irradiador das mudanças linguísticas. Talvez esses aspectos tenham tido algum papel na formação das referidas línguas.

Após sumária descrição das línguas românicas, a seção seguinte traz estudos que descrevem a sílaba em latim por estudos tradicionais, embora a análise apresentada nesse trabalho esteja comprometida com um enfoque moderno da sílaba.

1.1 A perspectiva tradicional sobre a sílaba em latim

Westaway (1930) conceitua a sílaba como uma sucessão de sons, ou um som, que pode ser pronunciado com uma única “puxada de ar”. Essa definição não daria conta, segundo o autor, de algumas sílabas iniciais e de algumas combinações em final de palavras como *speculum*, *urb̄s*. De acordo com o autor, para que os grupos *sp-* e *-bs* fossem pronunciados, seria necessária mais de uma “puxada de ar”. Esse entendimento de sílaba está em consonância com as definições de sílaba de gramáticos antigos.

Quintiliano, Varrão e estudiosos tradicionais, como Faria (1957), Coutinho

(1958) e Silva Neto (1957) geralmente caracterizam a sílaba no que se refere à divisão silábica e à métrica. Entretanto, Silva Neto (1957) faz algumas considerações sobre a produção de /l/ de acordo com o lugar que a consoante ocupa na estrutura silábica: inicial, medial, geminado, em final de palavra, antes ou depois de consoante.

O autor trabalha, de maneira geral, com aspectos do latim vulgar, mas também registra características do latim clássico. De acordo com Silva Neto (1957), na época imperial, *l* representava três pronúncias distintas:

(i) *l* inicial (*lepus*) (rápido) e medial intervocálico (*color*) (colorido), chamado de *media* ou de *subtilis* (médio ou tênue);

(ii) *l* geminado (*ille*), denominado *exilis* ou *tenuis* (simples);

(iii) *l* antes de consoante (*albus*) (branco), depois de consoante (*clarus*) (claro) e em fim de palavra (*sol*), chamado de *plenus* ou de *pinguim* (pleno ou consistente).

O autor descreve que, na mesma época, na região da Romênia, os falantes do latim pronunciava como *l pingui* o *l* intervocálico, ligando-o à sílaba anterior (pala – pal.a). Percebemos uma variação na produção de /l/ de acordo com a sua posição na sílaba.

O *l* velar, isto é, *l sonus pinguis*, seria o ponto de partida para a variação *l-w* na posição intervocálica. Coutinho afirma que, no sul da Itália e na Sardenha, observa-se o referido tratamento de *l* como *w* na posição intervocálica: *mele* > *meui* (mel); *sale* > *sau* (sal); *scala* > *scawa* (escada); *pala* > *pawa* (pá). Note que a variação acima também ocorre em português, quando a consoante se encontra em final de palavra: *mele* > *mel~m* w. As línguas românicas tratam as estruturas silábicas do latim de maneira diferente. O sardo vocaliza /l/ somente entre vogais, ao passo que o português

vocaliza /l/ em final de palavra.

Outro fenômeno analisado por Coutinho é a perda do *s* e a conservação de consoantes surdas em posição intervocálicas. Esses fenômenos parecem dividir a România. Ao sul e ao leste, ocorre a perda do *s* no romeno, ao passo que, nas outras regiões, há a conservação de *s*: português (*dois*).

No que se refere às consoantes surdas intervocálicas, processo que também divide as línguas românicas, as consoantes surdas intervocálicas latinas conservam-se no oriente (*sapere, mutare*); à medida que, ao norte e ao oeste da România há o processo de sonorização: (*sapere>sabere>saber, mutare>mudare>mudar*).

A consoante *s* em posição final geralmente permanece nas línguas românicas, a queda recorrente se dá em romeno. Já o processo de sonorização das consoantes surdas intervocálicas, que é comum na evolução do latim às neorromânicas, entretanto, não se aplica em romeno.

Silva Neto (1957) indica o glossário *Corpus Inscriptionum Latinarum* (1863)¹, compilado pela Academia de Berlim, como uma importante fonte de investigação sobre o latim clássico comparado ao latim falado nas províncias, sem deixar de registrar que esses fenômenos provavelmente remontam ao latim falado também em Roma.

Diante da dialetalização, os gramáticos latinos costumavam escrever listas com o intuito de corrigir a fala. A mais famosa lista, já referida, chama-se *Appendix Probi* III d. C, reproduzido em (1).

(1) *Appendix Probi*

1. <i>I.porphireticum marmor non purpureticum marmor.</i>	48. <i>byzacenus non byzacinus.</i>
2. <i>tolonium non toloneum.</i>	49. <i>capsesis non capsessis.</i>
3. <i>speculum non speclum</i>	50. <i>catulus (non cat) ellus.</i>
4. <i>masculus non masclus.</i>	51. <i>catulus non ca(te)llus.</i>
	52. <i>doleus non dolium.</i>

¹ Material disponível em http://cil.bbaw.de/cil_en/index_en.html.

5. <i>vetulus non veclus.</i>	53. <i>calida non calda.</i>
6. <i>vitulus non viclus.</i>	54. <i>frigida non fricda.</i>
7. <i>vernaculus non vernaclus.</i>	55. <i>vinea non vinia.</i>
8. <i>articulus non artichus.</i>	56. <i>tristis non tristus.</i>
9. <i>baculus non vaclus.</i>	57. <i>tersus non tertus.</i>
10. <i>angulus non anglus.</i>	58. <i>umbilicus non imbilicus.</i>
11. <i>iugulus non iuglus.</i>	59. <i>turma non torma.</i>
12. <i>calgostegis non calcosteis.</i>	60. <i>celebs non celeps.</i>
13. <i>septizonium non septidonium.</i>	61. <i>ostium non osteum.</i>
14. <i>vacua non vaqua.</i>	62. <i>flavus non flaus.</i>
15. <i>vacui non vaqui.</i>	63. <i>cavea non cavia.</i>
16. <i>cultellum non cuntellum.</i>	64. <i>senatus non sinatus.</i>
17. <i>marsias non marsuas.</i>	65. <i>brattea non brattia.</i>
18. <i>cannelam non canianus.</i>	66. <i>cochlea non coclia.</i>
19. <i>hercules non herculens.</i>	67. <i>cocleare non cocliarium.</i>
20. <i>columna non colomna.</i>	68. <i>palaerium non paliarium.</i>
21. <i>pecten non pectinis.</i>	69. <i>primipilaris non primipilarius.</i>
22. <i>aquaeductus non aquiductus.</i>	70. <i>alveus non albeus.</i>
23. <i>athara non atera.</i>	71. <i>globus non glomus.</i>
24. <i>crista non crysta.</i>	72. <i>lancea non lania.</i>
25. <i>formica non furmica.</i>	73. <i>favilla non failla.</i>
26. <i>musium non museum.</i>	74. <i>orbis non orbs.</i>
27. <i>exequiae non execiae.</i>	75. <i>formosus non formunsus.</i>
28. <i>gyrus non girus.</i>	76. <i>ansa non asa.</i>
29. <i>avus non aus.</i>	77. <i>flagellum non fragellum.</i>
30. <i>miles non milix.</i>	78. <i>calatus non galatus.</i>
31. <i>sobrius non suber.</i>	79. <i>digitus non dicitus.</i>
32. <i>figulus non figl.</i>	80. <i>solea non solia.</i>
33. <i>masclus non mascel.</i>	81. <i>calceus non calcius.</i>
34. <i>lanius non laneo.</i>	82. <i>iecur non iocur.</i>
35. <i>iuvencus non iuvenclus.</i>	83. <i>auris non oricla.</i>
36. <i>barbarus non barbar.</i>	84. <i>camera non cammara.</i>
37. <i>equus non ecus.</i>	85. <i>pegma non peuma.</i>
38. <i>coquus non cocus.</i>	86. <i>cloaca non cluaca.</i>
39. <i>coquens non cocens.</i>	87. <i>festuca non fistuca.</i>
40. <i>coqui non coci.</i>	88. <i>ales non alis.</i>
41. <i>acre non acrum.</i>	89. <i>facies non facis.</i>
42. <i>pauper mulier non paupera mulier.</i>	90. <i>cautes non cautis.</i>
43. <i>carcer non car.</i>	91. <i>pleues non plevis.</i>
44. <i>bravium non bra(beam).</i>	92. <i>vates non vatis.</i>
45. <i>pancarpus non parcapus.</i>	93. <i>tabes non tavis.</i>
46. <i>theofilus non izofilus.</i>	94. <i>suppellex non superlex.</i>
47. <i>homfagium non monofagium.</i>	95. <i>apes non apis.</i>
99. <i>palumbes non palumbus.</i>	147. <i>meretrix non menetris.</i>
100. <i>lues non luis.</i>	148. <i>aries non ariex.</i>
101. <i>deses non desis.</i>	149. <i>persica non pessica.</i>
	150. <i>dysentericus non dysintericus.</i>
	151. <i>opabalsamum non ababalsamum.</i>

<p>102. <i>reses non resis.</i> 103. <i>vepres non vepris.</i> 104. <i>fames non famis.</i> 105. <i>clades non cladis.</i> 106. <i>syrtis non syrtis.</i> 107. <i>aedes non aedis.</i> 108. <i>sedes non sedis.</i> 109. <i>proles non prolis.</i> 110. <i>draco non dracco.</i> 111. <i>oculus non oclus.</i> 112. <i>aqua non acqua.</i> 113. <i>alium non aleum.</i> 114. <i>lilium non lileum.</i> 115. <i>glis non gliris.</i> 116. <i>delirus non delerus.</i> 117. <i>tinea non [tinia].</i> 118. <i>exter non extraneus.</i> 119. <i>clamis non clamus.</i> 120. <i>vir non vyr.</i> 121. <i>virgo non vyrgo.</i> 122. <i>virga non vyrga.</i> 123. <i>occasio non occansio.</i> 124. <i>caligo non calligo.</i> 125. <i>terebra non telebra.</i> 126. <i>effiminatus non imfimenatus.</i> 127. <i>botruus non butro.</i> 128. <i>grus non gruis.</i> 129. <i>anser non ansar.</i> 130. <i>tabula non tabla.</i> 131. <i>puella non poella.</i> 132. <i>balteus non baltius.</i> 133. <i>fax non facla.</i> 134. <i>vico capitis Africae non vico caput Africae.</i> 135. <i>vico tabuli proconsolis non vico tabulu proconsulis.</i> 136. <i>vico castrorum non vico castrae.</i> 137. <i>vico strobili non vicostrobili.</i> 138. <i>teter non tetrus.</i> 139. <i>aper non aprus.</i> 140. <i>amygdala non amiddula.</i> 141. <i>faseolus non fasiolus.</i> 142. <i>stabulum non stablum.</i> 143. <i>triclinium non triclinu.</i> 144. <i>dimidius non demidius.</i> 145. <i>turma non torma.</i> 146. <i>pusillus non pisinnus.</i></p>	<p>152. <i>tensa non tesa.</i> 153. <i>raucus non [d]raucus.</i> 154. <i>auctor non autor.</i> 155. <i>auctoritas non autoritas.</i> 156. <i>(ipse non ipsus?)</i> 157. <i>linteum non lintium.</i> 158. <i>a... petre non... tra.</i> 159. <i>terrae motus non terrimotium.</i> 160. <i>noxius non noxeus.</i> 161. <i>coruscus non scoriscus.</i> 162. <i>tonitru non tonotru.</i> 163. <i>passer non passa.</i> 164. <i>anser non ansar.</i> 165. <i>hirundo non harundo.</i> 166. <i>obstetrix non opsestris.</i> 167. <i>capitulum non capichum.</i> 168. <i>noverca non novarca.</i> 169. <i>nurus non nura.</i> 170. <i>socrus non socra.</i> 171. <i>neptis non nepticla.</i> 172. <i>anus non anucla.</i> 173. <i>tundeo non detundo.</i> 174. <i>rivus non rius.</i> 175. <i>imago non....</i> 176. <i>pavor non paor.</i> 177. <i>coluber non colober.</i> 178. <i>adipes non alipes.</i> 179. <i>sibilus non sifilus.</i> 180. <i>frustrum non frustum.</i> 181. <i>plebs non pleps.</i> 182. <i>garrulus non garulus.</i> 183. <i>parentalia non parantalia.</i> 184. <i>celeps non celeps.</i> 185. <i>poples non poplex.</i> 186. <i>locuples non locuplex.</i> 187. <i>robigo non rubigo.</i> 188. <i>plasta non blasta.</i> 189. <i>bipennis non bipinnis.</i> 190. <i>ermeneumata non erminomata.</i> 191. <i>tymum non tumum.</i> 192. <i>strofa non stropa.</i> 193. <i>bitumen non butumen.</i> 194. <i>mergus non mergulus.</i> 195. <i>myrta non murta.</i> 196. <i>zizipus non zizupus..</i> 197. <i>iunipirus non iuniperus.</i> 198. <i>toleravillis non tolerabillis.</i></p>
--	--

<p>199. <i>basilica non bassilica.</i> 200. <i>tribula non tribla.</i> 201. <i>viridis non virdis.</i> 202. <i>constabilitus non constabilitus.</i> 203. <i>sirena non serena.</i> 204. <i>musium vel musuvum non museum.</i> 205. <i>labsus non lapsus.</i> 206. <i>orilegium non orolegium.</i> 207. <i>ostiae non hostiae.</i> 208. <i>februarius non febrarius.</i> 209. <i>glatri non cracli.</i> 210. <i>alec non allex.</i> 211. <i>rabidus non rabiosus.</i> 212. <i>tintinaculum non tintinabulum.</i> 213. <i>adon non adonius.</i> 214. <i>grundio non grunnio.</i> 215. <i>vapulo non baplo.</i> 216. <i>necne non necnec.</i> 217. <i>passim non passi.</i> 218. <i>numquit non mimquit.</i> 219. <i>numquam non numqua.</i> 220. <i>noviscum non noscum.</i> 221. <i>vobiscum non voscum.</i> 222. <i>nescioubi non nesciocube.</i> 223. <i>pridem non pride.</i> 224. <i>olim non oli.</i> 225. <i>adhuc non aduc.</i> 226. <i>amfora non ampora</i> 227. <i>idem non ide</i></p>	
--	--

Alguns processos são identificados nesse glossário, principalmente a síncope da vogal postônica; tida como um fenômeno que caracteriza a tendência à paroxítonia presente no latim e que é produtiva modernamente em português, como em xícra por xícara. Os registros de nº 7 *vernaculus non vernaclus*; 8. *articulus non articlus*; 9. *baculus non vaclus*; 10. *angulus non anglus* demonstram que a síncope da vogal postônica era comum na variedade popular da língua.

A queda da pretônica só ocorre quando a vogal forma a sílaba sozinha: *epigro* – prego; *episcopo* – bispo. Em sílaba não inicial, a vogal pretônica sofre queda quando adjacente à tônica: *bonitate* – bondade; *veritate* – verdade; *verecundia* – vergonha. Na

perspectiva tradicional, esses fenômenos são tidos como metaplasmos, ou seja, mudanças sonoras sofridas pelas palavras no decorrer de sua evolução. De maneira geral, os metaplasmos são associados à ideia de sílaba como uma sequência de segmentos ou quanto à posição na palavra.

As vogais latinas, no que se refere à quantidade, podem ser longas ou breves. Para emitir uma vogal longa, os romanos gastavam o tempo equivalente a duas vogais breves (COUTINHO, 1969). Vale observar que a regra geral de acentuação latina leva em conta a quantidade vocálica.

(i) em vocábulos dissilábicos, acentua-se a penúltima sílaba: *crīnis* (cabelo), *causa* (motivo);

(ii) em vocábulos com mais de duas sílabas, acentua-se a penúltima sílaba se for longa, caso contrário, se a penúltima sílaba for breve, o acento é atribuído à antepenúltima sílaba, independentemente de sua quantidade: *regīna* (rainha), *laetitīa* (alegria).

Do século I em diante, ocorre uma “confusão” no valor quantitativo das vogais latinas na variedade vulgar da língua, ou seja, na variedade falada pela maior parte da população. Esse fenômeno se intensifica nos séculos posteriores, culminando no desaparecimento da quantidade primeiramente nas vogais átonas (séc III e IV) e posteriormente nas vogais tônicas (séc IV, V e VI). Com o desaparecimento da quantidade, as vogais passam a diferenciar-se apenas pelo timbre. A distinção entre vogal longa e vogal curta, antes fonológica, foi totalmente eliminada ainda no romance, passando para as línguas românicas apenas vogais simples. A quantidade foi substituída pela qualidade vocálica².

² Mais informações sobre pronúncia das vogais longas e geminadas em Ribeiro, L; Cândido, G (2010).

Quanto aos ditongos³, o latim registra a existência de quatro: *ae*, *oe*, *au* e *eu*, sendo o último, mais raro. Desde o latim vulgar havia a tendência de esses ditongos se reduzirem a vogais simples: *saepis* – *sepis* (frequentemente); *caelebs* – *celebs* (célebre). Vejamos alguns exemplos dessa redução:

(i) *ae* (pretônico) > e ou ě: *aequale*>*igual*; *aetate*>*idade*;

(ii) *ae* (tônico) > ě: *caelu*> *céu*; *caecu*>*cego*;

1.2.1 *au*>*ou*: *thesauru*>*tesouro*; *tauru*>*touro*;

1.2.2 *eu*>*o*: *Eusebiu*> *Osébio*

1.2.3 *au*>*o*, *ou*: *claustrum*>*clostrum*; *aurus*>*ouro*

Com efeito, o exemplo em (iii) só se refere à monotongação se fizermos a relação com o que ocorre em português modernamente: *au*>*ou*: *thesauru*>*tesouro*>*tesoro*; *tauru*>*touro*> *toro*. No último período do latim vulgar, surge o ditongo *ai*, que muda para *ei* em português. Estima-se que essa mudança tenha ocorrido no séc IX: **amai*>*amei*; **hai*>*hei*.

Se compararmos o latim com o português, segundo Coutinho (1969), perceberemos que o português apresenta um número maior de ditongos, os processos responsáveis seriam as seguintes:

(i) síncope de fonema medial: *malu*>*mau*;

(ii) vocalização de consoantes: *concepto*>*conceito*; *regnu*>*reino*;

³ A redução do ditongos e das vogais longas, assim como das geminadas será discutida no capítulo de análise.

(iii) metátese: *primariu*>*primairu*>primeiro; *librariu*>**livrario*>livreiro;

(iv) epêntese de uma vogal para desfazer hiato após a queda de fonema medial: *credo*> *creo* >creio; *frenu*>*freo*>freio.

Mais uma vez, a sílaba não é foco de atenção na descrição de processos como os citados acima. As semivogais i e u, seguidas de uma vogal ou começando a sílaba, eram pronunciados como consoante desde o latim antigo. A letra *j* não existia em latim, assim como v (representando a semivogal), a primeira foi acrescida ao alfabeto a partir do Renascimento, para substituir o *i*, e a representação da semivogal u por v também só ocorreu nesse período. O *Appendix Probi* registra a queda do elemento u: *flavuuus* – *flaus*; *bouue* – *boe*. O referido glossário também traz uma variação entre b e u: *auertada* – *abertada*.

Quanto às consoantes, interessa-nos, nesse momento, o que Coutinho (1957) denomina grupos próprios mediais, representados pelas consoantes geminadas do latim que se reduzem a consoantes simples em português: *sabbatu*>sábado. As geminadas *ss* e *rr* permanecem: *ossu*>ossu, *ferru*>ferro. Modernamente os estudiosos argumentam que *ss* e *rr* em português não são geminadas, seriam apenas representações ortográficas, (HORA, 2003).

Coutinho (1969) discute três leis fonéticas que comandaram a evolução da estrutura silábica do latim ao português: lei do menor esforço, lei da permanência da consoante inicial e lei da persistência da tônica.

A lei do menor esforço dita que a evolução tem o sentido de tornar mais fácil a articulação das palavras, ou seja, as quedas e as mudanças dos fonemas teriam obedecido a essas leis. O autor chama a atenção para o princípio da transição: “*As consoantes intervocálicas surdas latinas sonorizam-se, em português, as sonoras*

caem." O autor diz que, em latim antigo, o acento de intensidade colocava a sílaba inicial em evidência, essa intensidade, mesmo concorrendo com o acento pautado na quantidade do latim clássico, teria protegido a sílaba inicial durante toda a evolução. A lei da permanência da consoante inicial estaria alicerçada nesse aspecto.

A lei da persistência da tônica dita que as palavras portuguesas preservam a mesma acentuação tônica do latim. O acento teria protegido a sílaba tônica fazendo-a chegar ao português. Os exemplos que vão de encontro a essa lei, de acordo com o autor, são de natureza fonética morfológica ou por analogia.

De acordo com os estudos acima elencados, a sílaba não é vista como um constituinte e não é discutida a existência de sua estrutura interna. De acordo com as referidas abordagens, a sílaba é tida como uma sequência de sons. Nas seções seguintes, apresentamos o sistema vocálico latino e sua evolução.

1.2 Sistema vocálico latino e sistema vocálico itálico e sua relação com as línguas românicas

Nessa passagem do trabalho, serão arrolados aspectos referentes ao sistema vocálico do latim clássico às línguas neo-românicas da época da expansão do latim. O tratamento das vogais longas e das geminadas consonantais do latim e suas consequências nas línguas neorromânicas nos limiares da dialetalização também serão arrolados. O interesse, aqui, é o registro da evolução do latim às línguas românicas.

1.2.1 O sistema vocálico latino

O latim literário dispunha de cinco qualidades vocálicas e de três ditongos. As

vogais latinas distinguíam-se fonologicamente através da quantidade: *mǎlum* (mal), *mālum* (maçã). A referida distinção quantitativa perdeu-se na propagação da língua latina aos povos da península Itálica, cujas línguas apresentavam um outro sistema vocálico que não abarcava a quantidade vocálica distintiva. Instaurou-se, pois, um colapso do sistema quantitativo e uma reorganização desse sistema sem a quantidade. Nesse ponto, as vogais latinas passaram a distinguir-se via qualidade vocálica.

1.2.2 Sistemas qualitativos românicos

De acordo com Lausberg (1963), as vogais breves latinas eram pronunciadas como abertas e as vogais longas, como fechadas pelos falantes dos dialetos do centro e do sul da Itália. Após o fim do sistema quantitativo, o *i* aberto passou a coincidir com o *e* fechado e o *u* aberto, com o *o* fechado. Forma-se, então, o sistema vocálico itálico qualitativo, que foi atestado a partir do séc III d.C, sendo, possivelmente, mais antigo. Temos, em (2) um quadro comparativo entre sistema quantitativo latino e o sistema qualitativo do latim vulgar ou itálico.

(2) Sistema vocálico do latim clássico e do itálico ou vulgar

Latim clássico	Itálico
ǎ/ā	a
ĕ	ε
ē/ī	e
ī	i
ŏ	o
ō/ū	o
ū	u

Em (2), identifica-se a redução vocálica com o conseqüente fim da oposição quantitativa distintiva e uma fusão qualitativa.

O autor assevera que essa pronúncia das vogais se impôs também na língua popular de Roma e na parte ocidental do império. Todas as línguas literárias românicas teriam como origem o sistema vocálico itálico, à exceção do romeno, segundo o autor.

1.2.3 O sistema vocálico arcaico na Sardenha, na Lucânia e na África

O sistema vocálico itálico não penetrou na Sardenha. Nessa região, o sistema vocálico latino quantitativo permaneceu por muito tempo. Posteriormente, a distinção quantitativa também se perdeu e as quantidades fundiram-se em qualidades únicas. Surgiu, dessa maneira, o sistema sardo arcaico.

(3) Sistema vocálico do latim clássico e do sardo

Sistema quantitativo do latim clássico	Sistema qualitativo no sardo	
ī	i	
ī		
ē		e
ĕ		
ă		a
ā		
ō		o
ō		
ū		u
ū		

O sistema representado em (3) conservou-se nos dialetos do sardo e em algumas regiões da própria península Itálica, mesmo que essas regiões não tenham tido

ligação geográfica com a Sardenha, como na Lucânia do sul, por exemplo, na parte meridional da península Itálica.

O latim africano também apresentava vocalismo sardo. A região do norte da África latinizada apresentava características muito semelhantes ao latim da Sardenha. Os gramáticos africanos contemporâneos do latim registraram essa característica, como Santo Agostinho e *Consentius* observam.

1.2.3.1 Lucano oriental e românico dos Balcãs

Ambos os sistemas, o quantitativo latino e o qualitativo itálico, estiveram em contato na Lucânia e nos Balcãs. As línguas faladas nessas regiões chegaram a formar um Sistema de Compromisso⁴, ou seja, o sistema itálico se conservou nas vogais palatais e o sistema latino quantitativo permaneceu por mais tempo junto das vogais velares⁵. Posteriormente, as quantidades se perderam e se fundiram sem diferença de qualidade, como podemos perceber no quadro (4). Atualmente, esse sistema de compromisso é encontrado numa pequena região na Lucânia oriental e constitui a base do vocalismo do romeno. Em (4), o sistema de compromisso.

(4) Sistema do latim clássico e de compromisso

Sistema quantitativo do latim clássico	ĩ ī ē ě ă ā ǒ ō ŭ ū
Sistema de compromisso	ī e ě a o u

⁴ Lausberg (1963)

⁵ As vogais são modernamente denominadas [+post] ou [-post].

1.2.4 O sistema siciliano

Na região da Sicília, na Calábria e no sul da Apúlia, regiões com forte adstrato ou substrato⁶ grego, a redução do vocalismo latino se dá de maneira um pouco diferente se compararmos com os quadros anteriores. Primeiramente, ē e ō coincidem com ĭ e ŭ ainda em latim clássico, após essa fase, há a formação do sistema siciliano, fundindo ĭ ī ē em *i* e ō ŭ ū em *u*. Portanto, o sistema vocálico siciliano, em (5), não apresenta as vogais médias altas.

(5) Sistema do latim clássico e do siciliano

Sistema quantitativo do latim clássico	ī ī ē ě ā ā ō ō ŭ ŭ
Sistema do siciliano	i ε a ɔ u

1.2 A relação entre a estrutura silábica e o tratamento vocálico

Lausberg (1963) apresenta a evolução das vogais latinas às diferentes línguas levando em conta a sílaba travada e a sílaba aberta. Contudo, percebemos que o autor considera sílaba trava apenas por consoante, sem considerar a vogal longa. Nas línguas da península Ibérica e no romeno, por exemplo, as vogais seriam igualmente breves em sílabas travadas ou abertas (esp. *cǎldo* e *cǎlido*). Entretanto, em outras regiões do império romano, há um tratamento diferente das vogais de acordo com a estrutura silábica. Em alguns casos, por exemplo, as vogais breves originalmente em posição

⁶Adstrato: língua falada que coexiste com outra no mesmo espaço territorial; substrato: língua suplantada por outra após convivência no mesmo espaço territorial.

travada, foram alongadas, evoluindo, mais tarde, para ditongos. Esse processo é comum na passagem do latim ao francês, ao franco-provençal, aos dialetos compreendidos pelo reto-romance, ao italiano do norte e aos dialetos da porção oriental da Itália do sul. Identificamos, nessa passagem, uma referência à formação do ditongo diante da perda da consoante.

A relação entre estrutura silábica e as vogais remonta à época do sistema quantitativo latino: vogais longas eram encontradas em sílaba aberta e vogais breves eram encontradas em sílabas travadas por consoante: *cūpa/cŭppa*; *sūcus/sŭccus*; *bāca/băcca*. Na parte setentrional (norte da Itália, reto-romano e franco-provençal), as vogais longas herdadas do latim passaram a vogais alongadas românicas, como *stēlla* >*stēla*, mas a geminada é reduzida a vogal simples por conta da incompatibilidade entre vogal longa e sílaba fechada nessas línguas. Se não era possível a redução vocálica que permitisse a geminada, a vogal longa permanecia e a geminada era reduzida. Essa questão será retomada no capítulo de análise. Portanto, a redução da geminada já ocorria em época bem antiga e isso estaria ligado à evolução e a condições do vocalismo. Essas questões serão retomadas quando do tratamento da estrutura moraicada do latim clássico e do latim vulgar.

1.3.1 Vogais e estrutura silábica

Vejamos como, de acordo com Lausberg (1963), a estrutura silábica tem papel na redução das vogais longas do latim às línguas românicas. Nesse momento, as comparações sempre partirão das formas em latim em relação às mesmas formas nas línguas românicas. A vogal *ī* latina geralmente passa a *i* nas línguas neorromânicas. Quando a vogal ocupa o núcleo de sílaba travada, torna-se *e* no obvaldico (Suíça) e no

vegliota (dialeto dálmata) e em dialetos do reto-romance e do italiano. Se *ī* for núcleo de sílaba aberta, essa vogal é alongada em ditongo decrescente em alguns dialetos da parte oriental da Itália: *iy, ei, ai, oi*. No estágio posterior da mudança, o segundo elemento do ditongo é transformado em oclusiva, como *teila>teglā*. No quadro (6), há alguns exemplos da evolução da vogal partindo do latim até as línguas românicas.

(6) A vogal *ī* em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	<i>scrīptu</i> - sardo: <i>skrittu</i> ; romeno: <i>scris</i> ; port. e esp.:escrito; obváldico: <i>scret</i>
Sílaba aberta	<i>fīlu</i> – sardo: <i>filu</i> ; romeno: <i>fir</i> ; port.: fio; apuliano: <i>fīlā, feila</i> ; franco-provençal: <i>teila>teglā</i>

A vogal *ī* latina coincide, no sardo, com *ī* do latim clássico resultando *i*, como demonstra o quadro do vocalismo sardo apresentado anteriormente. Em romeno e nas línguas do sistema qualitativo itálico, *ī* do latim clássico funde-se com *ē* latino clássico resultando *e*.

(7) A vogal *ī* em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	<i>mītto</i> – sardo: <i>mintu</i> ; port.: meto; espanhol: <i>meto</i>
Sílaba aberta	<i>sīte</i> – sardo: <i>sitis</i> ; romeno: <i>sete</i> ; port.: sede

As vogais *ē* e *ě* do latim clássico resultam *e* em sardo, que, conforme a vogal final, realiza-se como *e* ou *ɛ*. Em romeno e nas línguas do sistema qualitativo itálico, *ē* do latim clássico funde-se com *ī* do latim clássico na qualidade *e*. A vogal *e* do latim vulgar, junção de *ī* e *ē* do latim clássico, mantém-se no romeno (podendo ditongar-se), no italiano, no provençal e no português. Em espanhol, articula-se meio aberta; em

catalão, a vogal apresenta condições diferentes, muda para ϵ . Na zona ocidental da península Itálica, temos e vulgar evoluindo para e nas línguas românicas.

Em algumas áreas, \underline{e} latino vulgar, proveniente de \bar{e} , originalmente em posição travada, evolui de maneira diferente de e originalmente em sílaba aberta. Quando ocupa núcleo de sílaba travada, e mantém-se em francês arcaico e , posteriormente, a partir do séc XII/XIII, passa a ϵ . No obváldico, assim como em muitos dos dialetos reto-romanos, e evolui para ϵ em sílaba travada.

Em sílaba aberta, a vogal e latina vulgar (<latim clássico \bar{i} e \bar{e}), em francês, franco-provençal, românico grisão, ladino central e em dialetos do norte e do sudeste da Itália, ditonga-se para ei . O ditongo monotonga-se em ϵ em algumas regiões, em outras, evolui a ai e oi . O que é regular, aqui, é a formação de ditongo decrescente. Em uma parte dos dialetos reto-romanos, a semivogal do ditongo ei passa /g/ em posição final e antes de consoante surda, como em *tegla* em reto-romano.

(8) A vogal \bar{e} em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	\bar{e} sca – sardo: <i>esca</i> ; romeno: <i>iasca</i> ; catalão: <i>esca</i> ;
Sílaba aberta	v \bar{e} lu – sardo: <i>belu</i> ; port.: <i>vϵu</i> ; esp. <i>velo</i> ; catalão: <i>vϵu</i> ; obváldico: <i>vel</i> ; t \bar{e} la – sardo: <i>tea</i> ; romeno: <i>teara</i> ; port.: <i>teia</i>

A vogal \bar{e} do latim clássico coincide, no sardo, com o produto de \bar{e} e \bar{e} do latim clássico, pode realizar-se, de acordo com a vogal final, como e ou ϵ . Em romeno e nas línguas do sistema qualitativo itálico, essa vogal passa a ϵ . Em um estágio seguinte, em romeno, vegliota, istriano e espanhol, ϵ ditonga-se para $i\epsilon$ ou ie , em catalão, fecha-se

resultando *e*. Por outro lado, *ε* permanece em português, em provençal e obválido. Em dialetos do norte da Itália, em francês e em franco-provençal, a evolução da vogal depende de estrutura silábica: *ε* permanece em sílaba fechada e ditonga-se para *ie* em sílaba aberta.

(8) A vogal *ě* em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	<i>fěrru</i> – sardo: <i>ferru</i> ; romeno: <i>fier</i> ; pot.: <i>ferru</i> ; espanhol: <i>hierru</i>
Sílaba aberta	<i>pěde</i> – sardo, port., provençal: <i>pε</i> ; espanhol: <i>pie</i>

A vogal *a* do latim vulgar (proveniente da fusão de *ā,ǣ* do latim clássico) permanece em sardo, romeno, português, espanhol, catalão, provençal, obválido e italiano como *a*. Em vegliota, ditonga-se em *uo*, em sílaba aberta e, em sílaba travada, como *ua*. A referida vogal também pode palatalizar-se passando a *e* no francês e em dialetos reto-romanos e na parte oriental do sul da Itália.

(9) A vogal *a* em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	<i>caballu</i> – sardo: <i>caddu</i> ; romeno: <i>cal</i> ; esp.: <i>caballo</i> ; obválido: <i>cavagl</i> <i>arbore</i> – sardo: <i>árbore</i> ; port.: <i>árvore</i> ; vegliota: <i>iuárbal</i>
Sílaba aberta	<i>mare</i> – sardo, romeno e italiano: <i>mare</i> ; francês: <i>mer</i> ; vegliota: <i>muor</i>

A vogal *ō* do latim clássico funde-se, na passagem ao sardo e ao romeno, com *ō* do latim clássico resultando *o*, que se realiza de forma diferente dependendo da vogal final. Em línguas de sistema qualitativo itálico, *ō* coincide com *ũ* resultando *o*, que se mantém em português, em catalão, em provençal e italiano. Em espanhol, *o* é pronunciado meio aberto. Em provençal moderno, passa a *u* e, em vegliota, *o* evolui a

au em posição livre e a *u* quando núcleo de sílaba travada.

Novamente, em alguns dialetos (franco-provençal, reto-romano, dialetos da Itália do norte e do sudeste) o, proveniente do latim vulgar, quando em posição travada, evolui de maneira diferente em relação à posição livre. Quando *o* ocupa o núcleo de uma sílaba travada, passa a u em francês, em obvâldico e em dialetos do norte da Itália. Em posição livre, *o* pode se ditongar em *ou* que, em estágio posterior, dissimila e resulta *eu*, o ditongo *eu*, por sua vez, monotonga-se a *ö* no francês.

(10) A vogal *ō* em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	<i>ōlla</i> – romeno: <i>oala</i> ; esp.: <i>olla</i> ; francês arcaico: <i>oulle</i> - <i>öle</i>
Sílaba aberta	<i>cōte</i> – romeno: <i>cute</i> ; provençal: <i>cot</i> ; francês: <i>queux</i>

A vogal *ō* do latim clássico confunde-se com *ō* latino clássico resultando *o* em romeno e em sardo. Dependendo da vogal final, realiza-se como *o* ou *o* no romeno e como *o* ou *oa* no sardo. Nas línguas do sistema qualitativo itálico, *ō* do latim clássico passa a *o* no latim vulgar, que se conserva em português, obvâldico, catalão e provençal. Em espanhol, ditonga-se para *uo* em vegliota, ditonga-se para *uo*, resultando *u* em posição livre e *ua* em posição travada nessa língua modernamente. Em francês, franco-provençal e em ladino central, a realização dessa vogal depende da estrutura silábica, *o* permanece em posição travada e se ditonga em posição livre.

(11) A vogal *ō* em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	<i>cōllu</i> – port.: <i>colo</i> ; espanhol: <i>cuelo</i> ; catalão: <i>coll</i>
Sílaba aberta	<i>rotta</i> – port., catalão, provençal, obváldico: <i>rōda</i> ; romeno: <i>roata</i> ; espanhol: <i>rueda</i>

A vogal ū do latim clássico permanece como *u* em romeno, italiano, sardo, catalão, espanhol e português, entretanto, torna-se *ü* em francês, em franco-provençal, no românico grisão, no ladino central e em dialetos galo-italianos. Em obváldico, *ü* passa a *i* e *i*, em posição travada, abre-se passando a *e*. A ditongação de *u* em posição livre encontra-se na parte oriental da Itália do sul e em dialetos do grisão. No grisão, como em dialetos franco-provençais, o segundo elemento do ditongo pode tornar-se oclusivo.

(12) A vogal ū em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	<i>fūste</i> – sardo, esp.: <i>fuste</i> ; obváldico: <i>fischt</i>
	<i>dūru</i> – sardo: <i>duru</i> ; vegliota: <i>doir</i> ; pot., esp., italiano: <i>duru</i> ; obváldico: <i>dir</i> <i>mūru</i> – sardo: <i>muru</i> ; romeno: <i>mur</i> ; reto-românico: <i>mikr</i>

A vogal ū do latim clássico funde-se, em sardo e em romeno, com *ū* do latim clássico na qualidade de *u*. Em línguas que fazem parte do sistema qualitativo itálico, *ū* junta-se com *ō* na qualidade de *o*.

(13) A vogal ū em sílaba travada e em sílaba aberta

Sílaba travada	<i>sūrdu</i> – sardo: <i>surdu</i> ; romeno: <i>sud</i> ; espanhol: <i>sordo</i> ; obváldico: <i>suord</i>
Sílaba aberta	<i>gūla</i> – sardo: <i>bula</i> ; romeno: <i>gura</i> ; espanhol: <i>gola</i> ; francês: <i>guelle</i> ; obváldico: <i>gula</i>

1.3.2 Posição livre *versus* posição travada na respectiva língua românica: evolução posterior das vogais latinas

Após observarmos o papel da estrutura silábica da palavra em latim, estrutura essa ainda comprometida com a ideia de que a sílaba é uma sequência de sons, passemos à estrutura silábica nas línguas neo-românicas, não perdendo de vista que há diferença entre sistema quantitativo latino e sistema qualitativo itálico. Por conta de alguns processos na evolução do latim às línguas neo-românicas, a estrutura silábica se modifica. Por exemplo, a queda de vogais, de consoantes ou até de sílabas faz com que as condições, em comparação com o latim, se estabeleçam de maneira diferente: a vogal tônica de *bove* ocupa núcleo de sílaba aberta em latim, em contrapartida, de sílaba fechada ou travada em francês: *bœf*.

Lausberg (1963) chama a atenção, por exemplo, para a reorganização qualitativa do francês moderno. De acordo com o autor, em francês arcaico, *ē* longo (< lat.a, *ĕ*) e *ĕ* (<lat. *ē*, *ĭ*) fundiram-se em uma única qualidade: *e*. Em francês moderno, *e* pronuncia-se ϵ como em *mer*, *fête*.

Os ditongos *ue* (lat. *ō*) e *eu* (lat. *ō*) também se fundiram, resultando *ö*. No final de palavra, *ö* é sempre fechado, *meut*, *veut*, no meio da palavra, a pronúncia depende da consoante seguinte: (i) aberta – *fleur*, *oeuf*; (ii) fechada – *meute*. A qualidade *o* só é possível no final da palavra com pronúncia fechada: *mot*, *dos*. As vogais nasais em francês também dependem da estrutura silábica. Temos *un*, *vin* (nasal), mas *une*, *épine* (oral). A oposição $a/\text{ə}$, que tem por base uma diferença quantitativa arcaica (*ā/ă*), pode se modificar diante de um apagamento, por exemplo, o alongamento de *a* para compensar o apagamento de *s*: *pâte* (*paste*>*pa:te*).

Em sardo, *e* e *o* (lat.clássico \bar{e} , \check{e} , \check{o} , \bar{o}) tem a pronúncia fechada quando, na sílaba final, há *-i* ou *-u* latinos. Quando essa condição não estiver presente, pronunciam-se abertos: *gĕneru* – *gheneru*; *vĕrum* – *veru*, mas *catĕna* – *katɣna*. No retorromano, teríamos casos semelhantes, assim como no obváldico.

Em romeno, a qualidade ɔ , advinda de \bar{o} e de \check{o} do latim clássico, antes de *-ŭ* e de *-ī* latinos finais, passam ao ditongo *uo*, que depois se monotonga para *o*: *grossu* – *gros*, *locu* – *loc*. Antes das vogais finais latinas (*-a* e *-e*) permanece ɔ (<lat. \bar{o} e \check{o}), realizando-se como ditongo aberto *oá*: *grossa* – *groasa*.

A vogal *e* do latim vulgar, proveniente da fusão entre \check{i} e \bar{e} , permanece em romeno antes de *-ī* e *-ŭ* e *-o* (que logo se transformou em *u*) latinos na posição final da palavra: *directu* – *drept*, *nigru* – *negru*. A vogal latina vulgar ɔ , procedente de \check{e} e do ditongo *ae*, ditonga-se para *-ie* antes de *-ī* e de *-ŭ* latinos em posição final: *fĕrru* – *fier*, *pectu* – *piept*, peito. Antes de outras vogais finais, a vogal aberta primitiva foi substituída pelo ditongo *-iá* que, em romeno moderno, antes de *-e* final, passa a *-ié*: *pĕtra* > *piatra* > *piétra*. Note que as mudanças vocálicas arroladas por Lausberg (1963) são explicadas levando em conta a presença ou ausência de determinadas vogais no final da palavra, como se vê na evolução de \check{e} para ditongo em romeno. O autor não estabelece nenhuma relação entre a vogal breve e o ditongo sem peso. Mais adiante, trataremos da ditongação das vogais breves latinas.

Feita essa descrição sobre o sistema vocálico e sua evolução para as línguas neorromânicas, passemos a descrever a quantidade consonantal em latim e o seu comportamento nas línguas advindas do latim.

1.4 Geminadas em latim e a passagem para as línguas neorromânicas

Os estudos tradicionais tratam as geminadas em latim como consoantes duplas. De acordo com Kent (1945), essas consoantes representadas como duplas na escrita eram pronunciadas como longas. Graur (1929) refere que é fácil reconhecer uma consoante geminada na grafia: “... é um grupo que compreende duas formas para a mesma consoante.” De fato, a geminada, aqui, é entendida como uma sucessão de duas consoantes simples. Na pronúncia, seria uma consoante prolongada, ou longa. Lausberg (1963) assevera que a geminação se realiza nos sons contínuos através de uma articulação mais prolongada e nos sons oclusivos, via retardamento da explosão. Esse tipo de consoante existia em latim e existe nas línguas modernas, sejam de origem latina ou não.

As consoantes geminadas contrastavam com as consoantes simples. Palavras como *ager* e *agger* (campo e dique, respectivamente) diferenciavam-se pela quantidade silábica. . O latim vulgar manteve a distinção entre as consoantes geminadas e as simples correspondentes. Entretanto, dependendo da estrutura silábica, essa relação era de variação.

Em latim, as sequências formadas por vogal longa + consoante simples e vogal simples + consoante dupla são, pois, variantes. Quando uma sílaba é formada por núcleo ocupado por uma vogal longa seguida por uma geminada consonantal, os falantes do latim optavam por reduzir a vogal e manter a geminada consonantal, ou por produzir a vogal longa e reduzir a geminada consonantal: *glūtus* ~ *glüttus* (guloso); *cūpa* ~ *cūppa* (copo). Os gramáticos latinos criticavam ambas as escolhas, saindo em defesa da sílaba com geminada vocálica e consonantal.

No período que corresponde à dialetalização, porém, quase todas as línguas do ocidente que derivaram do latim simplificaram as consoantes duplas. Assim, a

geminção é hoje um traço característico apenas do italiano e do sardo: *annu* (ano) – sardo: *annu*; italiano: *annu*; *vacca* (vaca)– sardo: *bakka*; italiano: *vacca*.

Graur (1945) chama a atenção aos processos que envolvem as geminadas, dentre eles a conservação de consoantes surdas na passagem às línguas neorromânicas, tais como, português, espanhol e francês. Segundo o autor, as consoantes surdas não se sonorizam nesse ambiente, porque o fenômeno de sonorização é bloqueado pela geminada: *buffo*>*bufo* (sapo), *scoffina*> *scofina* (grande águia). As consoantes geminadas que não sofrem a sonorização, simplificam-se na passagem para o francês.

Na România ocidental, não se encontra, geralmente, a fusão da consoante dupla simplificada com as consoantes simples intervocálicas. Após a queda das consoantes simples intervocálicas, as consoantes geminadas simplificadas passaram substituir as geminadas. Em romeno, não há lenização das consoantes simples intervocálicas, por conta disso, há fusão entre as consoantes geminadas e as simples correspondentes. O quadro das geminadas latinas está a seguir, Onzi (2007).

(14) Geminadas latinas

	labiais		anteriores		posteriores		
	simples	geminadas	simples	geminadas	simples	geminadas	
oclusivas	surdas	p	-pp-	t	-tt-	k	-kk-
	sonoras	b	-bb-	d-	-dd-	g	-gg-
constritivas	surdas	f	-ff-	s	-ss-	-	-
	sonoras	-	-	-	-	-	-
nasais	m	-mm-	n	-nn-	-	-	
laterais	-	-	l	-ll-	-	-	

1.4.1 A geminada -ll-

A referida geminada é simplificada relativamente cedo nos dialetos do italiano do norte, no reto-romano, no provençal e no francês. Por esse motivo, a vogal se

envolve nos processos de alongamento nessas línguas: *stēlla* > *stēla* – italiano: *stella*; obváltico: *steila*; francês: *étoile*. Em português, no entanto, não há alongamento: estrela.

De acordo com Lausberg (1963), uma pronúncia não-dental do latim teria modificado qualitativamente a geminada -ll- em muitas regiões. Na Itália central e em parte da Itália do sul, a base é mantida [ll]: *caballo*, *valle*. Em contrapartida, na Romênia ocidental, [ll] reduz para [l] de maneira que se funde com a consoante simples latina: *caballu* – provençal: *caval*; francês: *cheval*. Em português, enquanto as consoantes geminadas latinas são simplificadas, as consoantes simples intervocálicas são elididas: *caballu* > cavalo; *malu* > mau.

Em romeno, em situações nas quais o l simplificado encontra-se em posição intervocálica, o mesmo é elidido: *gallīna* > *găina* (galinha); se o ambiente não for intervocálico l advindo de geminada permanece, na maioria dos casos: *caballu* – *cal* (cavalo); se a consoante l preceder e, permanece em romeno: *stellas* – *stele* (estrela). Antes de a, l romeno passa a [u], que se mantém antes de i e de a romenos acentuados, desaparecendo diante das demais condições: *illa* – *ziua* (aquela); *medulla* – *mădúa* (medula). Mais uma vez, percebemos que não há menção à estrutura silábica e que os fenômenos de mudança são relacionados à presença ou ausência de segmentos vizinhos, sem, no entanto, explicar o processo pelo qual a mudança se implementa.

1.4.2 A geminada -rr-

A referida geminada permanece em sardo (*karru*) e italiano do sul e central (*carro*). Na porção ocidental da Romênia, -rr- simplifica-se passando a -r- em retorromano e em italiano do norte, confundindo-se com a consoante simples latina original,

o mesmo ocorre em romeno (*terra* < *tara*). Na parte ocidental da România ocidental, -rr- mantém-se, como em francês arcaico, português (*terra*), provençal (*terra*), catalão (*terra*) e espanhol (*tierra*). O francês simplificou essa geminada por voltado séc XIII.

1.4.3 A geminada -nn-

A geminada -nn- latina permanece em sardo (*annu*), italiano central e do sul (*anno*). Em italiano do norte, provençal, em reto-romano, em romeno e em francês houve a simplificação e a fusão da geminada com a consoante simples latina -n-. A geminada -nn- simplifica-se em português, catalão e espanhol: *anno* > ano.

1.4.4 As geminadas -pp-, -tt-, -kk-, -ff-

A geminada -kk- é afetada, na passagem às línguas românicas, pela palatalização antes de e, i e a: *accingere* – italiano (*accingere* [dž]); francês (*aceindre* [ts]); provençal (*acendre* [s]).

As demais consoantes geminadas simplificaram-se nas línguas românicas, a despeito do italiano e do sardo, que as mantém. As geminadas /pp, tt, kk (ff, ss)/ se simplificam na passagem para as línguas românicas e as consoantes simples originais se sonorizaram em /b, d, g (v, z)/, como em português e em espanhol: *cuppa* > copo; *guttam* > gota; *peccatum* > pecado; mas *lupu* > lobo; *acutum* > agudo; *amico* > amigo; *casa* > ca[z]a; *Sthefanum* > Esté[v]am, Holt (1997). As geminadas sonoras /gg, dd/ apenas se simplificaram: *aggredire* > agredir; *additione* > adição.

De acordo com o autor, há, ainda, a possibilidade das consoantes simples /b, d, g/ passarem a um estágio intermediário [β, δ, γ] e serem frequentemente apagadas

quando em contexto intervocálico em espanhol: *credo* > *credo* > *creo*; *regina* > *reína*.

Em suma, a sílaba e sua relação com a quantidade latina pode ser percebida quanto à redução de ditongos e de vogais longas; quanto ao tratamento dado às geminadas; quanto à métrica; quanto à qualidade das vogais médias; quanto à síncope, dentre outros processos. Estudos tradicionais não dão conta da relação entre a quantidade e a sílaba. Tratar dos efeitos da perda da quantidade vocálica e consonantal nas línguas românicas, tais como português, italiano e espanhol sob a ótica de uma teoria moderna é o objetivo desse trabalho.

A SÍLABA

Inicialmente, a fonologia gerativa não se deteve no estudo da sílaba, senão quando Hopper (1976) introduziu a sílaba nos estudos da fonologia natural e Kahn (1976, nos estudos da fonologia autosegmental).

Após a aceitação da sílaba como unidade fonológica, as investigações em torno dessa unidade se preocupavam com sua natureza, seu papel na fonologia, sua estrutura interna, dentre outras questões. Com o advento de teorias não-lineares, a sílaba passa a ser um dos principais temas de discussão da teoria fonológica.

Na subseção 2.1, apresentamos as propostas de Selkirk (1982) e Harris (1983), em 2.2, de Ito (1986) e, em 2.3, de Hymam (1985) e Hayes (1989).

2.1 Estrutura hierárquica

Esta seção começa pela visão de sílaba como constituinte prosódico, seguindo-se sua interpretação autosegmental de três camadas para, por fim, estabelecer um paralelo entre essas teorias e a Teoria da Moras.

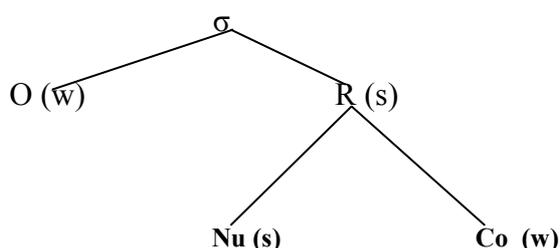
2.1.1 Selkirk (1982)

A autora defende a sílaba como uma “unidade significativa que deve ter seu lugar na teoria fonológica.” Para tanto, Selkirk (1982) arrola três razões: (i) a explicação mais geral e explanatória de regras fonotáticas só podem ser feitas com base na estrutura silábica; (ii) somente através da sílaba podemos caracterizar adequadamente o domínio de aplicação de certas regras da fonologia segmental; (iii) um tratamento adequado de fenômenos supra-segmentais, tais como o acento e o tom, requer que os segmentos

estejam agrupados em unidade do tamanho da sílaba. Essas mesmas razões podem sustentar o argumento de que segmentos internos da sílaba podem figurar como constituintes imediatos.

Selkirk (1982), retomando Pike e Pike (1947), define sílaba como uma estrutura prosódica organizada hierarquicamente. A estrutura em (15) confere à sílaba *status* de constituinte prosódico.

(15) Estrutura silábica



A autora defende uma abordagem de constituintes imediatos em detrimento de uma abordagem que define a sílaba apenas como uma seqüência de segmentos. A divisão binária da sílaba se dá através do ataque e rima, a rima, por sua vez, se subdivide em núcleo e coda. Dentre os constituintes, apenas o núcleo é obrigatório. A relação mais estreita entre núcleo e coda e o fato de co-ocorrências de restrições fonotáticas serem mais comuns entre esses dois constituintes do que entre ambos e o ataque sustentam a análise com base nos constituintes imediatos.

Por definição, um constituinte prosódico possui dois subconstituintes em uma relação de forte e fraco, ou vice versa, isto é, uma relação de subordinação, como a representada em (15).

Selkirk (1982) arrola um outro conceito importante para a construção da sílaba, o *template* ou molde silábico. O template, CCVC ou CCVCC, por exemplo, carrega um conjunto de características importantes da estrutura silábica: (i) composição

da sílaba em termos de tipos de segmentos de classe maior; (ii) a ordem desses segmentos dentro da sílaba; (iii) as relações estruturais entre esses tipos de segmentos (definidos em termos de constituintes imediatos); (iv) a opcionalidade desses segmentos ou grupos de segmentos dentro da sílaba. O *template* tem o papel de contribuir, junto com restrições fonotáticas, para a boa formação da estrutura silábica de representações fonológicas de língua particular.

Além do *template* silábico, o conceito de silabação é importante, ou seja, a escansão da palavra em sílabas, pois se uma palavra não pode ser escandida em sílabas bem formadas, então essa palavra não existe, já que o domínio da silabação é a palavra.

Para explicar a estrutura silábica, no entanto, o *template* não é suficiente, os seguintes princípios são necessários: (i) Princípio de composição da sílaba básica; (ii) Princípio de maximização do ataque; (iii) Princípio de ressilabação. O Princípio de composição da sílaba básica compreende o *template* e o conjunto de restrições colocacionais, trabalhando para a boa formação da estrutura da sílaba; o Princípio de maximização do ataque diz que, na estrutura da sílaba, o ataque é maximizado de acordo com o Princípio de formação da sílaba básica; os Princípios de ressilabação participam na derivação operando na representação fonológica, podendo até modificá-la.

É importante lembrar que Selkirk (1982) defende a sílaba como uma estrutura interna hierarquicamente organizada, formada por constituintes imediatos, sujeitos a princípios e convenções. A quantidade e peso silábico, nessa visão, são veiculados através da rima ramificada.

2.1.2 Harris (1983)

Harris (1983) e Selkirk (1982) concebem a sílaba como um constituinte prosódico que se formaliza através da estrutura arbórea. Entretanto, diferentemente de Selkirk (1982), Harris (1983) lança mão de regras para dar conta de restrições fonotáticas as quais serão descritas a seguir.

A regra de formação do ataque é a seguinte: construa uma árvore ramificada maximamente binária da categoria ataque cujos ramos dominem segmentos [+cons] que não estão adjacentes na escala universal de sonoridade.

As regras responsáveis por formar a rima são três: (i) regra 1 – construa uma árvore ramificada maximamente binária da categoria rima, onde o ramo esquerdo obrigatoriamente domine segmentos [+silábico, -cons] e o ramo direito, opcionalmente, o ramo direito domine segmentos [-silábico]; (ii) regra 2 – junte um segmento [-cons] à rima (inserção do glide); (iii) junte o segmento/s/ à rima já existente.

As referidas regras não são capazes de impedir sequências como *dl* em dialetos do espanhol em posição de ataque. Por conta disso, após as regras de formação, temos os filtros. Os filtros são restrições negativas que restringem as sequências de segmentos no interior de cada constituinte.

O filtro do ataque que dá conta dos dialetos do espanhol, que permitem *tl*, *tr* e

dr, mas excluem *dl* é o seguinte:

$$\left(\begin{array}{c} + \text{cor} \\ - \text{cont} \\ + \text{voice} \end{array} \right) \left(\begin{array}{c} + \text{cor} \\ - \text{cont} \\ + \text{voice} \end{array} \right) \text{ ataque}$$

Elementos que não são adjungidos ao ataque ou à rima, são apagados por convenção, segundo a qual segmentos não associados são elididos.

Estão presentes, em sua análise, Princípios universais, como Sonoridade e outros que fazem parte da fonologia autosssegmental. O Princípio de distância de

sonoridade, por exemplo, exige que, em um ataque complexo, a diferença de sonoridade entre as duas consoantes seja maior do que 2.

No que diz respeito ao peso silábico, se tomássemos o modelo de Harris (1983) seria difícil explicar o comportamento assimétrico do padrão CVC: ora pesado em línguas como o latim, ora leve em línguas como o lardil.

2.2 Estrutura em camadas Ito (1986)

Reconhecer a sílaba como uma unidade prosódica, segundo Ito (1986), é entender melhor processos fonológicos relacionados. Em consequência disso, a sílaba pode ser tratada como as demais estruturas da hierarquia prosódica, tais como o pé métrico, a palavra fonológica e a frase entonacional.

A autora trata a sílaba como uma estrutura em três camadas independentes. A camada mais profunda representa a sílaba (σ), a camada intermediária, denominada esquelética ou prosódica, representa Cs e Vs e a camada melódica, os traços correspondentes aos segmentos.

Ito (1986) parte do pressuposto de que a Teoria Autossegmental, teoria que analisa os fenômenos linguísticos considerando-os em *tiers* ou camadas, dispensaria a ideia de que a sílaba possui subconstituintes. A autora conta com três Princípios prosódicos: (i) Licenciamento Prosódico – Todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas, ou seja, devem pertencer a uma estrutura prosódica mais alta na hierarquia; (ii) Localidade – A boa-formação da estrutura prosódica é determinada localmente; (iii) Direcionalidade – O mapeamento fonológico ocorre direcionalmente, isto é, da direita para a esquerda, ou da esquerda para a direita. A silabificação é tida como um processo de “*template matching*” governado por condições

de boa-formação silábica e por parâmetros direcionais.

O princípio da localidade requer que a boa-formação silábica seja determinada localmente, não dependendo de informação de fora da estrutura. A localidade também desempenha um papel no que se refere ao domínio de restrições no *tier* melódico. A autora analisa processos que aparentemente violam Localidade em japonês. Em japonês, sílabas com coda nasal são permitidas, ao passo que sílabas com coda obstruinte são agramaticais. Entretanto, sílabas com obstruintes na coda seguidas de obstruinte idêntica no onset são permitidas, exemplos em (16).

(16) Dados do japonês

(a) sen.see “professor”

(b) sek.ken “sabão”

gak.koo “escola”

(c) * kap. toot

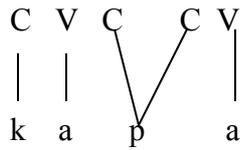
* sek.pa

Os exemplos arrolados pela autora aparentemente violam Localidade. A solução para a suposta violação é tratar as obstruintes como geminadas. Como as geminadas são representadas com uma dupla linha de associação, Localidade está sendo respeitada, a configuração apresentada por Ito (1986) está em (17a).

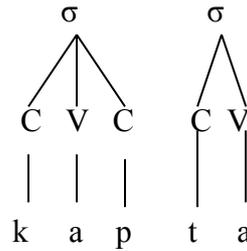
(17) Estrutura silábica

(17)a. kap.pa



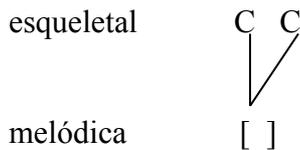


b. * kap.ta



Na forma gramatical em (17a), *p* é ligado a dois *slots* na *camada* esquelética, representando a geminada. No exemplo agramatical em (17b), a ligação dos segmentos em questão não é dupla. Fazendo referência às propriedades singulares das geminadas, a autora lembra que o segmento complexo se comporta como dois segmentos em algumas ocasiões e, em outras, como segmento único. Essa distinção pode ser feita através da diferenciação entre camada melódica e camada esquelética.

18) Representação da geminada



De acordo com (18), as geminadas atuam como dois segmentos quando as regras se referirem ao tier esquelética, entretanto, se comportam como um só segmento quando as regras se referirem à camada melódica. A autora lembra que as geminadas resistem a regras de maneira inexplicável, mesmo que a estrutura requerida pela regra seja encontrada. Isso nos faz pensar na discussão em torno da inalterabilidade das geminadas⁷.

Para Ito (1986), as geminadas são inalteráveis quando as duas camadas estão envolvidas na regra. A autora refere a restrição de ligação de Hayes (1986): linhas de associação em descrições estruturais são interpretadas exhaustivamente. O que protege

⁷ Hayes (1986)

formas como em (17a) de serem banidas pela silabificação é a ligação dupla, o que não ocorre em (17b).

Em suma, a autora concebe a sílaba como um constituinte prosódico que não possui estrutura interna como onset e rima, diferentemente de Harris (1983) e de Selkirk (1982), e assume a silabificação como um ajuste dos segmentos do *tier* CV ao molde da língua. O peso silábico, aqui, está representado pela dupla linha de associação e pelos Cs e Vs na camada esquelética.

A atribuição da sílaba, na visão da autora, deve atender aos princípios de Localidade, Direcionalidade e Licenciamento Prosódico, esse último princípio é um importante aspecto que será retomado por Hayes (1989) para dar conta do licenciamento das moras. A ideia de sílaba desprovida de constituintes internos também está presente na abordagem do autor.

2.3 Moras

As teorias apresentadas passam que segue partem do pressuposto de que a sílaba não possui os constituintes *onset* e rima. Questões como peso silábico e tom, nessas teorias, são tratadas através das unidades de peso e das moras.

2.3.1 Hyman (1985)

Hyman (1985) defende a sílaba como unidade prosódica que agrupa os segmentos em uma categoria prosódica. A silabificação, dentro dessa abordagem, consiste em agrupar os segmentos das línguas do mundo em "batidas" ou em "unidades de peso", doravante, *WU* que correspondem à ideia de mora. Os conceitos de peso

silábico, de *tier* do peso e de silabificação independentes da estrutura silábica são questões importantes dentro dessa teoria.

Partindo da distinção entre sílabas pesadas e sílabas leves nas línguas do mundo, Hyman (1985) mostra como algumas estruturas silábicas podem ser tratadas quanto ao peso ou à quantidade:; (i) algumas línguas, como o latim, tratam sílabas cujas rimas são preenchidas por vogal curta como leves e sílabas cujas rimas são compostas por vogal longa ou por consoante final, como pesadas; (ii) para o huadesco, as sílabas cujas rimas possuem vogal curta são leves, já as sílabas cujas rimas apresentam vogal longa são pesadas, não importando, para o peso silábico, o travamento por consoante.

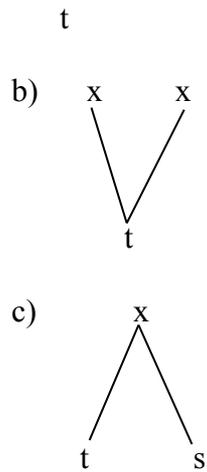
De acordo com as teorias anteriormente referidas, o peso está diretamente relacionado ao número de constituintes da rima ou à natureza dos segmentos que a preenchem. A rima, portanto, precisa apresentar uma estrutura específica para capacitar a sílaba como pesada, já o *onset* não contribui para o peso silábico.

Em uma abordagem por moras, uma sílaba pesada é composta por duas moras, enquanto uma sílaba leve, por uma mora. As sílabas com mais de duas moras são tidas como superpesadas. Um tratamento do peso via moras se diferencia de outras teorias por tratar do peso como uma propriedade das sílabas e não de traços como [cons] ou [son]. Para Hyman (1985), portanto, o peso silábico ou a quantidade estão representados através do *tier* do peso, no qual estão identificadas as *Wus*.

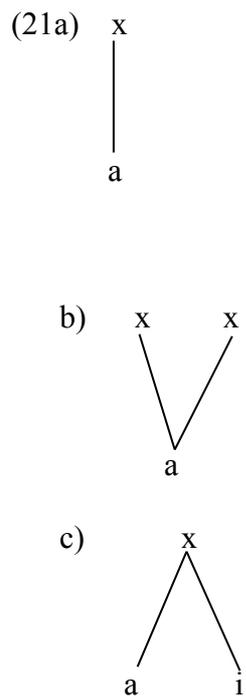
Para Hyman (1985) um *tier* x, representando [+seg] é suficiente para dar conta da questão da silabicidade e da quantidade em qualquer língua, sem depender de informações de língua particular. Como vemos exemplos em (20) e (21).

(20a)

x
|



Em (20a), o autor representa a consoante simples, ao passo que a consoante geminada é representada em (20b) e, em (20c), há um exemplo de consoante complexa.

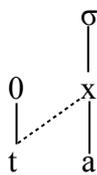


Em (21a), há a representação da vogal curta; a vogal longa, associada a duas Wus, é representada em (21b); em (21c), o ditongo é representado.

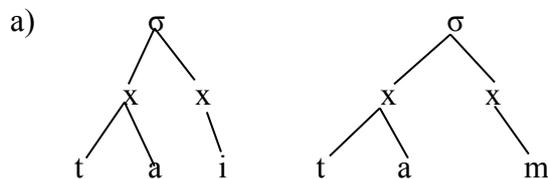
Para o autor, todos os elementos estão associados a um x ou dois x no *tier* do

peso. O elemento mais sonoro dominado por um x consiste no pico de silabicidade: "*This sillabicity is realized on the most sonorous segment dominated by each such WU*"⁸ (A silabicidade se dá através do segmento mais sonoro dominado por uma *WU*). Como todo x tem peso, em uma sequência [+cons]-[-cons], a Regra de criação de onset (Onset Criation Rule) deleta a *WU* do segmento [+cons] e o reassocia ao x da matriz mais à direita. Um exemplo de sílaba CV está em (22), no qual o nó da sílaba domina apenas uma *WU*.

(22) Criação de onset



(23) Sílabas pesadas

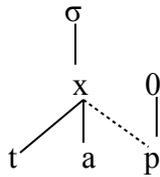


Em (23), há dois exemplos de sílabas pesadas, as quais possuem duas *Wus*. De acordo com o referido esquema, sílabas com a vogal longa, ditongo ou consoante pós-vocálica são pesadas por portarem dois *x* no *tier* do peso. O latim possui sílabas com as estruturas (22) e (23), entretanto, não possui sílabas do tipo (25).

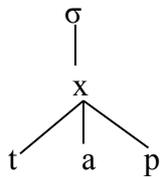
Há a possibilidade de uma sílaba travada por consoante não estar associada a nenhum *x*, o que dá conta das línguas nas quais a coda não contribui para o peso, como o lituano. Quando dessa última situação, uma regra de criação de margem (*Margin Creation Rule*), em (21), deleta o *x* da consoante pós-vocálica, resultando em (25).

⁸ Hyman (1985) p. 20.

(24) Criação de margem



(25) Síllava CVC leve



O autor afirma que algumas regras adicionais podem ser necessárias dependendo da língua em questão. Uma delas seria a Regra de Adjunção de Margem, a qual associa segmentos a estruturas como em (25) à margem já existente removendo sua Wus correspondentes. Nessa situação, a consoante não porta WU, isto é, não tem peso.

2.3.2 Hayes (1989)

Geralmente, se uma língua apresenta uma distinção de peso, apresentará também uma distinção de quantidade vocálica. Isso se dá pelo fato de a mesma configuração ser necessária para representá-las: sílabas bimoraicas. Entretanto, algumas línguas permitem sílabas pesadas, mas não permitem que a vogal ocupe duas moras,

como o português. De outra maneira, uma língua pode ter sílaba pesada composta por vogal longa e não contar sílabas travadas por consoante como pesadas.

O latim, por exemplo, possui vogais longas e vogais curtas, assim como sílabas pesadas e sílabas leves, ao passo que o português, por exemplo, possui somente as últimas. Para o latim, CVV e CVC contam como pesadas e CV conta como sílaba leve. Nessa língua, por exemplo, várias regras e restrições identificam CVC como sílaba pesada, tais como atribuição de acento, métrica e encurtamento iâmbico. Já para o lardil, apenas CVV é pesada, CVC e CV são sílabas leves. Já os processos de truncamento, aumento e reduplicação são fenômenos que identificam CVC, em lardil, como uma sílaba leve. Percebemos, pois, que a estrutura moraica é variável entre as línguas.

Referindo Hyman (1985), Hayes assevera que o *tier* prosódico é constituído por unidades de peso, isto é, por moras. A mora representa duas questões importantes nessa teoria: (i) o contraste entre sílabas pesadas ($\mu\mu$) e sílabas leves (μ); (ii) a mora conta como uma posição fonológica, ou seja, um segmento longo é representado como duplamente associado, à medida que um segmento simples é representado através de uma única linha de associação. De acordo com o autor, a teoria das moras, portanto, não é uma teoria segmental, não há processos fonológicos que contam segmentos, mas há processos fonológicos que contam moras ou sílabas. A sílaba, na sua concepção, não apresenta onset e rima, somente moras.

A mora, então, passa a ser objeto de pesquisa de muitos autores que se preocupam com o peso e a quantidade silábica, como Montreuil (1992), Pulleyblank (1994), Lahiri, Riad e Jacobs (1999), Morén (1999), Cohn (2003), Oostendorp (2005), Elfner (2006), Brennan (2008), dentre outros.

A fonologia das moras é o pressuposto teórico que embasa a análise do

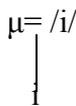
presente estudo que tem como objetivo investigar os efeitos da evolução da estrutura moraic do latim ao italiano, português e espanhol por acreditarmos que essa teoria concebida para estudos sincrônicos pode dar conta dos efeitos da mudança de estrutura moraic do latim às línguas em questão.

2.3.2.1 Atribuição de estrutura moraic sob a ótica de Hayes (1989)

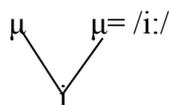
Diante da variação referida anteriormente, o autor elenca as seguintes questões: (i) Como as línguas atribuem estrutura mórica?; (ii) Que estrutura mórica é contrastiva fonologicamente? Para o nosso estudo, formulamos a seguinte pergunta: (iii) De que maneira a teoria dá conta dos efeitos de mudança de estrutura moraic?

Em línguas nas quais há uma distinção quantitativa, vogais longas possuem duas moras e vogais curtas, uma mora, como em (26) e (27) respectivamente. As consoantes simples são representadas, na subjacência, sem *status* moraic, ou seja, a esses elementos não são atribuídas moras, da mesma maneira, o glide não possui mora, como vemos nos exemplos (28) e (29).

(26) Vogal curta /i/



(27) Vogal longa /i:/



(28) Consoante simples

= /n/

n

(29) Glide

= /y/

i

As geminadas recebem uma mora na subjacência, como vemos em (30), para distinguí-las das consoantes simples, exemplo (31). Há ainda uma configuração muito rara nas línguas do mundo, segundo Hayes (1989), na qual uma consoante é associada subjacentemente a duas moras. Isso ocorre nas línguas que permitem consoantes silábicas longas.

(30) Geminadas

$\mu = /nn/$
|
n

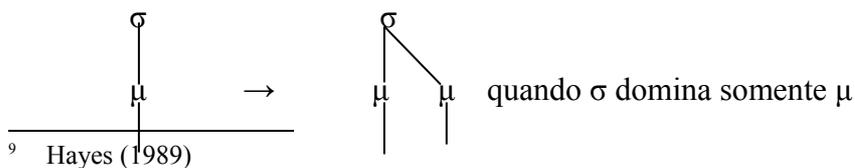
(31)

= /n/

n

A consoante simples, quando pós-vocálica, recebe mora por *Weight by position*: "... coda consonants are given a mora when they are adjoined to the syllable⁹." (... uma consoante em coda recebe mora quando adjungida à sílaba). *Weight by position* é uma regra específica de língua que se aplica nas línguas para as quais CVC é pesada, a representação está em (32).

(32) *Weight by position*

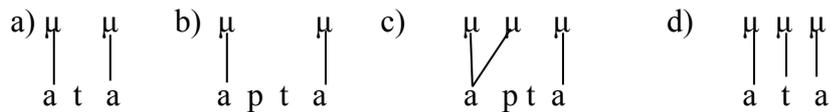


α β α β

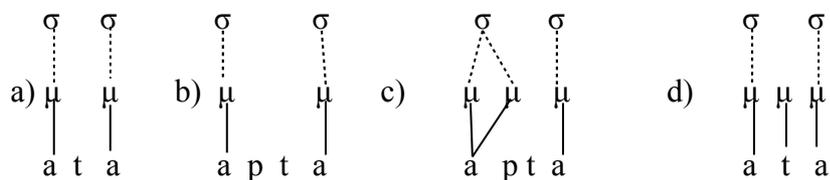
Em línguas nas quais CVC é pesada, portanto, a consoante pós-vocálica é associada através de *Weight by position*, por outro lado, em línguas nas quais CVC é leve, a regra não se aplica. Se, em uma língua, apenas um grupo de consoantes é capaz de dar peso à sílaba quando em posição de coda, isso deve ser informado em β . Em latim, língua na qual CVC é uma sílaba pesada, *Weight by position* atribui uma mora à consoante na coda silábica, em línguas como o lardil, por exemplo, não há uma regra desse tipo e a consoante pós-vocálica é associada à mora precedente. *Weight by position* é referido por muitos estudiosos a partir da proposta de Hayes (1989), tais como Gordon (1999), Rosenthal e Hulst (1999), dentre outros.

No que se refere à silabificação, primeiramente ocorre seleção de segmentos mórficos, respeitando a sonoridade, para ocupar o núcleo silábico, exemplo (33), após esse passo, a sílaba é atribuída, como em (34).

(33) Formas subjacentes



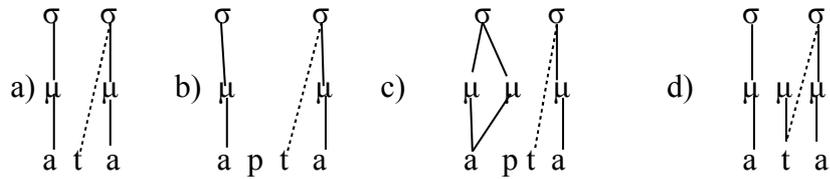
(34) Atribuição de σ



A partir disso, ainda respeitando a sonoridade, as consoantes são adjungidas ao *onset* do nó da sílaba, como em (35), e consoantes da coda, à mora precedente,

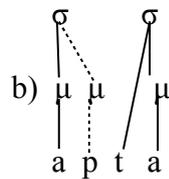
representação (36).

(35) Adjunção de consoantes pré-vocálicas

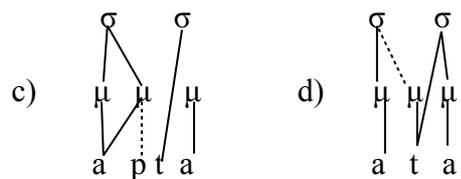


As consoantes pós-vocálicas são associadas via *Weight by Position*, como (36b) representa. Em (37d), temos a geminada. Consoantes pós-vocálicas em sílabas duplamente travadas, são adjungidas através de Adjunção de segmentos restantes, sem conferir peso à sílaba, exemplo (37c).

(36) Adjunção por *Weight by Position*



(37) Adjunção de segmentos restantes



[ata]

[apta]

[a:pta]

[atta]

A preocupação com relação a quais segmentos podem portar mora e de que maneira se dá a atribuição de estrutura moraica está presente em muitos trabalhos que se reportam às vogais longas e geminadas em contraposição à consoante simples em

diferentes línguas, tais como Chung (1997), Hume, Muller e Engelenhoven (1997), Morén (1999), Arvaniti (2001), Curtis (2003), Gore (2003), Brown (2003), McCrary (2006), Onzi (2007), Gordon, Jany, Nash e Tarrara (2008), Odden (no prelo).

2.3.2.2 Alongamento compensatório

Alongamento compensatório é definido por Hayes (1989) como alongamento de um segmento engatilhado pelo apagamento ou encurtamento de um segmento vizinho. Trazemos alguns tipos de alongamento compensatório trados pelo autor : (i) alongamento "*flop*"; (ii) alongamento por perda vocálica; (iii) alongamento por formação de glide; (iv) por perda consonantal. Como o objetivo desse trabalho é dar conta da resolução da perda de quantidade vocálica e de quantidade consonantal na passagem do latim para as línguas neorromânicas, o alongamento compensatório se mostra um processo de conservação de mora, assim como a gemação consonantal e a ditongação dentre os tipos de resolução escolhidos pelas línguas em questão. Autores como Gasiorowski (1993), Kavitskaya (2002), Lunden (2006) e Shaw (2008) tratam de alongamento compensatório de acordo com os pressupostos de Hayes (1989).

2.3.2.3 Alongamento por perda consonantal

Hayes (1989) analisa vários tipos de alongamento compensatório e compara análises sob a ótica do SPE, Teoria x (Hymann (1985) e Teoria das moras com o objetivo de demonstrar que um tratamento via Teoria das moras é mais adequado, exemplos em (38).

(38) Alongamento compensatório por perda consonantal em latim

<i>*kasnus</i> ¹⁰	<i>ka:nus</i>	Cinza
<i>*kosmis</i>	<i>ko:mis</i>	Afável
<i>*fideslia</i>	<i>fide:lia</i>	Pote

Em (38), a vogal é alongada para compensar o apagamento de /s/. O problema reside no fato de /s/ inicial apagar sem engatilhar alongamento vocálico, como em (39).

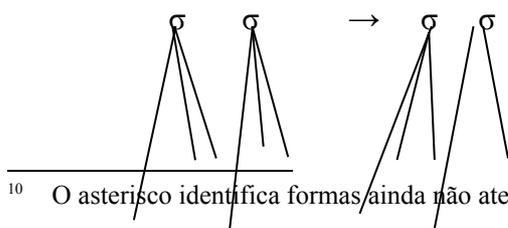
(39) Perda consonantal sem alongamento compensatório

<i>*smereo</i>	<i>mereo</i>	"eu mereço"
<i>*snurus</i>	<i>nurus</i>	"nora"
<i>*slu:bricus</i>	<i>lubricus</i>	"escorregadio"

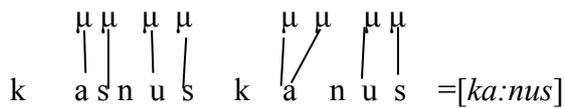
A Teoria das moras dá tratamento adequado ao apagamento de /s/ em ambas as situações em latim: sílabas do tipo CVC em latim são pesadas, por conta disso, /s/ em posição de coda é portador de mora, ao passo que /s/ em posição de onset não possui mora.

Quando ocorre o apagamento, a mora da consoante elidida permanece flutuante e é associada à vogal precedente, resultando um segmento vocálico longo. Como /s/ inicial não carrega mora, o apagamento desse elemento não deixa mora desassociada e não provoca alongamento compensatório.

(40) Alongamento compensatório por perda consonantal



¹⁰ O asterisco identifica formas ainda não atestadas na língua.



Entretanto, Hayes (1986) observa que o alongamento vocálico compensatório não é geral, pois há línguas nas quais o mesmo não se aplica. Razão pela qual o autor não o considera um fenômeno exclusivo das moras, mas também da sílaba. Algumas línguas não alongam a vogal, mas alongam a consoante à esquerda ou à direita, criando uma geminada. De que maneira dar o *status* universal a um comportamento tão variável das línguas?

Hayes (1989) argumenta que, se o alongamento compensatório fizer parte dos Princípios Universais de Silabificação, o caráter universal e a variabilidade estão garantidos. Os Princípios Universais de Silabificação são os seguintes: (i) Licenciamento Prosódico: os elementos prosódicos de um nível mais alto, como as moras, devem estar associados a constituintes mais altos na hierarquia prosódica; (ii) *Stray Erasure*: elementos que não são associados são apagados no final da derivação; (iii) *Parasitic Delinking*: toda a estrutura da sílaba deve ser deletada quando a sílaba não contiver um elemento nuclear. Os mecanismos de espriamento estão inseridos na silabificação por terem efeito no licenciamento de moras vazias. Dessa maneira, o universal e o variável fazem parte da teoria.

2.3.2.4 Alongamento por perda vocálica

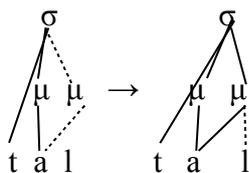
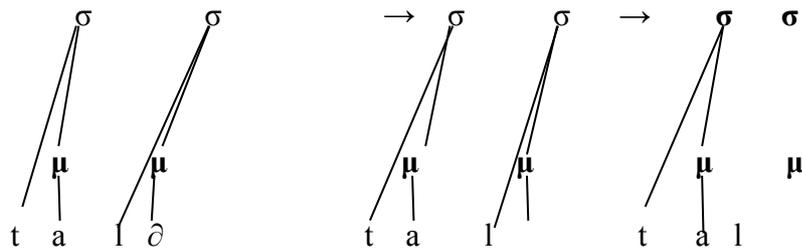
O alongamento por perda vocálica consiste na queda de uma vogal com o consequente alongamento da vogal da sílaba precedente. A vogal acentuada da penúltima sílaba aberta é alongada quando o schua final cai em inglês médio, como em

[talə] → [ta:l].

O autor assume que a perda do *schwa* torna toda a estrutura da última sílaba mal-formada, por conta disso essa sílaba é eliminada. Trata-se do efeito do princípio *Parasitic delinking*, que exige que toda uma estrutura silábica seja deletada quando a sílaba não contiver um segmento nuclear evidente.

Quando a vogal é desligada da mora, a mora permanece livre, dando prosseguimento a uma nova associação. Após a mora associar-se à vogal precedente, alongando-a, a consoante perdida é incorporada pela silabificação como coda silábica, como vemos em (41).

(41) Alongamento por perda vocálica



2.3.2.5 Alongamento por formação de glide

O alongamento por formação de glide se dá quando uma consoante se alonga por conta da vogal precedente tornar-se glide, ou seja, por causa da perda da mora da

vogal precedente, como em /ia/ → [ya:]. Nesses casos, há alongamento compensatório com geminação da consoante precedente.

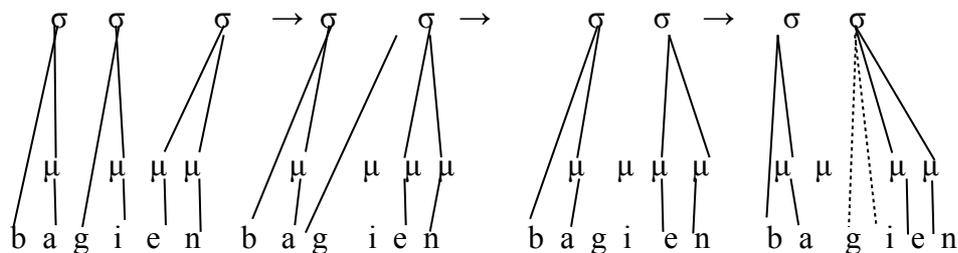
Hayes (1989) parte do fenômeno do fenômeno em Ilokano. Nessa língua, há três situações: (i) geminação provocada pela criação de glide; (ii) geminação esporádica; (iii) alongamento inexistente. Em Ilokano, o alongamento obedece a questões de sonoridade: (i) as consoantes que geminam devem estar mais abaixo na escala de sonoridade; (ii) as obstruintes simples geminam; (iii) as nasais e /l/ variam quanto à geminação; (iv) [r, l, w, y] nunca geminam.

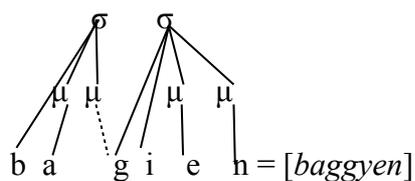
(42) Alongamento *versus* não alongamento em Ilokano

bági + en	Baggyén
damo + en	damweén ~ dammwén
ʔárko + an	ʔarkwán

A geminação por formação de glide se dá através da desassociação da vogal final da raiz que, posteriormente, é deslocada o *slot* seguinte, tornando-se um *onset* da sílaba seguinte. *Parasitic Delinking* elimina toda a estrutura silábica mal-formada que resultou do deslocamento do glide. A silabificação associa /gi/ à sílaba seguinte e a mora, livre, reassocia-se com a consoante /g/, criando a geminada, como vemos em (43).

(43) Alongamento por formação de glide





Os casos nos quais não há alongamento compensatório como em *ǂárko + an = ǂarkwán*, a primeira parte da geminada não pode ser silabificada e é deletada por *Stray Erasure*. A variação gradiente do alongamento compensatório está ligada à sonoridade. Consoantes mais altas na escala de sonoridade não geminam, nasais e /l/ geminam esporadicamente e as obstruintes geminam sempre. Hayes (1989) assume uma regra que se aplica cegamente a todas as consoantes e trata da variabilidade com a regra *Degemination*. Essa regra se aplica obrigatoriamente em alvos com sonoridade igual ou maior que a de /r/, variavelmente, em alvos com sonoridade de /l/ ou de nasais e se aplica esporadicamente em alvos com sonoridade de /s/ ou menor.

2.3.2.6 Sílabas trimoraicas

De acordo com Hayes (1989), o peso silábico é tratado como uma oposição binária, isto é, $\mu\mu$ é o máximo de moras que uma sílaba pode carregar. Mesmo que haja consoantes adjungidas a sílabas do tipo CVC e CVV, essas consoantes são agregadas à última mora e não dão mais peso à sílaba.

Essa limitação de duas moras faz previsões interessantes, por exemplo, o apagamento de uma consoante em uma sílaba duplamente travada não engatilha alongamento compensatório. Entretanto, Hayes (1989) apresenta alguns argumentos que comprovariam a existência de sílabas trimoraicas em algumas línguas. A bimoraicidade será objeto de discussão desse trabalho mais adiante.

O processo de alongamento compensatório se aplica em sílabas duplamente travadas no proto-germânico. Nessa língua, o apagamento de uma consoante [n], antes de [x], provoca o alongamento em sílabas duplamente travadas, mesmo que sejam não-finais: * $\theta anxta \rightarrow * \theta a : xta$. Essa mudança não pode ser explicada, a não ser que consideremos a sílaba em questão trimoraica.

O segundo argumento é baseado no fato de distinções de peso silábico referidas por regras de acento poderem requerer sílabas trimoraicas. É o que ocorre em sílabas super-pesadas em Hindi (CVVC, CVCC). Essas sílabas são tratadas de maneira diferente das sílabas pesadas (CVV, CVC). Nessa língua, as sílabas super-pesadas comportam-se como sequências de sílaba pesada + sílaba leve em qualquer lugar da palavra.

A existência de sílabas trimoraicas ainda é sustentada por um terceiro argumento: algumas línguas apresentam uma distinção de duração vocálica tripartida (/V/ - /V:/ - /V: :). Hayes (1989) assevera que alguns dialetos do alemão possuem essa distinção. Historicamente, segundo o autor, essa distinção teria se originado no processo de alongamento compensatório por conta do apagamento da vogal seguinte. O latim não está inserido em nenhuma das situações apontadas pelo autor, segundo qual, as sílabas trimoraicas são tratadas de maneira satisfatória pela Teoria das moras. Exemplos de sílaba trimoraica como resultado de alongamento compensatório em (44).

(44) Sílaba trimoraica como resultado de alongamento compensatório

Falar 2 ^a p. sing	falar 1 ^a p. plural	falar 1 ^a p. sing.	
*sprikst	*sprekn	*sprek ∂	formas originais
	spre:kn	spre:k ∂	V \rightarrow V:/] _{sil}
		spre::k	perda do <i>schwa</i>

			com alongamento
sprekst	spre:kn	spre::k	compensatório
			formas atuais

Sumarizando, Hayes (1989) argumenta que a diferença entre rima ramificada e rima não-ramificada ser expressa através da quantidade de moras. Regras que fazem referência à rima podem ser expressas com a ideia de “segmento dominado por uma mora (a associação de segmentos é de um–para-um). As restrições de co-ocorrência de segmentos também podem ser vistas sob a ótica da teoria defendida pelo autor através do limite de duas moras por sílaba e de um segmento por mora.

A análise que será apresentada nesse estudo, que diz respeito à estrutura moraica do latim ao italiano, português e espanhol, tomará os pressupostos da Fonologia das Moras. Diferentemente do que fez Hayes (1989), a Teoria das Moras será utilizada para explicar questões que envolvem a estrutura moraica sob uma perspectiva diacrônica. Questões como variação da estrutura moraica em latim, conservação e perda de mora, efeitos de *Stray Erasure*, *Parasitic Delinking* e *Weigth by Position* serão discutidas.

3 EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS: ESTUDOS MODERNOS

Nessa passagem do trabalho, apresentamos estudos que se preocupam com a evolução da quantidade e da estrutura silábica do latim às línguas neorromânicas a partir de abordagens modernas, em contrapartida aos estudos descritos no capítulo 1.

3.1 Vogais longas e geminadas do latim ao galego-português e espanhol arcaico (Holt 2003)

Holt (2003), ao tratar das mudanças do latim ao galego-português e espanhol arcaico, argumenta que a perda da quantidade distintiva no sistema vocálico do latim foi responsável por mudanças no sistema consonantal. Para o autor, a capacidade distintiva da duração foi perdida inicialmente dentre as vogais e, como consequência, as consoantes moraicais foram atingidas: “... *the loss of contrastive vowel length initiates changes in the series of long consonants*” (A perda da duração vocálica contrastiva dá início à mudança na série das consoantes longas). Isso só seria possível, entretanto, se assumíssemos uma relação de causa e consequência entre esses dois fenômenos.

O sistema vocálico do latim passou por etapas na evolução às línguas neorromânicas em direção à simplificação. Da mesma maneira, o sistema consonantal latino passou por estágios rumo à simplificação e palatalização das geminadas¹¹.

As vogais longas latinas passam a vogais curtas nas línguas advindas do latim, entretanto, o espanhol apresenta um estágio intermediário responsável pela ditongação das vogais *ě* e *ǫ*.

O primeiro estágio da mudança no sistema consonantal compreende: (i)

¹¹ Mais informações sobre processos fonológicos em hispano-romance em Lief (2006).

redução das obstruintes geminadas e vocalização de consoantes velares e do -l final; (ii) simplificação das geminadas soantes -nn- e -ll- para -n- e -l-, em galego-português, e para ñ e ll, em espanhol arcaico.

3.1.1 O sistema vocálico

Em um estágio intermediário, o espanhol arcaico mantém o sistema de sete vogais, herdadas do latim tardio¹² que teria se desenvolvido a partir do sistema vocálico do latim clássico. Nesse estágio, a ditongação afeta ĕ e ō.

(45) Estágios do espanhol arcaico

1º estágio	2º estágio
Oposição estável entre vogais curtas e longas	Em direção à eliminação da quantidade distintiva
ī ĭ ū ũ	ī ĩ ū u
ē ĕ ō ō	ē ε ō ɔ
āā	āā

bībit > [bĭbrĭt] (bebe)	pedem > [peðε(m)] (pé)
buccam > [bŭka(m)] (boca)	rotam > [rɔda(m)] (roda)

Enquanto as vogais longas eram estáveis, as vogais curtas tornaram-se, de alguma maneira, mais baixas e não-tensas. O resultado disso é que /i/ e /u/ abriram-se para /ĭ/ e /u/ e /e/ e /o/, abriram para /ε/ e /ɔ/, como podemos perceber no 2º estágio. Holt (2003) afirma que, no 3º estágio, já no latim falado na Hispânia, as vogais latinas /i,u/ e /e/ e /ɔ// fundiram-se com /ē,ō/.

A distintividade qualitativa se mostrou suficiente para a manutenção do contraste que se torna mais facilmente percebido pelo falante/ouvinte, motivo pelo qual

¹² Latim tardio é também entendido como latim vulgar.

a distintividade quantitativa deixou de ser fonológica e foi eliminada, como podemos ver nos quadros (46) e (47).

(46) Evolução da qualidade vocálica

Latim tardio; hispano-romance; galego-português	espanhol arcaico
i u	i u
e /ε/ o ɔ	e ε>je o /ɔ/> we
a	a

(47) Português arcaico e espanhol arcaico

português arcaico	espanhol arcaico
m[ɔ]rte	m[we]rte
s[ε]te	s[je]te

A ditongação se aplica nas vogais ε/ e /ɔ/ do estágio intermediário entre latim tardio e hispano-romance, resultando [je] e [we]. Essa ditongação não se aplica em galego-português, de modo que, em um grande número de formas com /ε/ e /ɔ/ em português (c/ε/u, p/ɔ/rta), em espanhol, temos ditongos (c/je/lo, p/we/rta). Por esse motivo, o espanhol não apresenta, em seu inventário, as vogais médias baixas. Retomaremos essa questão através da análise de Calabrese (2003).

3.1.2 As geminadas do latim ao galego-português e espanhol arcaico

Outra característica que distingue o galego-português e o espanhol arcaico está no tratamento dado às geminadas -nn- e -ll-. As referidas geminadas latinas simplificam-se na passagem do latim ao galego-português e ao espanhol arcaico, a

diferença está no desenvolvimento dos segmentos nessas duas línguas. Enquanto as consoantes simples latinas intervocálicas *-n-* e *-l-* caem do latim ao galego-português (*cane* < cão; *malu* < mau), as geminadas *-nn-* e *-ll-* foram encurtadas para *-n-* e *-l-*. O espanhol arcaico, por sua vez, manteve as consoantes simples latinas *-n-* e *-l-* em posição intervocálica e impediu a passagem direta das geminadas *-nn-* e *-ll-* a consoantes simples, o que causaria identidade no sistema consonantal. Então a língua simplificou as geminadas convertendo-as em palatais /ɲ/ e /ʎ/.

A dupla articulação palatal, qualitativa e não quantitativa, era suficiente para a manutenção da distintividade. O autor assevera que “A duração é elidida pela erosão da mora, mas a energia necessária para produzir a geminada permanece e acaba por se realizar em um segmento palatal e curto.” No entanto, vale observar que as consoantes palatais são consideradas consoantes complexas que possuem dois traços de articulação, de acordo com Clements (1985). Partindo desse pressuposto, as palatais do espanhol são segmentos que conservam a características das geminadas. Payne (2006) trata da palatalização como índice não-duracional de consoantes longas, retornaremos a essa discussão no capítulo 4.

A evolução da perda da quantidade vocálica consonantal através da gradual eliminação do *status* moraico das consoantes geminadas respeitou a sonoridade dos segmentos. As primeiras consoantes geminadas latinas a serem simplificadas foram as obstruintes, depois as soantes. As consoantes velares (plosivas e *l* em final de sílaba) e também *clusters* constituídos de velar e coronal foram simplificados: */-kt-/ octo* – oito; */-gn-/ pugnus* – punho; */-lC-/ multu* – muito. As mudanças que afetaram a estrutura segmental objetivaram a manutenção da moraicidade. A escala de sonoridade utilizada pelo autor é a seguinte.

(48) Escala de sonoridade

vogais > glides > líquidas > nasais > obstruintes

Com base nas considerações expostas anteriormente, Holt (1997,2003) faz uma análise do latim ao galego-português e espanhol arcaico via TO. As restrições que o autor utiliza para dar conta da perda da quantidade vocálica e de suas consequências para o hispano-romance são os seguintes: NO MORAIC CONSOANTS (NMC) *C_μ – Consoantes não devem ser portadoras de mora; (ii) FAITHFULNESS; (iii) MAX – Todo elemento no *input* tem um correspondente no output; (iv) DEP – Todo elemento no output tem um correspondente no input; (v) IDENT (F)- Segmentos correspondentes tem idêntico valor quanto ao traço (mudança de traço proibida).

Em suma, Holt (1997,2003) identifica as principais características da evolução do sistema vocálico e consonantal do latim ao hispano-romance e de seu desenvolvimento em português e espanhol. Ambas as línguas da Ibéria simplificaram as vogais longas latinas, entretanto, o espanhol ditonga as vogais breves, diferenciando-se, assim, do galego-português. As consoantes geminadas latinas são simplificadas em português e em espanhol, embora o espanhol mantenha *-nn-* e *-ll-* através de palatalização. O autor entende que a redução das vogais longas e a simplificação das geminadas são processos diferentes, assumindo, inclusive, que um fenômeno pressupõe o outro.

3.2 A estrutura silábica do latim sob uma perspectiva tipológica (Lehmann 2003)

Com o objetivo de caracterizar a estrutura das sílabas do latim, o autor parte de pressupostos das teorias de estrutura silábica e de variação tipológica: (i) fonotaxe da estrutura silábica; (ii) correspondência entre a estrutura silábica e estrutura do morfema;

(iii) processos que afetam a estrutura silábica. Lehmann (2003) tem como objetivo traçar escalas de complexidade da estrutura silábica do latim ao romance.

Interessa-nos observar as referidas escalas e verificar quais afirmações podem efetivamente explicar ou exemplificar a evolução da estrutura moraicada do latim às línguas românicas.

3.2.1 Estrutura silábica

Para Lehmann (2003), o latim permite moderada complexidade no onset, a qual foi sendo reduzida durante a evolução da língua ao romance. Da mesma maneira, a língua permite rimas complexas que foram reduzidas do latim ao romance, assim como complexidade no núcleo silábico, que foi igualmente reduzida.

O autor assinala que o latim tem a sílaba como unidade fonológica mínima e *locus* de traços suprasegmentais, tais como acento e tom. Partindo da escala de sonoridade, a estrutura silábica é formada por “ondas de sonoridade”, ou seja, pontos de maior sonoridade alternam com pontos de menor sonoridade. Sendo assim, a sílaba se encontra entre dois pontos sucessivos de baixa sonoridade, de modo que os segmentos de maior sonoridade ocupam o pico silábico, ao passo que os segmentos de menor sonoridade, as margens. A escala de sonoridade da qual o autor lança mão segue em (49).

(49) Escala de sonoridade

Sonoridade	categoria	construção
máximo	vogal aberta	mínimo
	vogal média	
	vogal fechada	
	líquidas, aproximantes	
	nasais	
	fricativas	
mínimo	plosivas	máximo

A estrutura fonotática da sílaba é universal e pode ser descrita através de um modelo de constituição de estrutura, entretanto os detalhes desse modelo são de língua específica. O latim, por exemplo, teria as seguintes categorias de sonoridade e a seguinte constituição da sílaba, exemplificado com as palavras monossilábicas *strix* (coruja) e *stirps* (tronco). Note-se que sílabas com as configurações descritas abaixo não são permitidas em português, pois formas com essa característica são alvo de epêntese vocálica.

(50) Categorias de sonoridade em latim

categorias de sonoridade		categoria dos segmentos
principal	subcategoria	
3	3	vogal aberta
	2	vogal média
	1	vogal fechada
2		aproximantes, líquidas
1,5		nasais
1	3	sibilantes
	2	outras fricativas
	1	obstruintes

O quadro em (50) apresenta os valores dos segmentos quanto à sonoridade. Quanto à sonoridade principal, todas as vogais, por exemplo, tem o valor 3, ao passo que, dentro da subcategoria, isto é, dentro do subconjunto das vogais, os segmentos possuem uma escala de valor. As aproximantes, líquidas e nasais não dispõem de valores dentro da subcategoria, entretanto, os demais segmentos consonantais apresentam valor 1 de categoria principal e valores gradientes dentro da subcategoria.

A constituição da sílaba, segundo Lehmann (2003) se dá como em (50)

respeitando as categorias de sonoridade representadas em (50).

(51) Constituição da sílaba em latim

constituente	sílaba						
	pré-inicial	σ					pós-coda
		onset		rima			
		inicial	pós-inicial	pico	coda		
categoria	1.3	1	2	3	2	1	1.3
de							
sonoridade							
	s	t	r	i		k	s
	s	t		i	r	p	s

Os quadros (50) e (51) permitem verificar que os monossílabos *strix* e *stirps* violam a escala de sonoridade. Algumas sílabas, como as demonstradas acima, não parecem estar de acordo com a escala de sonoridade, pois o primeiro segmento é maior em sonoridade em relação ao segundo, ou o último segmento está acima do penúltimo segmento na escala. Para o autor, essa questão é resolvida através da ideia de elementos em posição pré-inicial e pós-coda, segundo a qual esses segmentos servem de ponte entre duas sílabas adjacentes e não precisam obedecer à escala de sonoridade. O /s/, por exemplo, não contaria para a constituição da sílaba em posição pré-inicial ou pós-final. Esse comportamento do /s/ nos remete à Regra de adjunção dos segmentos restantes de Hayes (1989), quando um elemento é agregado à sílaba duplamente travada sem

conferir peso.

Lehmann (2003) argumenta que o pico silábico é o responsável pela existência da sílaba, não as suas margens. Em primeiro lugar, os segmentos que ocupam a posição pré-inicial ou a pós-coda são ambíguos, isto é, em uma dada sequência, esses segmentos podem ser pré-iniciais ou pós-codas. Em segundo lugar, a fronteira silábica pode recair na metade do constituinte, tornando o segmento ambissilábico.

Outro problema apontado por Lehmann (2003) se refere à estrutura da rima e está identificado no fato da estrutura da sílaba ser tanto simétrica quanto assimétrica. A simetria corresponde aos valores de sonoridade dos segmentos que constituem a sílaba, ao passo que a assimetria refere-se às características das duas partes da sílaba: “a rima, baseada na vogal, pode representar a sílaba; o *onset*, baseado na consoante, não pode.”

Lehmann (2003) afirma que uma consequência dessa assimetria pode ser o fato de que o núcleo faz parte de uma estrutura ternária. O núcleo constitui uma parte entre o *onset* e qualquer coda consonantal e contém um pico, um segmento que possui sonoridade mais alta. O autor chama a atenção para o fato do pico, na verdade, não fazer parte de uma rima binária, pois uma das vogais pertence ao núcleo e a outra, à coda, independentemente da presença de consoantes, como em *pēs* (pê) e *aut* (ou).

(52) Constituição do pico e do núcleo

binária	<i>onset</i>	pico	coda <i>lato senso</i>	
	p	e	e	s
		a	u	t
ternária	<i>onset</i>	núcleo	coda <i>stricto senso</i>	

O autor cita outras línguas que se comportam dessa maneira, ou seja, semivogais ou combinações de vogais e soantes que, como codas, podem fazer parte

tanto do núcleo quanto da coda, tais como o cantonês, o proto-indo-europeu e o inglês. Lehmann (2003) segue analisando a complexidade da estrutura silábica e localizando o latim dentro de escalas de complexidade.

Os princípios arrolados por Lehmann (2003) para dar conta da sílaba são os seguintes: (i) Princípio de Maximização do Contraste (P1): a sílaba ótima maximiza o contraste entre o *onset* e o pico; (ii) Princípio da sílaba ótima: CV P2; (iii) Princípio da assimetria na sílaba: complexidade no *onset* requer complexidade na rima P3; (iv) Princípio do pico ótimo: se uma língua permite uma classe de segmentos no pico, permitirá os segmentos de sonoridade mais alta P4.

Lehmann (2003) afirma que há uma simplificação da estrutura silábica do latim ao romance, para tanto, o autor apresenta hierarquias de complexidade silábica nas quais X representa qualquer segmento.

(53) Hierarquia de complexidade silábica

$$CV > CVX > CXV$$

Como a função da rima é dar proeminência à sílaba, como assevera o autor, segue a hierarquia de complexidade da rima. Nessa hierarquia, $V_i V_i$ refere-se à vogal longa e VW, ao ditongo decrescente.

(54) Hierarquia de complexidade da rima

$$V > V_i V_i > VW > VN > VL > VC$$

A vogal longa e o ditongo decrescente dão complexidade à rima, já que o autor considera que a segunda parte de uma vogal longa ou a semivogal do referido ditongo ocupam a coda. Nessa escala, há a necessidade de deixar essa questão mais clara.

Segundo o autor, núcleos são formados em concordância com o Princípio do Pico ótimo (P4). Esse princípio exige que, se uma língua permite uma classe de

segmentos com uma dada gradação de sonoridade como pico silábico, então permitirá todas as classes de segmentos de sonoridade mais alta. O latim, por exemplo, admite apenas vogais no pico, outras línguas admitem soantes, nasais e até fricativas. A hierarquia em (55) representa a complexidade do núcleo.

(55) Hierarquia de complexidade do núcleo

$$V > V_i V_r > VW > WV > WVW$$

O latim ocuparia a posição VW da hierarquia acima, pois não há ditongos crescentes nessa língua. Do latim ao proto-romance, a complexidade do núcleo foi reduzida. O latim arcaico, segundo Lehmann (2003), apresentava um grande número de ditongos herdados do proto-itálico, destes ditongos, apenas /ew/ restou. O latim clássico, como já foi dito, apresenta apenas três ditongos: *ae*, *oe* e *au*. A vogal longa foi desfonologizada por volta de 200 AD e, por conta disso, somente núcleos silábicos simples alcançaram o proto-romance.

É importante ressaltar que o português possui ditongos crescentes que evoluíram de perda consonantal: *pectus* < *peito*. Essa discussão é muito importante no presente estudo e será retomada mais adiante sob uma perspectiva moraic.

A complexidade do *onset* é tratada pelo autor lembrando que o latim permite sílabas sem *onset* tanto inicial quanto internamente (*o.vum*, *mo.ne.as*). A hierarquia de complexidade do *onset* segue em (56).

(56) Hierarquia de complexidade do *onset*

$$C > CW > CL > CN > C_i C_j$$

O latim ocupa a posição medial dessa escala, pois permite CW (*suavis* – suave) e CL (*clam* – secretamente), mas não permite CN e os outros clusters à direita

desse. O espanhol, por exemplo, encontra-se na mesma posição do latim e o alemão alcança CN.

Do latim ao romance, a complexidade foi novamente reduzida também nos *onsets* iniciais formados por /s/ mais obstruintes que foram banidos em ibero-romance, em francês antigo e em muitos dialetos italianos através da epêntese inicial. O grupo *muta cum liquida* costumava ser quebrado na língua falada pela silabificação, deixando a consoante do onset na coda da sílaba anterior: *te.ne.brae* > *te.neb.rae*; *in.te.grum* > *in.teg.rum*. Esse processo, segundo estudos mais tradicionais, talvez tenha sido o responsável pela vocalização de consoantes obstruintes em casos como *in.teg.rum* > *in.tei.ro*.

A simplificação de complexidade na coda é guiada pelo Princípio fonotático que restringe contrastes na coda. Segundo o Lehmann (2003), na verdade, trata-se de uma restrição à sílaba ótima. A hierarquia de complexidade na coda segue em (57).

(57) Hierarquia de complexidade na coda

C>LC>NC>CC>LCC>...

O latim só alcança a última posição da hierarquia com as sílabas que acrescentam /s/ à coda, como em *stirps*. De outra maneira, isso não ocorre. De acordo com essa visão, /s/ associado à sílabas duplamente travadas confere maior complexidade à sílaba, o que vai de encontro a Harris (1983) a Hayes (1989) e ao próprio autor e, (51), segundo o qual /s/ em pós-coda não confere complexidade à sílaba. Um *cluster* consonantal não poder seguir uma vogal longa ou um ditongo, essa é uma evidência adicional de que a segunda parte da vogal longa ou do ditongo ocupa a primeira parte da coda.

Quanto ao peso silábico, o autor propõe uma escala de estrutura silábica e de

peso silábico, que devem ser relacionadas. A escala segue abaixo em (58) e deve ser lida verticalmente.

(58) Escala de peso e de estrutura silábica

a	b	c	d		e		f		g
σ	σ	σ	σ		σ		σ		σ
μ	μ	μ	μ	μ	μ	μ	μ	μ	μ
CV	V	CV	CV	V	CV	C	CV	C	CVC
ta	a	sta	tā		ta	l	ta	p	tap

Nesse momento, Lehmann (2003) lança mão do Princípio da estrutura silábica e do peso (P11) que exige que somente rimas sejam portadoras de mora. A presença, a ausência ou complexidade no *onset* não tem papel para o peso silábico. Qualquer segmento que siga a rima mínima (o pico silábico) pode constituir outra mora, esse conceito é governado pela escala de sonoridade da seguinte maneira: (i) cada vogal na rima porta uma mora, como demonstra a e d; (ii) um segmento em uma dada posição na hierarquia de sonoridade pode portar uma mora, e todos os segmentos acima dele na hierarquia também podem carregar uma mora, então f e g são possíveis. Em uma dada língua, f pode implicar e. o quadro (58) não prevê sílabas trimoraicas, a abordagem do autor prima por sílabas bimoraicas.

Lehmann (2003) afirma que as línguas escolhem quais segmentos em coda portarão mora. O inglês admite segmentos com qualquer grau de sonoridade, o lardil permite apenas vogais e o lituano permite sonorantes e segmentos acima delas. Já no latim, qualquer grau de complexidade na rima significa aumento de peso através de moras, portanto, 5g não é possível nessa língua, já que nenhuma mora é atribuída à consoante pós-vocálica.

O autor exemplifica esse pensamento com o processo de encurtamento vocálico em sílabas travadas em yokuts, hausa e alemão. Nessas línguas, em sequências

do tipo CV:C os segmentos ficam inalterados se puderem ser silabificados como CV:.C. no entanto, se a sequência tiver de ser silabificada como CV:C., a vogal longa é encurtada. O latim clássico preserva sílabas complexas nessas situações, como em *paullum*, com ditongo seguido de geminada. O latim vulgar, por sua vez, permite variação entre sílaba complexa e as variantes simplificadas através de encurtamento da vogal longa ou simplificação da geminada, como *pēnna* - *pēna~pěnna* (pena) caracterizando-se como uma língua que prefere a bimoraicidade. Retornaremos a essa questão no capítulo subsequente

A síncope é outro processo que afeta a estrutura silábica arrolado por Lehmann (2003). Esse fenômeno é bem documentado no *Appendix Probrri: o.cu.lus>o.clus; ca.li.dus>cal.dus*. A síncope está presente na evolução do latim ao romance marcando a tendência à paroxítonia.

O latim geralmente é visto como o ponto de partida na evolução ao romance e às línguas neo-românicas, mas Lehmann (2003) lembra que essa língua, na verdade, representa um estágio intermediário entre o proto-italico e o proto-romance ou romance, momento no qual a simplificação da estrutura silábica em todos os constituintes fora completada. Acreditamos que o latim encontra-se no meio do caminho no que se refere à variação tipológica e diacrônica e as línguas românicas, que evoluíram a partir do romance, dão continuidade à simplificação das estruturas silábicas.

3.3 Alongamento compensatório por perda vocálica e consonantal em friulano antigo (Prieto 1992)

O friulano é um dialeto falado na parte nordeste da Itália e faz parte do retorromance. O referido dialeto divide-se em friulano central, do leste, do oeste e “carnico” dependendo do comportamento frente ao alongamento vocálico e tipos de

ditongos, dentre outras características. A autora assevera que, quanto às palavras oxítonas, a maioria dos estudos convergem mas, no que tange às paroxítonas, há bastante discordância entre os trabalhos descritivos e os estudos mais prescritivos.

De acordo com os pressupostos de Hayes (1989), Prieto (1992) analisa o alongamento vocálico antes de consoante final vozeada em friulano antigo. Como outros tantos dialetos italianos, o friulano possui um contraste de duração no sistema vocálico. Entretanto, a autora argumenta que, como a maioria dos dialetos românicos, a distinção de duração no friulano e em outros dialetos galo-italícos seria o resultado de fenômenos de alongamento compensatório devido a perdas vocálicas e consonantais e não herança latina, já que, segundo Prieto (1992) esses dialetos derivam seus sistemas vocálicos do sistema do latim vulgar e não do sistema vocálico do latim clássico,

O friulano apresenta alongamento vocálico em sílaba aberta que afeta as vogais finais não-baixas e alongamento vocálico em sílabas abertas penúltimas com subsequente encurtamento antes de [-a]. A autora trata o alongamento da vogal final acentuada como um resultado automático do apagamento da vogal final não-baixa, assim como define Hayes (1989). Dessa maneira, a perda vocálica e o alongamento compensatório são tidos como um único fenômeno, em detrimento de outras análises que tomam os processos como separados.

As vogais do friulano se desenvolveram da seguinte maneira a partir do latim vulgar e romance: (i) [i, u, a] mantiveram sua qualidade em todos os ambientes; (ii) [e] passa a [ɛ] em todos os ambientes mas, quando alonga, a vogal passa a [e:] ou [i:]; (iii) [o] abre-se para [ɔ] em todos os ambientes e, quando alonga, essa vogal passa a [o:]; (iv) [ɛ] geralmente ditonga [jɛ], em ambientes nos quais há alongamento, passa a [i:] ou

[e:], (v) antes de nasais finais, temos [e]; (vi) [ɔ] passa a [wɔ], em ambientes nos quais a vogal é alongada, a mesma torna-se [u:] ou [o:] e antes de nasal, [o], como depreendemos dos dados em (59).

(59) Do latim ao friulano

sílabas abertas	friulano	glossa	sílabas fechadas	friulano	glossa
<i>prātu</i>	<i>prá:t</i>	prato	<i>passu</i>	<i>pás</i>	passo
<i>dece</i>	<i>dí:ε</i>	dez	<i>pelle</i>	<i>pjél</i>	pele
<i>rēte</i>	<i>ré:t</i>	rede	<i>pisce</i>	<i>péf</i>	peixe
<i>ovu</i>	<i>ú:f</i>	ovo	<i>collu</i>	<i>kw'ɔl</i>	pescoço
<i>vōce</i>	<i>vó:f</i>	voz	<i>vulpe</i>	<i>vólp</i>	raposa
<i>vīta</i>	<i>víte</i>	vida	<i>mille</i>	<i>míl</i>	mil
<i>crūdu</i>	<i>krú:t</i>	cru	<i>ruptu</i>	<i>rót</i>	quebrado

Como já apresentamos, os dialetos românicos tratam as vogais em sílaba aberta e em sílaba fechada de maneira diferente. Entretanto, Prieto (1992) argumenta que esse não é o caso do friulano, como mostra (60) com o dialeto frignanês.

(60) Do latim ao Frignanês e friulano

latim clássico	frignanês	friulano	glossa
<i>crūdu</i>	<i>krý:d</i>	<i>krú:t</i>	cru
<i>crūda</i>	<i>krý:da</i>	<i>krúde</i>	crua
<i>finītu</i>	<i>finí:d</i>	<i>finí:t</i>	terminado
<i>finīta</i>	<i>finí:da</i>	<i>finíde</i>	terminada
<i>novu</i>	<i>'næ:v</i>	<i>nú:f</i>	novo
<i>nova</i>	<i>næ:va</i>	<i>núve</i>	nova

<i>lupu</i>	<i>lú:v</i>	<i>ló:f</i>	lobo
<i>lupa</i>	<i>lú:va</i>	<i>'love</i>	loba

Em (60), há formas masculinas e femininas de adjetivos. Percebemos que, enquanto a forma masculina sofre apagamento da vogal final não-baixa, a forma feminina não é alvo do processo. A vogal tônica em sílaba aberta alonga em frignanês, todavia, em friulano, apenas a vogal tônica da forma masculina alonga.

A autora mostra que todas as formas paroxítonas do friulano provenientes do latim afetadas pelo apagamento alongam as vogais tônicas, fenômeno denominado “alongamento da vogal acentuada”. Por outro lado, vogais originalmente em posição antepenúltima, quando passam a penúltima em friulano, não alongam. Prieto (1992) argumenta que, sem apagamento da vogal final não-baixa, não há alongamento da vogal acentuada. Observemos os quadros (61) e (62).

(61) Alongamento em friulano

latim clássico	friulano	glossa
<i>acētu</i>	<i>afé:t</i>	vinagre
<i>nīdu</i>	<i>ní:t</i>	ninho
<i>lūce</i>	<i>lú:f</i>	luz
<i>famōsu</i>	<i>famó:f</i>	famoso
<i>nāve</i>	<i>ná:f</i>	navio
<i>caelu</i>	<i>tei:l</i>	céu

(62) Alongamento inexistente

latim clássico	friulano	glossa
<i>spīritu</i>	<i>spírit</i>	espírito
<i>ūmidu</i>	<i>úmit</i>	húmido
<i>generu</i>	<i>zínar</i>	genro

<i>ridēre</i>	<i>rídi</i>	rir
<i>populu</i>	<i>'pɔpul</i>	povo
<i>liberu</i>	<i>libar</i>	livre

Em formas nas quais a vogal acentuada encontra-se em sílaba fechada em friulano, mediante apagamento da vogal final não-baixa, o alongamento não se aplica. As sílabas fechadas por geminadas originais ou secundárias também bloqueiam o alongamento vocálico, comportam-se da mesma maneira as africadas resultantes de alguns grupos latinos (-ty-> ts> tʃ), como ressalta (63). A bimoraicidade mostra-se muito importante nesse momento, inclusive as africadas são tidas como segmentos que conservariam a bimoraicidade.

(63) Consoantes geminadas e palatais: bloqueio de alongamento compensatório

latim clássico	friulano	glossa
<i>nocte</i>	<i>ʃót</i>	noite
<i>ruptu</i>	<i>rót</i>	quebrado
<i>siccu</i>	<i>sék</i>	seco
<i>pelle</i>	<i>pjél</i>	pele
<i>rossu</i>	<i>rós</i>	loiro
<i>palatiu</i>	<i>palátʃ</i>	palácio
<i>mediu</i>	<i>mjétʃ</i>	metade

A discussão levantada pela autora em torno do comportamento das geminadas em comparação com as consoantes simples interessa-nos nesse momento. Enquanto as consoantes geminadas em palavras com queda da vogal final não-baixa não permitem o alongamento da vogal tônica precedente, as consoantes simples permitem o alongamento da referida vogal, dados em (64).

(64) Geminadas e consoantes simples e alongamento compensatório

latim clássico consoantes não-geminadas	friulano	glossa	latim clássico consoantes geminadas	friulano	glossa
<i>mele</i>	<i>mí:l</i>	mel	<i>mille</i>	<i>míl</i>	mil
<i>vale</i>	<i>vá:l</i>	Isto vale a pena	<i>valle</i>	<i>vál</i>	vale
<i>filu</i>	<i>fí:l</i>	fio	<i>castellu</i>	<i>cafcél</i>	castelo
<i>pratu</i>	<i>prá:t</i>	prato	<i>gattu</i>	<i>ját</i>	gato
<i>focu</i>	<i>fú:k</i>	fogo	<i>siccu</i>	<i>sék</i>	seco
<i>nasu</i>	<i>ná:s</i>	nariz	<i>passu</i>	<i>pás</i>	passo

A única consoante geminada que não bloqueia o alongamento compensatório, de acordo com Prieto (1992) é [rr], percebemos, em (65) que o alongamento ocorre diante de geminada e da consoante simples.

(65) A geminada -rr- não bloqueia alongamento compensatório

latim clássico não-geminada /r/	friulano	glossa	latim clássico geminada /rr/	friulano	glossa
<i>mare</i>	<i>má:r</i>	mar	<i>turre</i>	<i>tó:t</i>	torre
<i>muro</i>	<i>mú:r</i>	muro	<i>ferru</i>	<i>fě:r</i>	ferro
<i>flore</i>	<i>fló:r</i>	flor	<i>curro</i>	<i>kó:r</i>	Eu corro
<i>caru</i>	<i>cá:r</i>	querido	<i>carru</i>	<i>cá:r</i>	carro

Já diante de nasais, tanto simples quanto geminadas, as vogais nunca alongam, isto é, tanto a consoante geminada, quanto a consoante simples bloqueiam o alongamento compensatório, como podemos perceber em (66).

(66) Alongamento bloqueado diante de -n- e de -nn-

latim clássico nasal não-geminada	friulano	glossa	latim clássico nasal geminada	friulano	glossa
<i>cane</i>	<i>cáŋ</i>	cachorro	<i>stamnu</i>	<i>stáŋ</i>	chumbo
<i>pane</i>	<i>páŋ</i>	pão	<i>autumnu</i>	<i>otŋ</i>	outono
<i>primu</i>	<i>príŋ</i>	primeiro	<i>annu</i>	<i>áŋ</i>	ano
<i>fumu</i>	<i>fúŋ</i>	fumaça	<i>somnu</i>	<i>sómp</i>	sonho
<i>fine</i>	<i>fíŋ</i>	fim			

As perguntas que permanecem são as seguintes: Por que as geminadas [rr] não bloqueiam o alongamento como as demais geminadas em friulano e por qual motivo as nasais, tanto geminadas [nn] quanto simples [n], bloqueiam o alongamento? as vogais acentuadas precedentes nunca alongam? A autora não aprofunda a questão, talvez o friulano se comporte como o ilokano, língua na qual há um gradiente no que diz respeito ao alongamento compensatório, segundo Hayes (1989). Ou ainda, [rr] pode não ser geminada e a nasalidade pode ser uma barreira para o alongamento.

Passemos ao alongamento por apagamento de glide descrito por Prieto (1992). Quando há um grupo formado por obstruente intervocálica, em uma sequência de obstruente + líquida, e essa obstruente é apagada, a vogal precedente é alongada. Nesse contexto, a obstruente passa a glide, cuja perda ocasiona alongamento da vogal, como vemos em (67)

(67) Alongamento por perda do glide

latim clássico	friulano	glossa
<i>libra</i>	<i>liwre>lire>lí:re</i>	libra
<i>capra</i>	<i>cawre>care>cá:re</i>	cabra

A discussão que se segue à apresentação dos dados do friulano é a seguinte: se o que ocorre na língua pode ser tratado como inserção de mora ou alongamento compensatório por perda vocálica. Como já foi dito, Prieto (1992) parte da concepção moraic de estrutura silábica de acordo com os preceitos de Hayes (1989), portanto, a autora defende a ideia de que estamos diante de um processo de alongamento compensatório.

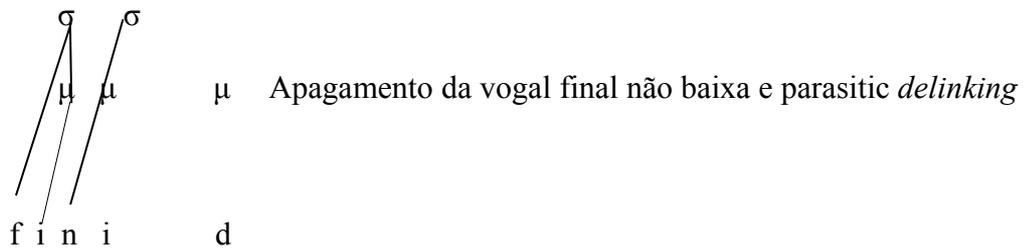
Prieto (1992) propõe assumir que o alongamento compensatório em friulano é o resultado automático do apagamento da vogal final não-baixa. Uma vez apagada a vogal, a mora é desassociada e precisa ser preenchida por um segmento à esquerda.

(68) Alongamento compensatório por perda vocálica em friulano – Preencha a mora vazia espreado da posição acentuada à esquerda.

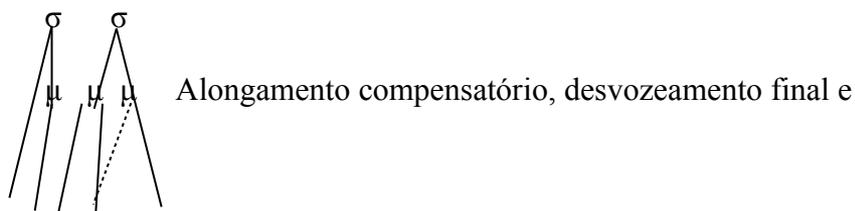
Como vimos em Hayes(1986), a autora assevera que uma abordagem moraic da estrutura silábica demonstra que o alongamento compensatório é um processo natural, visto que pode ser interpretado como um “processo de reorganização das unidades de quantidade, uma vez que as propriedades segmentais foram perdidas”.

(69) alongamento compensatório por perda vocálica em friulano

latim clássico (*finitu*) Estágio I– Latim tardio = *finídu*



↓

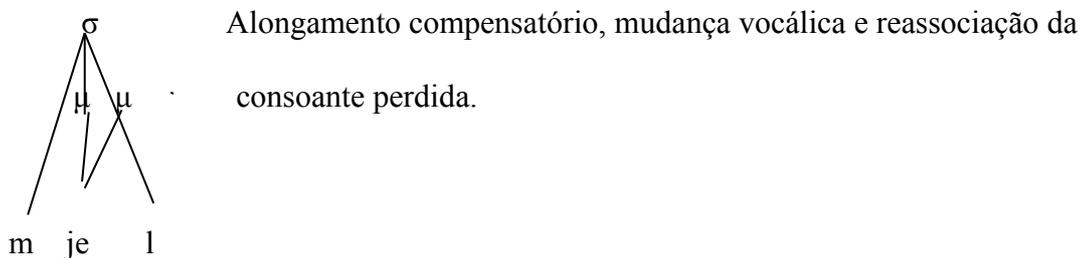
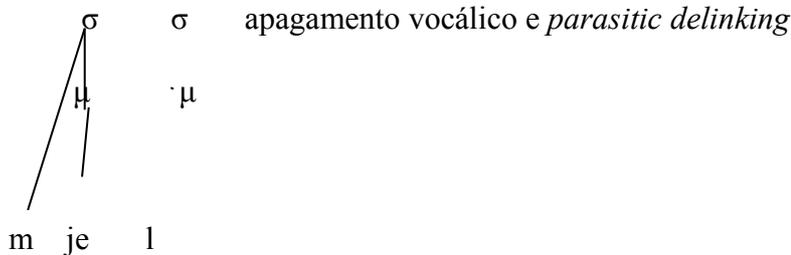
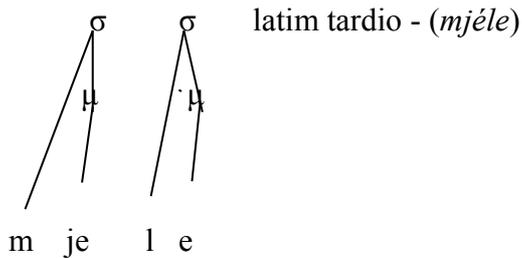


f i n i t reatamento da consoante à rima = [fíní:t]

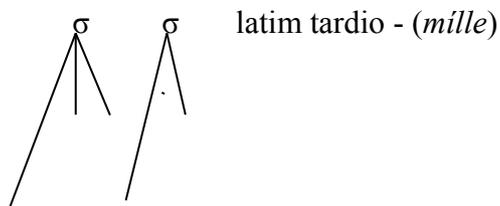
Com o apagamento da vogal final não-baixa, *Parasitic Delink* desfez a sílaba, deixando a mora flutuante, que é associada pelo espriamento da vogal acentuada à esquerda. Após o desvozeamento final, a consoante perdida é reassociada à sílaba anterior.

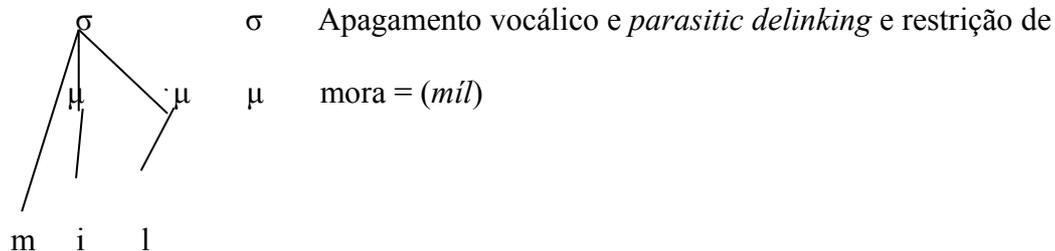
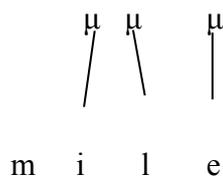
Se a sílaba acentuada já está saturada por dois elementos portadores de mora, mesmo que o apagamento se aplique, o alongamento é bloqueado. Em (70) e (71), temos exemplos de vogal longa e geminada originais.

(70) latim clássico – *mēle*



(71) latim clássico – *mille*





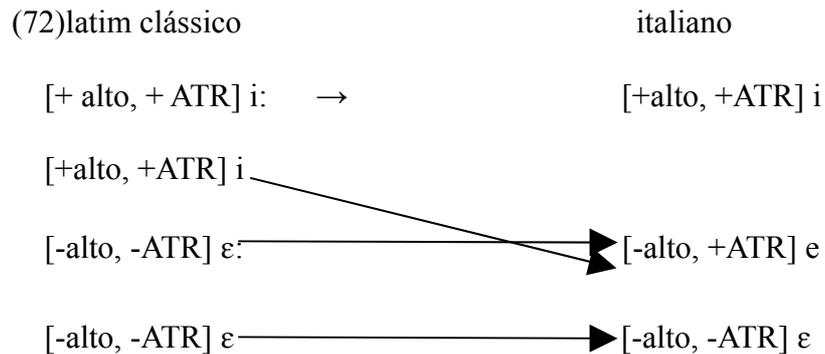
As africadas em friulano se comportam como as geminadas, pois a primeira parte da africada fecha a sílaba acentuada com a consequente restrição de mora que impede o alongamento compensatório. As nasais nunca permitem o alongamento compensatório da vogal acentuada precedente diante do apagamento da vogal final não-baixa. Por conta disso, Prieto (1992) afirma que a nasalidade, de alguma forma, influencia a contagem das moras, podendo ser tratadas como bimoraicas pelo friulano.

Vimos, através do estudo de Prieto (1999), o alongamento compensatório no friulano, fenômeno entendido como o resultado automático da perda vocálica. O estudo em questão também argumenta a favor de uma interdependência dos processos de apagamento da vogal final não-baixa e do alongamento compensatório. A análise da autora está baseada na proposta de Hayes (1989) e faz considerações interessantes com relação à bimoraicidade, tais como o bloqueio do alongamento diante de sílabas já bimoraicas.

3.4 A evolução das vogais do latim ao romance e sua relação com o traço [ATR] (Calabrese 2003)

O estudo de Calabrese (2003) tem como objetivo investigar a evolução das

vogais do latim ao romance. Partindo da comparação feita entre os sistemas vocálicos do latim clássico e do italiano, que reproduzimos abaixo, o autor discute a relação entre as vogais longas e as vogais curtas latinas e o traço [ATR], estendendo-o para a qualidade vocálica nas línguas românicas. De maneira geral, as vogais longas são associadas ao traço [+ATR] e as vogais curtas, ao [-ATR]. Como podemos ver em (72).



A questão inicial de Calabrese (2003) é a seguinte: Até que ponto o contraste de alongamento das vogais latinas era foneticamente associado à distinção de qualidade? Para tanto, o autor apresenta o quadro em (73).

(73) Sistema do latim tardio

ĩ	ʊ	ĩ:	u:
ε	ɔ	ε:	ɔ:

Calabrese (2003) estabelece uma relação entre vogais curtas/longas e [+ATR], relação essa já perceptível em latim clássico. O traço [ATR] faz distinções como as de (74).

(74) Distinções quanto ao traço [ATR]

[-ATR]		[+ATR]	
ɪ	ʊ	ĩ:	u:
ε	ɔ	ε:	ɔ:

Admitindo-se que as vogais curtas não-baixas do latim clássico eram mais baixas e mais abertas que as longas, essas eram [-ATR], enquanto as longas eram [+ATR]. Segundo essa hipótese, o sistema do latim clássico seria como em (74), no qual as vogais altas eram [+ATR] e as médias eram [-ATR], característica esperada em um sistema de cinco vogais.

De acordo com essa visão alternativa, a diferença quanto ao traço [ATR] só teria surgido em um estágio bem tardio da língua latina ou era uma característica de uma variedade popular da língua, apresentando-se como em (73).

Calabrese (2003) oferece três evidências em defesa de sua proposta o: (i) evolução do sistema vocálico do latim ao sardo e ao lucano do sul; (ii) pronúncia do latim atestada pelo alfabeto grego; (iii) registros de “erros” de autores contemporâneos ao latim.

A evidência mais forte de que o sistema vocálico latino não apresentava distinção quanto ao traço [ATR] dentre as vogais médias é dada pelas línguas românicas em que, com a perda da quantidade, [ATR] passa a ter uma função. O sardo, o lucano do sul e, ainda, o latim africano são exemplos desse processo. Nas variedades nas quais a distinção de quantidade se perdeu, as vogais resultantes demonstram a qualidade vocálica do latim.

(76) Sardo: *nive*<latim *nīves* “neve”; *filu*<latim *fīlu* “fio”; *kadena*<latim *catēna* “corrente”; *sōle*<latim *sōle* “sol”; *rōda*<latim *rōta* “roda”; *ruke*<latim *crūce* “cruz”; *muru*<latim *mūru* “muro”.

Lucano do sul: *nivi*<latim *nīves* “neve”; *filu*<latim *fīlu* “fio”; *crēta*<latin *krēta* “corrente”; *sōle*<latim *sōle* “sol”; *rōda*<latim *rōta* “roda”; *ruke*<latim *crūce* “cruz”; *muru*<latim *mūru* “muro”.

O autor defende que os sistemas vocálicos do lucano do sul e do sardo são derivados do latim clássico, de acordo com (74) através da consequente perda da distinção de quantidade encontrada após o romance. Em não havendo evidência contrária, essa proposta tem o mérito da simplicidade: se derivarmos os referidos sistemas a partir do sistema vocálico do latim vulgar, as mudanças são mais complexas, como podemos perceber em (77).

(77) Diferenças quanto ao traço [ATR]

a. [-ATR] i, u → [+ATR] i, u
b. [+ATR] e:, o: → [-ATR] ε, ο

Dessa maneira, o autor argumenta que pressupor que as vogais médias longas e curtas do latim clássico já fossem [-ATR] (ε, ο; ε:, ο:), possibilita, como já foi dito, explicar as características dos sistemas do lucano do sul e do sardo como uma simples perda da distinção de quantidade.

A transcrição do latim clássico para o grego clássico feitas pelos estudiosos gregos é mais uma evidência na defesa de que não havia diferença quanto ao valor de [ATR] dentre as vogais médias longas e curtas do latim clássico. Isso se deve ao fato de que o alfabeto grego identificava a quantidade vocálica e o valor de [ATR] através de caracteres diferentes, como vemos em (78).

(78) Alfabeto grego e o traço [ATR]

ε	[+ATR] [e]	ο	[+ATR] [o]
ει	[+ATR] [e:]	ου	[+ATR] [o:]
η	[-ATR] [ɛ:]	ω	[-ATR] [ɔ:]

A letra ē do latim clássico era geralmente transcrita pela letra η do alfabeto

grego, como mostram os exemplos de Plutarchus (Ia. C) trazidos por Calabrese (2003): *ρηγι* (*rēgi*), *χαρηρε* (*carēre*), *Ρηνς* (*Rhēnus*). O caractere latino *ō*, por sua vez, é transliterado para o grego através da letra *ω*, como em *Ρωμυλος* (*Romulus*). O [e] e [o] curtos terem desenvolvido para [ɛ] e [ɔ] em todas as línguas românicas talvez aponte para o fato de que realmente não havia diferença quanto ao traço [ATR] dentre as vogais médias longas e curtas do latim clássico.

A última evidência arrolada pelo autor na defesa da presença de valores de [ATR] iguais para as vogais médias longas e curtas do latim clássico é representada pelos testemunhos de estudiosos da época latina, tais como *Varrão*, *Quintiliano*, *Pompeius*, sobre a evolução dos ditongos latinos. O ditongo latino [ai] do latim arcaico mudou para [ae], no latim urbano durante o período clássico. Na segunda metade do séc II d.C, o referido ditongo sofre um processo de monotongação no latim falado fora dos limites de Roma, variedade classificada como *sermo rusticus*. Todavia, autores latinos registram não só a monotongação de [ae] (*celum* por *caelum*), como também um processo de hipercorreção (*scaena* por *scēna*).

A hipercorreção, que também é argumento, ocorre quando um contraste fonético é perdido em um dialeto em contato íntimo com outro dialeto mais prestigiado e que ainda mantém o contraste. A monotongação de [ae] do latim clássico para o *sermo rusticus* teve como resultado uma vogal longa [-ATR] [ɛ]. O mesmo fenômeno ocorre com o ditongo [au], monotongado como *ō*: *orata* por *aurata*, pronunciado como *ɔ* em *sermo rusticus*.

Calabrese conclui que há fortes evidências para argumentarmos que, em latim clássico, as vogais longas e curtas médias não apresentavam diferença quanto ao traço [ATR]. Partindo desse pressuposto, como explicar a mudança do sistema vocálico

latino? Lembremo-nos de que a visão do autor é a de que as mudanças do latim vulgar já se encontravam, de alguma maneira, no latim clássico.

O processo de diferenciação dos valores de [ATR] para as vogais longas e curtas teria iniciado a partir do séc I d. C, exemplos em (79). A primeira mudança atingiu as vogais altas curtas: i > ɪ, u > ʊ.

(79) Latim clássico – latim tardio I

Latim clássico	i:	ɪ	ɛ:	ɛ	a:	a	ɔ	ɔ:	u	u:
Latim tardio I	i:	ɪ	e:	ɛ	a:	a	ɔ	o:	ʊ	u:

Calabrese (2003) associando o valor de [ATR] às vogais longas como [+ATR] e às vogais curtas, como [-ATR]. Resultando o sistema vocálico em (80). Uma restrição contra [+baixo, +ATR] bloqueia a atribuição de [+ATR] à vogal longa [a:]. O segundo passo consiste em reinterpretar as vogais [+alto, -ATR] como [-alto, +ATR], como vemos em (80). O resultado das mudanças pode ser visto em (81).

(80) Reinterpretação de valores de [ATR]

[ɪ] → [e]

[ʊ] → [o]

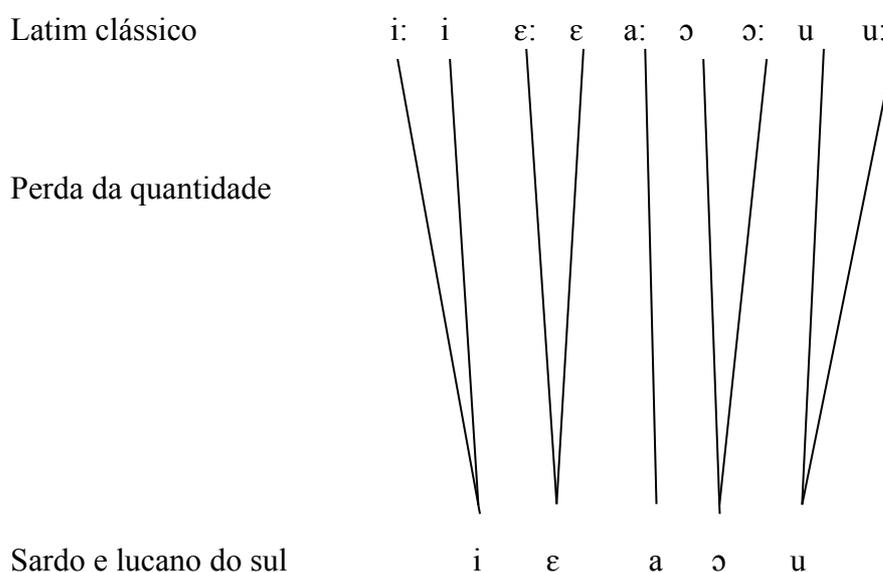
(81) Latim tardio I – latim tardio II

Latim clássico	i:	ɪ	ɛ:	ɛ	a:	a	ɔ	ɔ:	ʊ	u:
Latim após séc I d.C	i:	e	e:	ɛ	a:	a	ɔ	ɔ:	o	u

Segundo Calabrese (2003), se as mudanças forem entendidas dessa forma, a

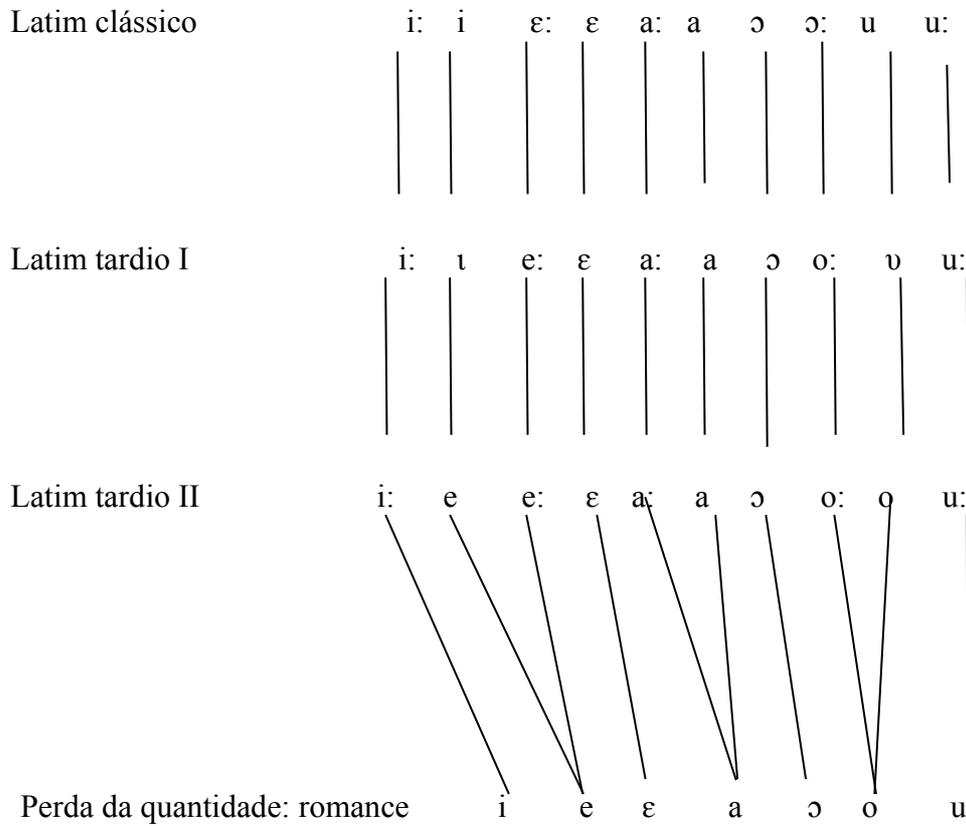
evolução do sistema vocálico latino para os sistemas do sardo e do lucano do sul é explicada fazendo referência à simples perda da oposição de quantidade com preservação da qualidade das vogais do latim clássico, como vemos em (82). O autor assume, ao contrário de muitos estudiosos, que a semente da qualidade iniciou em latim clássico. De acordo com sua visão, quando a quantidade vocálica distintiva foi perdida, a qualidade já havia se implementado como fonológica. O português e o italiano apresentam um sistema semelhante ao do romance, com sete vogais, em que [ATR] é ativo; o espanhol, o sardo e o lucano do sul não apresentam o traço [ATR] como distintivo, optando o espanhol por /e/ e /o/ e os últimos, por /ɛ/ e /ɔ/.

(82) Do latim ao sardo e Lucano do Sul



As línguas latinas, portanto, fazem escolhas dentro das possibilidades mostradas abaixo, derivando seus sistemas vocálicos a partir do esquema apresentado em (83) que descreve a evolução das vogais do latim clássico ao romance.

(83) Evolução do latim ao romance



O estudo de Calabrese (2003) será retomado quando da análise da variação da estrutura moraic em latim no que tange os ditongos.

4 ESTRUTURA MORAICA DO LATIM AO PORTUGUÊS E ITALIANO

Este estudo se concentra na evolução da estrutura moraica, especialmente das vogais longas e das geminadas, do latim clássico e de seu reflexo nas línguas românicas. Esse estudo pretende dar conta da evolução da quantidade vocálica e consonantal distintivas do latim clássico ao português, espanhol e italiano. Partimos do mapa linguístico tripartido da România e dos sistemas quantitativo latino e qualitativo itálico ou vulgar.

É sabido que o latim clássico apresenta uma distinção fonológica entre vogais longas e vogais curtas e entre consoantes simples e consoantes geminadas. Todavia, na variedade latim vulgar, a distinção efetiva entre as vogais longas e curtas começa a enfraquecer, apresentando, desde então, variação entre a consoante dupla e sua correspondente simplificada e entre a vogal longa e vogal curta.

A distinção quantitativa vocálica se perde na passagem do latim às línguas românicas com resultados diferentes nas línguas derivadas. Com efeito, das dez línguas que compõem a România, apenas o italiano e o sardo preservam as consoantes geminadas; as demais línguas as simplificaram.

Tomando como pressuposto Hayes (1989), assumimos que a evolução da quantidade vocálica e da quantidade consonantal, comumente tratados como fenômenos separados, como em Holt (1997), pode ser explicada via Fonologia das Moras como um só fenômeno. Interessa-nos, pois, explicar a resolução da mudança de estrutura moraica na passagem do latim (língua de sistema quantitativo) ao italiano, português e espanhol (línguas advindas do sistema itálico ou vulgar).

4.1 Estrutura moraica das sílabas em latim

Hayes (1989) define mora como uma unidade de peso do *tier* prosódico a partir de Hyman (1984). Uma sílaba é leve se portar apenas uma mora; é pesada se for constituída por duas moras. As vogais longas, que correspondem a duas vogais, portam duas moras, à medida que vogais curtas, uma mora. As consoantes geminadas compartilham uma mora subjacentemente, o que as

diferenciam das consoantes simples e dos glides que não portam mora.

Uma mora pode ser atribuída a uma consoante simples ou a um glide pós-vocálicos através de *Weigth by position* no caso das línguas para as quais CVC é pesada. Esse princípio é retomado por muitos estudos, como Rosenthal e Van der Hulst (1999): “*In languages with Weight-by-Position closed syllables pattern with long vowels, and in languages without Weight-by-Position closed syllables pattern with short, open (monomoraic) syllables*” (Em línguas nas quais *Weith by Position* se aplica, sílabas travadas se comportam como sílabas compostas por vogal longa; em línguas nas quais *Weith by Position* não se aplica as sílabas travadas se comportam como sílabas compostas por vogais curtas, ou seja, sílabas abertas monomoraicas.).

Elementos recebem mora na subjacência e, se não forem alvo de alguma regra de apagamento, esses elementos portarão mora na superfície. De acordo com a abordagem seguida nesse trabalho, a silabificação consiste nos seguintes passos: (i) escolha do segmento mais sonoro para dominar o nó da sílaba; (ii) adjunção da consoante do *onset* ao nó silábico; (iii) se a sílaba for pesada, cria-se uma nova mora, se não for, a consoante é incorporada.

As sílabas, em latim, podem ser leves ou pesadas. Nessa língua, tanto CVC, quanto CVV são sílabas pesadas, ou seja, é pesada a sílaba travada por consoante e a sílaba que apresenta uma vogal longa. Os padrões silábicos são os seguintes:

(82) Padrões do latim

CV	<i>e.le.men.tum</i>	elemento
VC	<i>al.ter</i>	outro
VV	<i>e.ō</i>	caminho
VCC	<i>est</i>	é
CVC	<i>bul.ga</i>	bolsa
CCVC	<i>spēs</i>	esperança
CVV	<i>dō</i>	dou
CVVC	<i>pēs</i>	pé

CCVVC	<i>crās</i>	amanhã
-------	-------------	--------

Com base no modelo de Hayes (1989), passamos a caracterizar a atribuição da estrutura moraic do latim de (85) a (86) em termos de três camadas: σ ; μ ; segmentos.

4.1.1 Sílabas leves

O elemento mais sonoro, a vogal, recebe uma mora que vai ser dominada pelo nó da sílaba e a consoante é associada ao nó da sílaba como onset, como podemos ver em (83).

(83) *elementum*



4.1.2 Sílabas pesadas

Em latim, tanto a vogal longa, quanto a consoante em coda contribuem para o peso silábico, como veremos a seguir.

4.1.2.1 CVV e VV

No exemplo abaixo, as vogais, elementos mais sonoros, recebem mora subjacentemente e a consoante pré-pico é adjungida, constituindo-se a sílaba, como podemos perceber em (84).

(84) *dō*



4.1.2.2 sílaba CVC

De acordo com a teoria, a consoante que fecha a sílaba contribui para o peso portando mora via *Weight by Position*, como mostra (85), pois, diferentemente das vogais, nem todas as consoantes são portadoras de mora, mas somente aquelas que se situam à direita do pico.

(85) bulga



A mora é atribuída à vogal, formando a sílaba, e a consoante prevocálica é associada ao nó da sílaba, sem contribuir para o peso e a consoante pós-vocálica é adjungida via *Weight by Position*, isto é, ocupa uma posição moraica, resultando em uma sílaba bimoraica.

4.1.3 Sílaba superpesada

Hayes (1989) defende a ideia de que a sílaba porta maximamente duas moras, não importando quantas consoantes sejam associadas a sílabas do tipo CVV ou CVC.

Entretanto, o autor afirma que sílabas trimoraicas podem ocorrer em situações específicas, como as que seguem: (i) CL¹³ não é bloqueado em sílabas duplamente travadas (proto-germânico); (ii) algumas línguas fazem referência a regras de acento que requerem sílabas trimoraicas (híndi); (iii) algumas línguas apresentam gradiência de distinção vocálica - /V/, /V:/, /V:./ (dialetos germânicos); (iv) em alguns casos, a métrica quantitativa identifica a trimoraicidade (persa)¹⁴.

A discussão sobre a o carácter binário ou não da estrutura moraica das sílabas não é ponto pacífico, a passagem que segue se detém nesse aspecto.

4.1.3.1 Sílaba CVVC

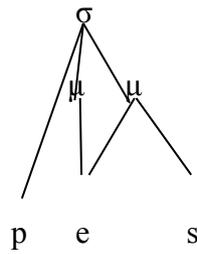
Os monossílabos *spēs* (esperança) e *crās* (amanhã) poderiam ser um contra-argumento à ideia de que as sílabas sejam maximamente bimoraicas, pois duas moras antecedem a consoante. Harris (1983), em situação semelhante, para o espanhol, afirma que o /s/ é associado via Regra de adjunção a estruturas silábicas prontas. Hayes (1989) estende esse procedimento a qualquer consoante que extrapole a estrutura binária. A isso, o autor chama de Regra de Adjunção de

¹³ Alongamento compensatório

¹⁴ Hayes (1989) pp. 291-292.

Elementos Restantes, como (86) exemplifica.

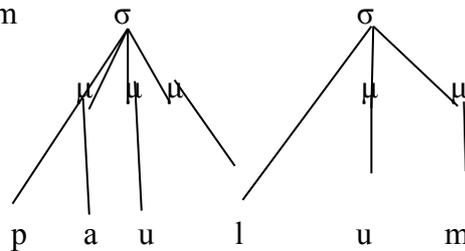
(86) pēs



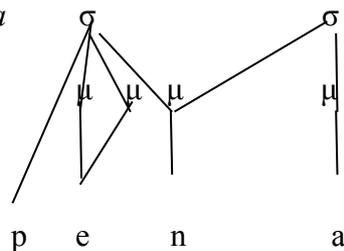
Em latim, entretanto, há sílabas compostas por ditongo seguido de geminada e sílabas compostas por vogal longa seguida de geminada. Nesse caso, a questão da sílaba trimoraica parece ressurgir.

1.2.3.1 4.1.3.2 Sílaba CVV(ditongo)C (geminada) e VV(vogal longa) C (geminada)

(87) paullum



(88) penna



Parece-nos coerente assumir que há, em latim, sílabas trimoraicas, embora o latim não se enquadre em nenhuma das situações arroladas por Hayes (1989) sobre esse aspecto.

Nos exemplos (87) e (88), as vogais longas recebem duas moras, assim como os ditongos seguidos de geminada da qual uma folha constitui a terceira mora da sílaba e a outra constitui o *onset* da sílaba seguinte. A estrutura trimoraica que faz parte do sistema do latim clássico não é uma

estrutura resultante de uma operação morfológica ou fonológica como depreendemos das formas que seguem: *vīllica* (caseira), *vīllico* (caseira), *mīlle* (mil), *mīllia* (milia), *stēlliger* (estrelado), *stēmma* (grinalda), *stēllo* (brilho), *stēllaris* (estelar), *paullo* (pouco), *paullus* (Paulo).

Os argumentos para sustentar essa afirmação são os seguintes: (i) a geminada é um elemento ao qual é atribuída uma mora na subjacência, por conseguinte, ao ser acrescentada a uma estrutura bimoraica, cria uma estrutura trimoraica; (ii) a variação encontrada em latim vulgar tem como característica reduzir a estrutura trimoraica do latim clássico para bimoraica através da redução da vogal longa ou da simplificação da geminada: *pēna*~*pēnna* (pena). A sílaba trimoraica, pois, converte-se em bimoraica, como veremos a seguir.

4.2 Variação da estrutura moraica em latim

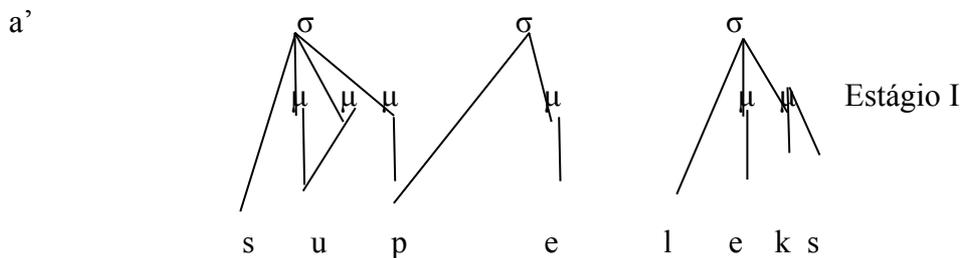
A estrutura formada por vogal longa + geminada e ditongo + geminada entra em variação em latim vulgar. Exemplos se encontram no *Appendix Probi*. A sentença nº 94 do referido glossário registra “*Sūppellex non sūperlex*” (ornamento), que os gramáticos latinos classificavam como “erro” em virtude da dificuldade na pronúncia de uma sequência na qual se encontrava uma vogal longa seguida de geminada. Esse tratamento diferente da estrutura complexa é, geralmente, reservado aos falantes da variedade mais popular da língua.

4.2.1 Latim vulgar: bimoraicidade

Nessa linha de pensamento, o processo diacrônico de mudança transformou uma estrutura trimoraica em uma estrutura bimoraica através da redução da vogal ou da simplificação da geminada. A variação entre vogal longa e consoante geminada, muito comum em latim vulgar, já ocorria em latim clássico, como podemos depreender dos registros do dicionário: *paulo* ou *paullo* (pouco); *paullus* ou *paulus* (Paulo); *pūpus* ou *puppus* (pupila); *sollers* melhor que *sōlers* (hábil); *succo* ou *sūco* (usurário); *succus* ou melhor *sūcus* (suco); *suggilatus* ou *sūgilatus* (desacreditado);

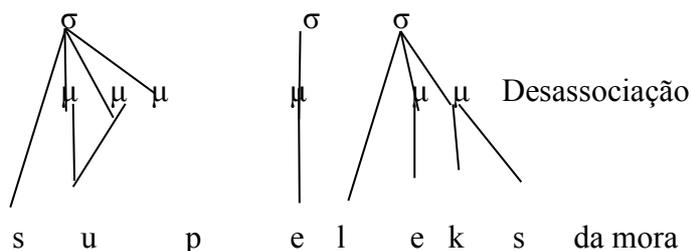
suggilo ou melhor *sūgilo* (pisar); *vēlumen* ou *vellumen* (faixa de lã); *vīllica* ou *vīlica* (caseira); *vīllico* ou *vīlico* (caseiro). Em (89a), representamos o registro nº 94 do *Appendix Probi*.

(89) Forma clássica [*su:ppeleks*]



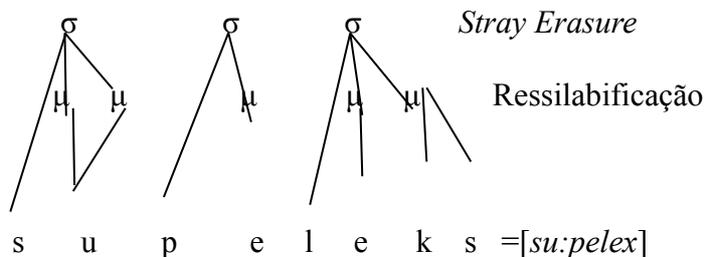
A forma clássica, da qual se originam as variantes, mostra uma sílaba longa seguida de geminada. Duas são as opções de simplificação, encurtamento vocálico ou perda da geminada, como registra o *Appendix Probi*.

a''



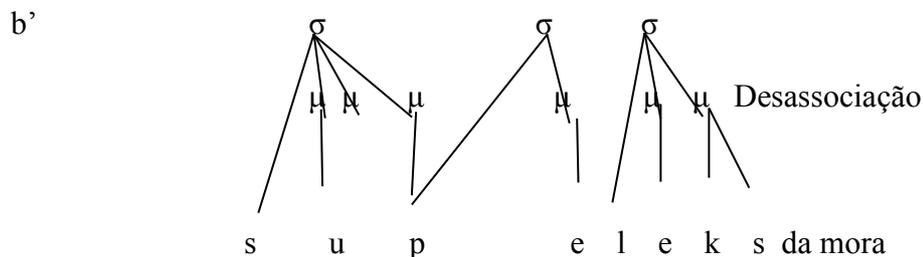
Na perspectiva defendida pelo presente trabalho, a desassociação deixa a mora flutuante que, por não ser associada a nenhum elemento, é elidida por *Stray Erasure*, formando-se uma sílaba bimoraica.

a''

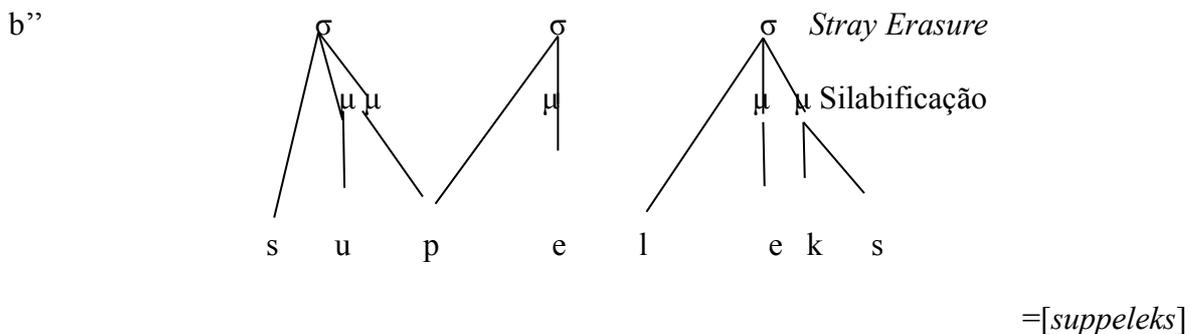


O exemplo (89b) descreve outra alternativa de simplificação da estrutura trimoraica em latim vulgar através da redução da vogal longa e da manutenção da geminada, emergindo a bimoraicidade.

(89) Forma clássica [su:ppeleks]

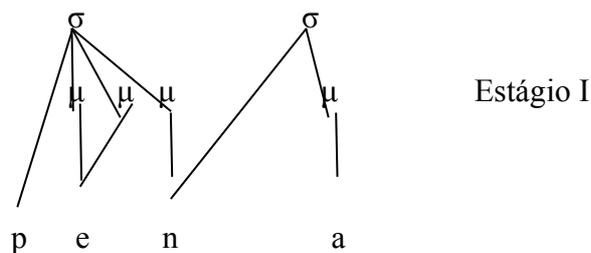


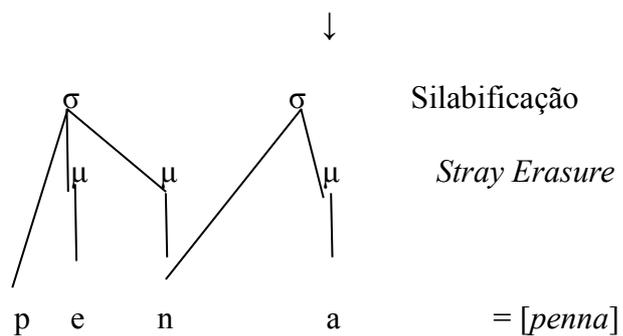
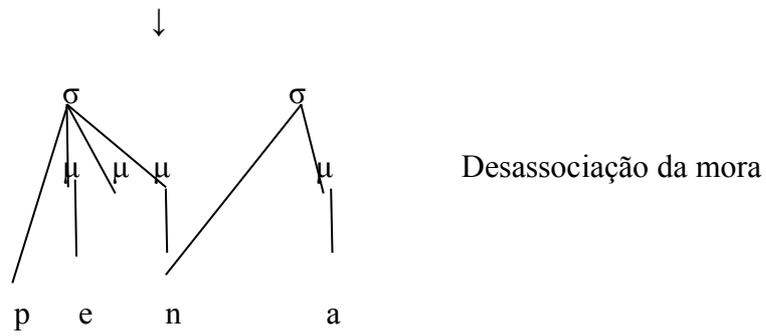
Diferentemente de (89a), a mora desassociada em (89b) é a mora da vogal que será elidida por *Stray Erasure* como mostra a representação abaixo.



A mesma variação é encontrada com geminadas nasais, como *pēna~pēnna*. Diante da tendência já atestada em latim vulgar das sílabas serem bimoraicas, uma das moras da vogal longa ou a mora da consoante geminada poderia ser apagada, resultando uma sílaba bimoraica, sem implicar alongamento compensatório. Os exemplos (90a) e (90b) mostram ambas as opções com as geminadas nasais: (90a) redução da mora vocálica e (90b) redução da geminada.

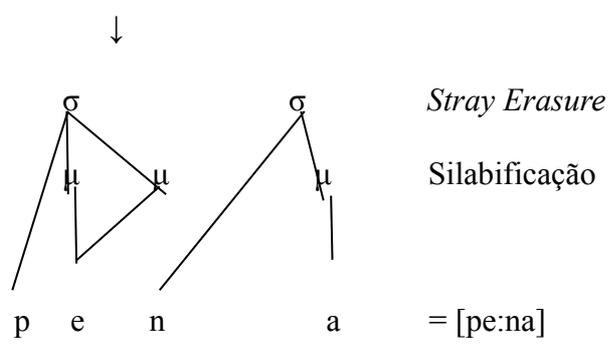
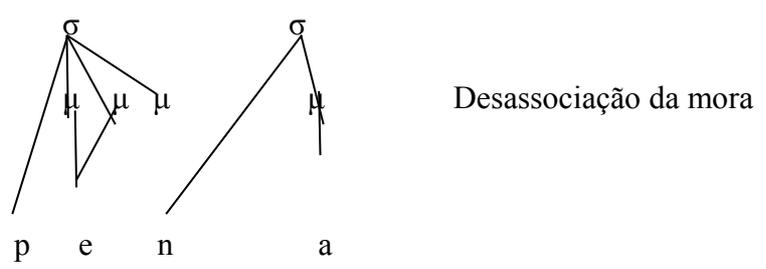
(90a) forma clássica [pe:nna]





Da mesma maneira que (89), (90) demonstra a elisão da mora da vogal e da mora da consoante, resultando igualmente uma sílaba bimoraica. Novamente, *Stray Erasure* tem um papel muito importante na derivação das estruturas.

(90b)

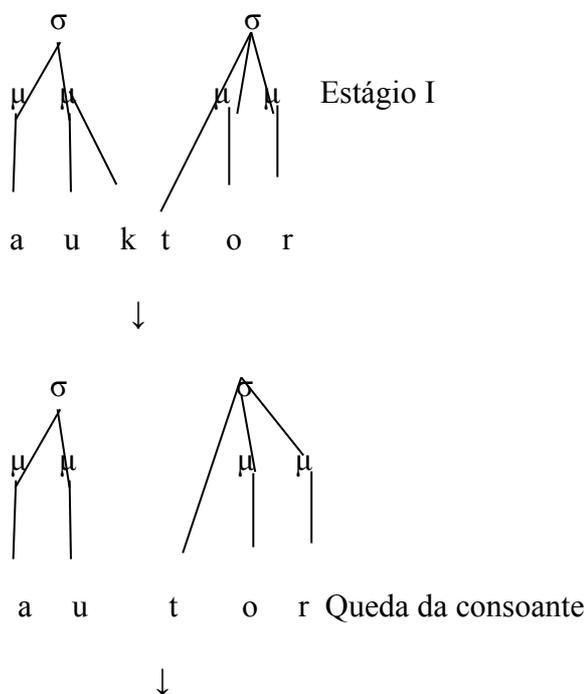


Diante da variação entre vogal longa e consoante geminada, o dicionário de latim clássico aponta que algumas formas eram tidas como de maior prestígio: *söllers* melhor que *sōlers*; *succus* melhor *sūcus*; *suggilo* melhor *sūgillo*¹⁵.

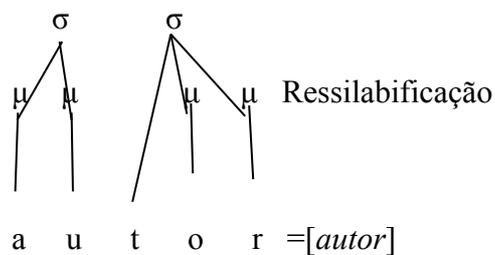
4.2.2 Ditongos + consoantes simples

Há sílabas em latim formadas por ditongo mais consoantes simples, tais como *auctor* (*autor*) e *auctoritas* (*autoridade*). Tais estruturas também entram em variação em latim vulgar segundo os registros nº 154 *auctor non autor* e nº 155 *auctoritas non autoritas* do *Appendix Probi*. A consoante simples que é adjungida à estrutura bimoraica não confere peso à sílaba, pois, de acordo com Hayes (1989), quando a bimoraicidade está preenchida, outras consoantes são agregadas via da regra de Adjunção de Segmentos Restantes, motivo pelo qual o seu apagamento não ocasiona alongamento compensatório, exemplo (91).

(91) forma clássica [*auctor*]



¹⁵ Torrinha s/d.

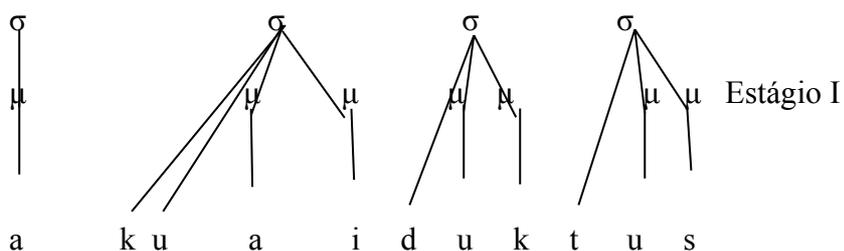


Como a consoante alvo de apagamento não porta mora, pois foi associada via Adjunção de segmentos restantes, não há modificação quanto à estrutura moraic em essas situações.

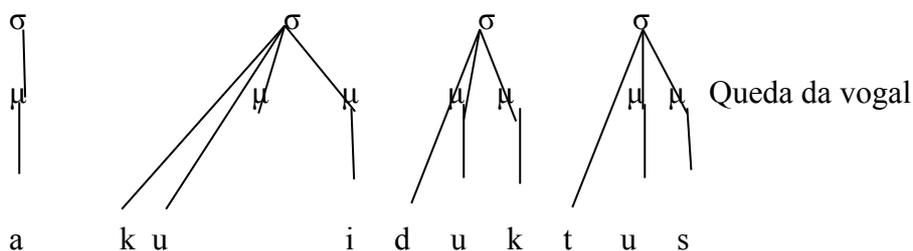
4.2.2.1 Redução variável de ditongo

O registro nº 22 do *Appendix Probi* exemplifica um caso de redução de ditongo: *aquaeductus non aquiductus* (aqueduto). O ditongo ae¹⁶ é reduzido para /i/ diante de um composto, assim como no registro nº 159: *terrae motus non terrimotus* (terremoto), exemplo (92).

(92) forma clássica [akuaiduktus]

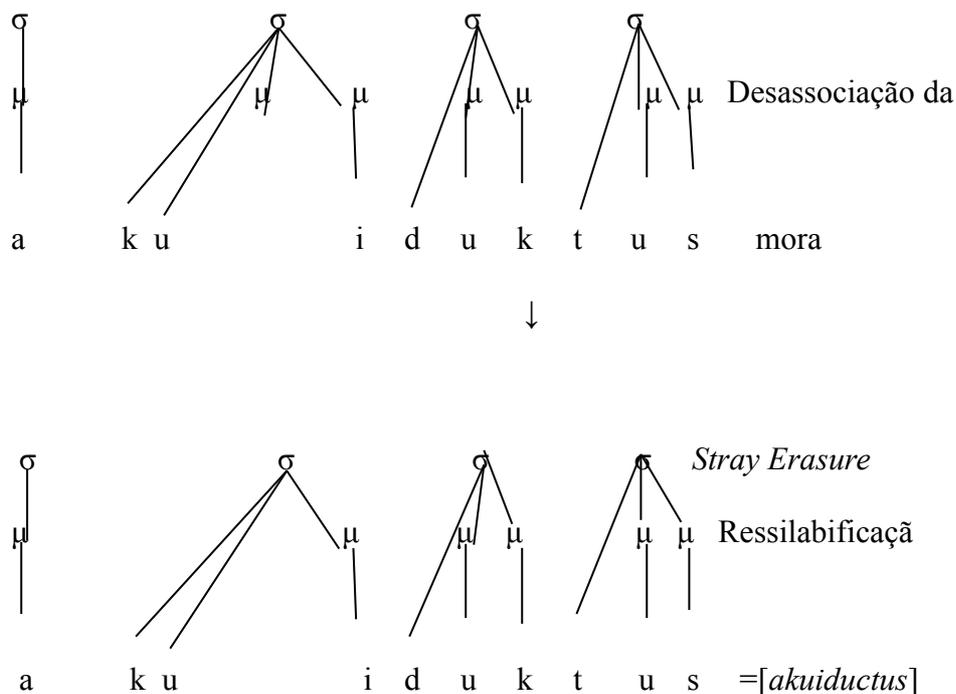


↓



↓

¹⁶ O ditongo ae é pronunciado [aj] e, em latim vulgar, é reduzido a [i].



Em (93), a queda da vogal deixa a mora correspondente livre. Como a referida mora não é agregada a nenhum elemento, a mesma é elidida por *Stray Erasure*, resultando a variante monotongada.

A monotongação era tão comum em latim vulgar que os falantes, por vezes, aplicavam hipercorreção, como registra a sentença: “*ac rustici pappum Mesium, non Maesium, a quo Lucilius scribit*¹⁷” (Os camponeses pronunciam *Maesium* e não *mesium*, questão sobre a qual Lucílio escreveu). O exemplo *maesium* por *mesium* (médio) exemplifica o processo de hipercorreção encontrado na fala dos camponeses. Varrão (96 a.C) registra outros casos desse tipo e Calabrese (2003) os utiliza como argumento para propor que a distinção qualitativa já estava presente em latim clássico.

De acordo com Calabrese (2003), não havia distinção quanto ao traço [ATR] dentre as vogais médias longas e curtas latinas, como por exemplo: *caelum* ~ *ce:lum* (céu); *aurata* ~ *ɔ:rata* (dourada). De acordo com o autor, /ɛ:/ e /ɛ/; /ɔ:/ e /ɔ /; /e/ e /e:/; /o/ e /o:/ eram todas [-ATR] em

¹⁷ Varro. *De lingua latina*. L VII. 96 a.C.

latim clássico e, através de estágios, a diferenciação dentre as médias foi se implementando. Partindo desse e de outros pressupostos, quando a distintividade quantitativa se perdeu em latim vulgar, a distintividade qualitativa, que teria se desenvolvido desde o latim clássico, torna-se efetiva.

Formas dicionarizadas atestam que o ditongo latino fora substituído já em latim clássico: *vaelius* ou *vēlus* (velho); *paene* ou *pēne* (quase), ou seja, *vaelius* ~ *vɛ:lius*; *paene* ~ *pɛ:ne*. Esses dados corroboram a ideia de Calabrese (2003) e demonstram que a substituição era inerente ao sistema do latim clássico. O estágios seguintes consistem na atribuição de valores diferentes de [ATR] para as médias longas e curtas e a perda da quantidade, resultando no sistema vocálico do latim tardio ou romance.

4.2.3 Conservação da mora em latim vulgar

Na sentença nº 85 do Glossário do Probo há um exemplo comumente citado por estudos mais tradicionais como alvo do fenômeno de vocalização em latim vulgar: *pegma non peuma* (tablado), que transforma uma consoante em vogal.

Podemos interpretar, através do dado do *Appendix Probi*, que há conservação da mora via ditongação em latim vulgar. O segmento consonantal dorsal perdeu o ponto de consoante e um segmento vocálico, também dorsal, ocupou a mora flutuante. Dessa maneira, a mora é conservada. Veremos, mais adiante no trabalho, que essa opção disponível em latim vulgar é utilizada pelo português.

4.3 Latim vulgar: laboratório das línguas românicas¹⁸

Alguns processos que fazem referência à estrutura moráica do latim clássico estão disponíveis no latim vulgar para que as línguas românicas façam suas escolhas, sobretudo no que diz respeito à estrutura moráica. O quadro em (94) resume as características do latim vulgar como

¹⁸ Termo cunhado por Ilari (2001).

um laboratório das línguas românicas.

(94) Padrões do português

	LATIM VULGAR
Elisão de mora vocálica VV ~ V	Variável e sem alongamento compensatório: sílabas trimoraicas <i>versus</i> sílabas bimoraicas [suppeleks]
Elisão de mora da geminada CC ~ C	Variável e sem alongamento compensatório: sílabas trimoraicas <i>versus</i> sílabas bimoraicas [su:peleks]
Redução de ditongo VV ~ V	Variável e sem alongamento compensatório [akuiduktus]
Ditongação V ~ VV	Variável e sem alongamento compensatório [peuma]

4.4 Licenciamento Prosódico, *Stray Erasure* e *Parasitic Delinking*

Relacionado à estrutura interna da sílaba, Licenciamento Prosódico¹⁹ exige que todos os segmentos devam pertencer a um nível mais alto na hierarquia. O *onset*, por exemplo, precisa ser licenciado pela sílaba; a sílaba, por sua vez, pela palavra e assim sucessivamente.

Respeitando Licenciamento Prosódico, *Stray Erasure* atua elidindo moras que não são reassociadas, fazendo notar seu papel sobretudo na evolução do latim ao português.

Em espanhol, *Stray Erasure* também tem um importante papel elidindo moras flutuantes advindas de geminadas e de vogais longas do latim. Em italiano, *Stray Erasure* tem uma atuação mais restrita. O seu efeito pode ser percebido apenas quando da não possibilidade de manutenção da mora vocálica através de geminadas novas (*fiore*) e da redução do ditongo: *aurum*>oro.

Parasitic Delinking, também relacionado ao Licenciamento Prosódico, se dá quando uma sílaba é desfeita por ter perdido seu elemento nuclear. Em português, por exemplo, o Princípio tem

¹⁹ Princípio proposto por Ito (1986) e retomado por Hulst, Harry van der (2006), entre outros.

seu efeito em casos como *flōrem*>*flor*, nos quais, após a perda do núcleo, /r/ é movido por *flop* para uma posição moraica na sílaba à esquerda. Em espanhol, *Parasitic Delinking* atua menos ainda, pois essa língua conserva as consoantes latinas intervocálicas em maior número: *color*, *dolor*, ao passo que o português as elide: *cor*, *dor*.

Percebemos que, do latim às línguas aqui arroladas, no que se refere à evolução da estrutura moraica, *Stray Erasure* é o princípio que mais atua na tentativa de respeitar Licenciamento Prosódico. *Parasitic Delinking* também tem seu papel, mas em situações bem específicas.

4.5 DO LATIM AO ITALIANO

O italiano apresenta padrões silábicos que estão compreendidos nos padrões do latim. As vogais longas foram simplificadas na passagem do latim ao italiano, ao passo que as geminadas foram preservadas.

(95) Padrões do italiano

V	<i><u>o</u>.ce.a.no</i>
VC	<i>al.<u>be</u>.ro</i>
CV	<i>ca.<u>sa</u></i>
CVC	<i>cas.<u>sa</u></i>
CCV	<i>bra.<u>vo</u></i>
CCVC	<i>bril.<u>lo</u></i>

4.4.1 Conservação de mora do latim ao italiano

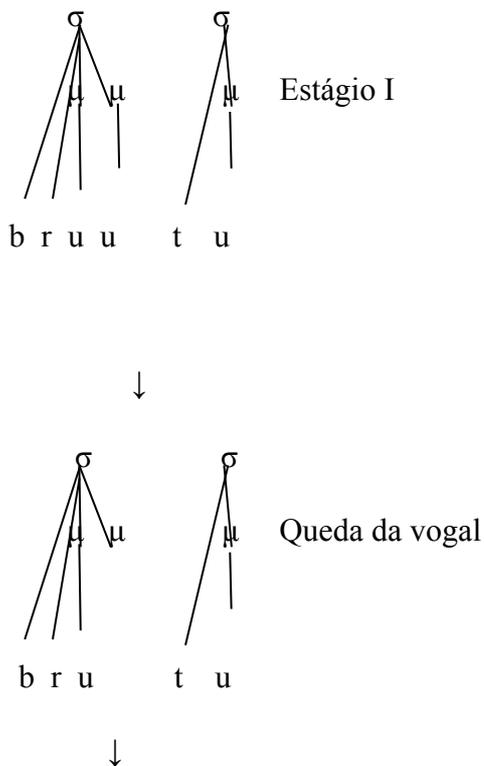
Nos ambientes nos quais as palavras latinas apresentam vogal longa, o italiano apresenta uma só vogal, mas cria consoantes geminadas, deixando a mora da vogal para a consoante seguinte. Em outras palavras, o italiano escolhe a manutenção da mora, compensando a perda da vogal longa com a criação de geminadas. Os dados em (96) exemplificam.

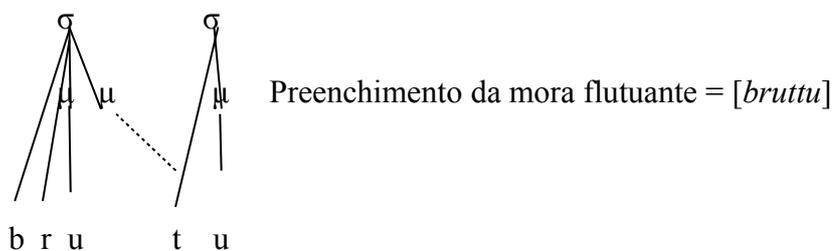
(96) Conservação de mora com criação de geminadas

latim	italiano
<i>sūcu</i>	<i>súccu</i>
<i>brūtu</i>	<i>brúttu</i>
<i>tōtu</i>	<i>tútto</i>

Nesses dados, há alongamento compensatório por perda vocálica. A mora da vogal longa é desassociada e fica flutuante. Em consequência disso, o alongamento compensatório preenche a mora vazia criando a consoante geminada: a sílaba em questão continua pesada, mostrando que CVC, em latim passa ao italiano também como CVC, isto é, como estrutura bimoraica, como se vê em (97).

(97) Forma clássica [bru:tu]





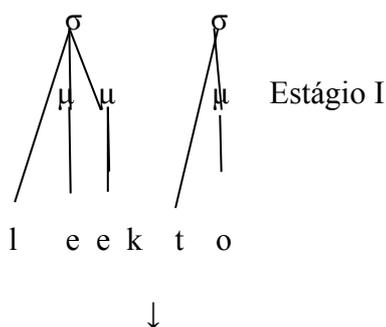
Também os encontros consonantais *-ct-* e *-pt-* passam para o italiano como geminados, como podemos perceber em (98). Com efeito, como a consoante da raiz não é portadora de mora, pois é adjungida através de Adjunção de Segmentos Restantes, o seu apagamento não ocasiona alongamento compensatório. De fato, a desassociação da mora da vogal engatilha a criação da geminada também nas formas abaixo.

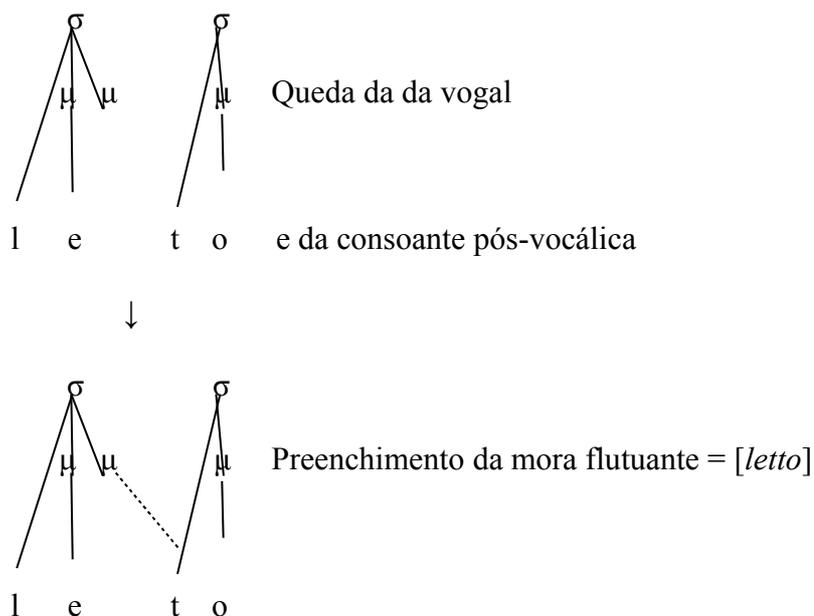
(98) Conservação de mora com de criação de geminadas

latim	italiano
<i>corrēc+to</i>	<i>coretto</i>
<i>lēc+to</i>	<i>letto</i>
<i>scīp+to</i>	<i>scritto</i>

Na passagem para o italiano, o apagamento da vogal engatilha alongamento compensatório à direita criando novamente uma geminada. Temos, pois, a conservação da mora vocálica via geminação, como vemos em (99). A sílaba em questão mantém-se bimoraica.

(99) Forma clássica [le:kto]





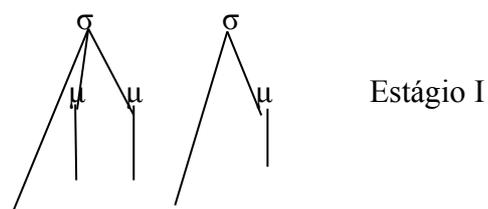
Em dados como os de (99), percebemos que o italiano também mantém a mora da consoante pós-vocálica via geminação.

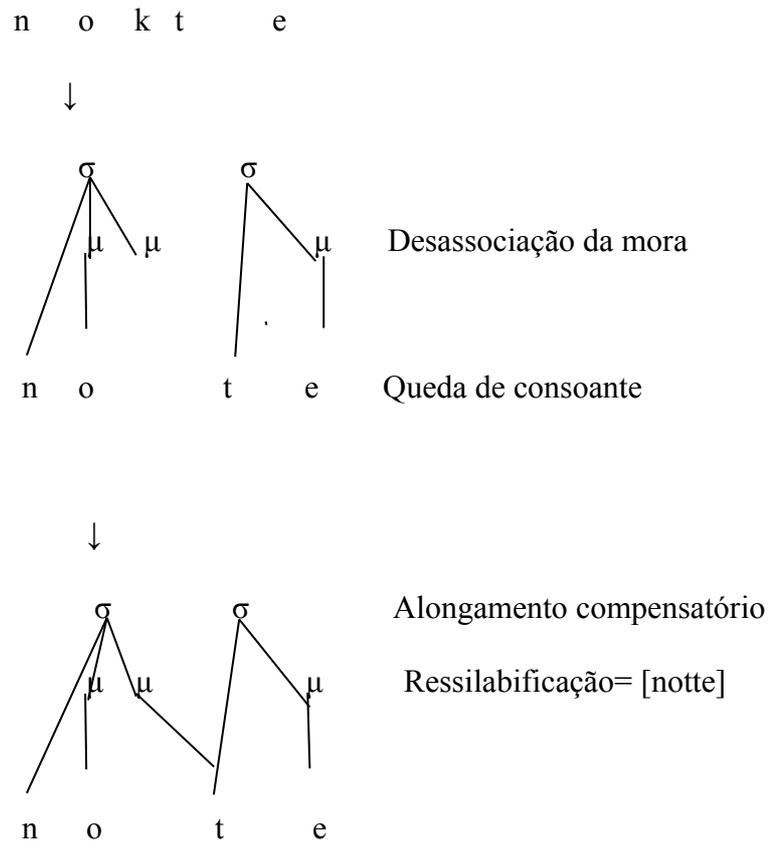
(100) Conservação de mora consonantal com criação de geminadas

latim	italiano
<i>factum</i>	<i>fatto</i>
<i>lactem</i>	<i>latte</i>
<i>pectus</i>	<i>petto</i>
<i>noctem</i>	<i>notte</i>

Como a vogal latina é breve nos dados em (100), a consoante pós-pico é portadora de mora através de *Weigth by Position*. Em italiano, como podemos perceber em (101), a geminação da consoante seguinte preserva a mora consonantal, assim como preserva a mora da vogal longa.

(101) Forma clássica(*noctem*)





4.4.2 Perda de mora do latim ao italiano

Em italiano, como refere Patota (2002), em *Lineamenti grammatica storica dell'italiano*, os ditongos das palavras latinas são simplificados e as vogais longas são ditongadas em situações específicas.

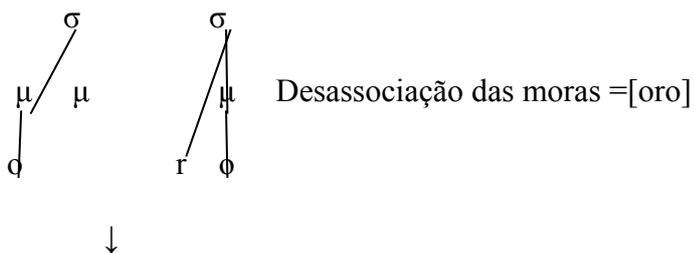
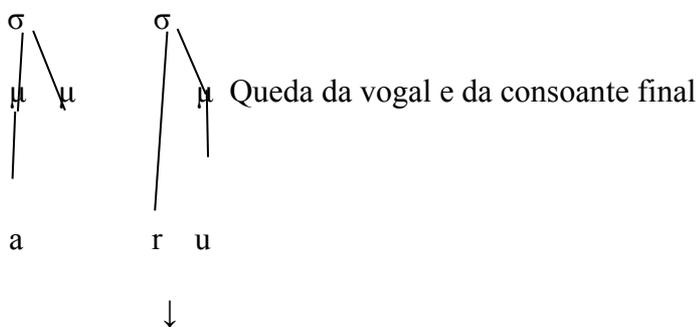
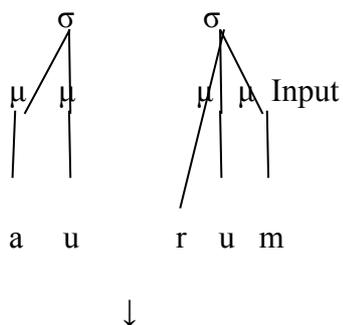
(102) Perda de mora

latim	italiano
<i>auru(m)</i>	<i>oro</i>
<i>flōre(m)</i>	<i>fiore</i>

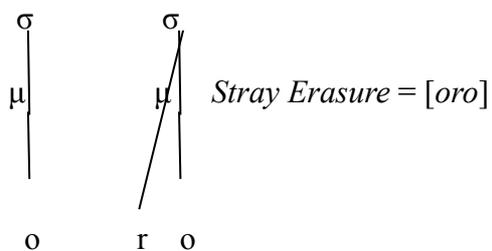
Quando não há a possibilidade de criar uma consoante geminada, como veremos em (103), a mora é perdida, criando-se um ditongo crescente que não possui mora. No que se refere aos ditongos latinos, o italiano opta pela redução. Dessa forma, os ditongos latinos passam a monotongos em italiano.

No caso da monotongação, o segundo elemento do ditongo é apagado, deixando uma mora desassociada que é elidida por *Stray Erasure*, como vemos em (103)²⁰.

(103) (*aurum*)

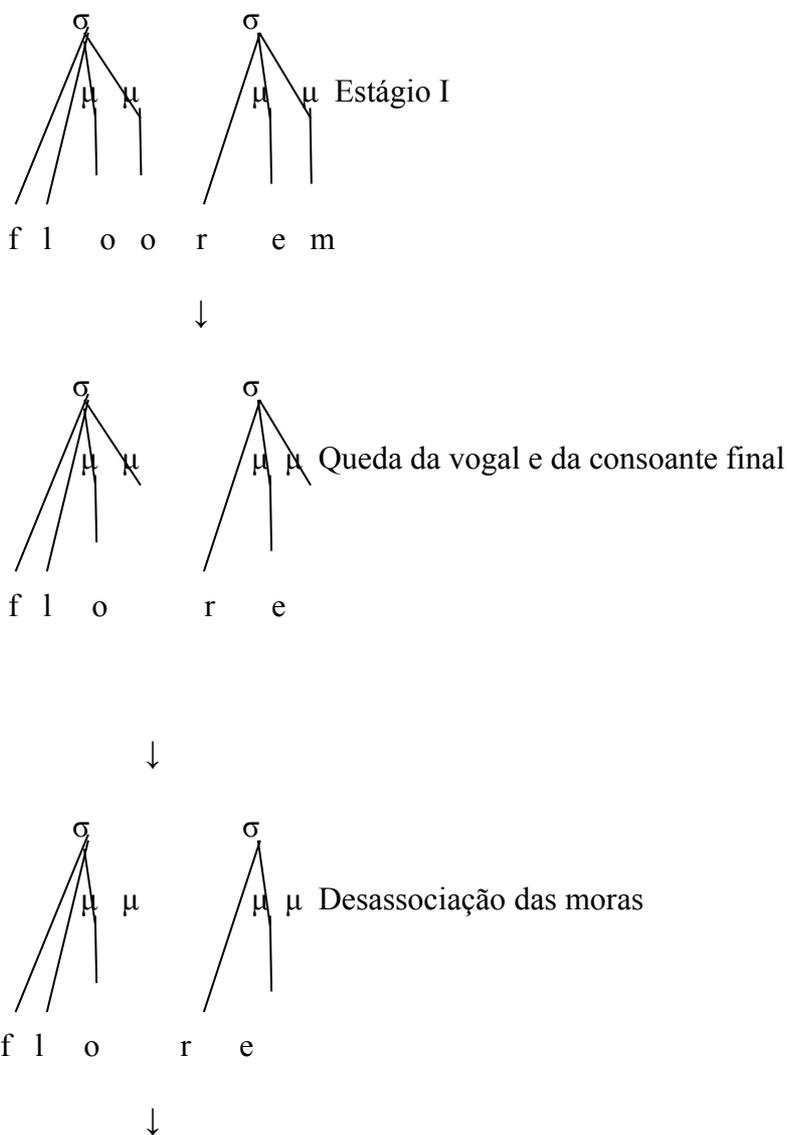


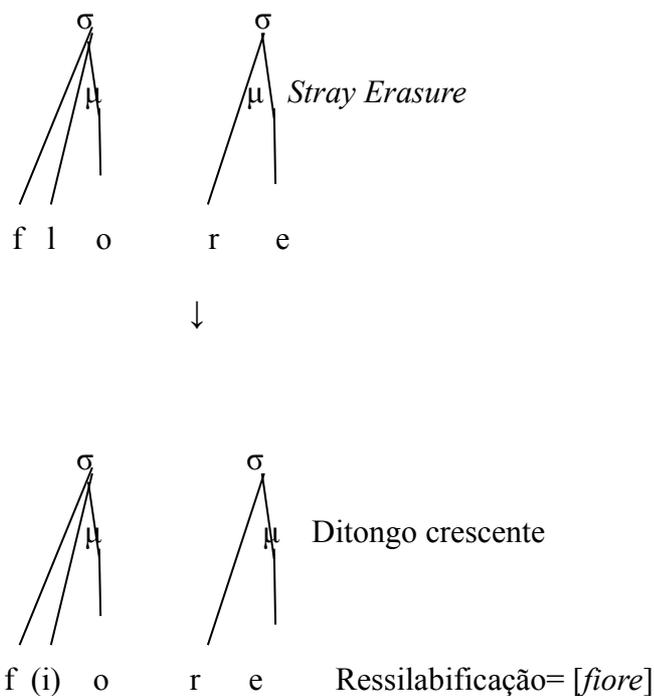
²⁰ Lembramos que essa representação refere-se à estrutura profunda do ditongo.



Por outro lado, como vemos em (104), as geminadas não com /r/, por conta disso, a mora da vogal é perdida. Nesses casos, forma-se um ditongo crescente, portanto, sem peso, através da substituição da líquida por um vocálico. Percebemos o papel do Princípio *Stray Erasure* que apaga elementos que não são associados ao fim da derivação.

(104) Forma clássica [flo:rem]





Com base no exposto, as escolhas do italiano podem ser resumidas no quadro que segue.

(105) Escolhas do italiano diante da evolução da estrutura moraica

- O italiano mantém: (i) a mora das consoantes geminadas latinas; (ii) a mora vocálica através de criação de geminadas novas; (iii) a mora da consoante pós-vocálica com criação de geminadas novas;
- O italiano perde a mora dos ditongos latinos e das vogais longas quando não há possibilidade de geminação da consoante seguinte.

Em suma, o italiano não só mantém a mora das consoantes geminadas latinas, mas também conserva a mora das vogais longas, criando consoantes geminadas novas através de alongamento compensatório. Quando não há possibilidade de criação de geminadas, a mora vocálica é elidida por *Stray Erasure* e os ditongos latinos são reduzidos a monotongos, configurando também perda da mora.

4.6 DO LATIM AO PORTUGUÊS

O português, língua advinda do sistema qualitativo itálico ou vulgar, assim como o italiano e o espanhol, também tem de lidar com os efeitos do fim da quantidade fonológica distintiva do sistema vocálico latino.

Interessa-nos, também, explicar de que maneira a língua portuguesa resolve as consoantes geminadas. Ambas as questões estão interrelacionadas com a estrutura moraicada do latim ao português. Os padrões silábicos seguem em (106).

(106) Padrões do português

V	é
VC	ar
CV	dó
VCC	dá
CVC	dor
CVCC	<u>mons</u> .tro
CCV	<u>pra</u> .to
CCVC	três
CCVCC	<u>trans</u> .por.te
VV	<u>ou</u> .ro
CVV	lei
CCVV	grau
CCVVC	claus.tro

4.6.1 Perda de mora do latim ao português

Como as vogais longas latinas já haviam se simplificado em latim tardio e início do romance, as mesmas não alcançaram as línguas românicas. Porém os efeitos dessa simplificação afetaram as línguas em questão. O italiano, como vimos anteriormente, preserva a mora da vogal através de alongamento compensatório, resultando consoantes geminadas. O português dá um

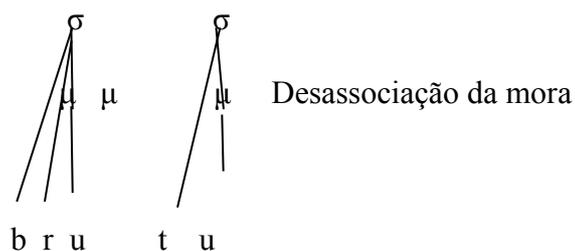
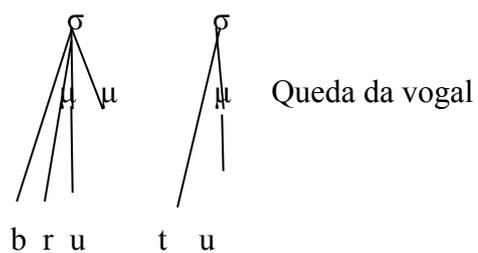
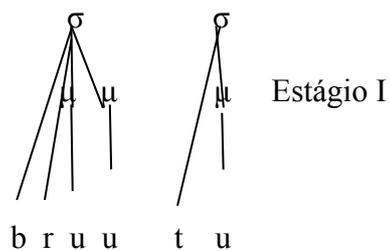
tratamento diferente, como os dados em (107) mostram.

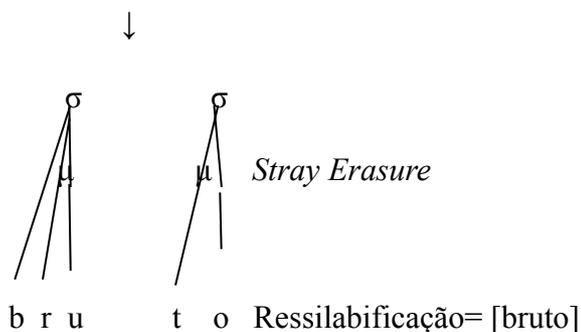
(107) Perda de mora

Latim	Português
<i>sūcu</i>	suco
<i>brūtu</i>	bruto
<i>tōtu</i>	tudo

O português não conserva a mora da vogal longa latina. Portanto, o alongamento compensatório com geminação, disponível em latim vulgar e escolhido pelo italiano não é a opção selecionada pela língua portuguesa para lidar com essa estrutura moraica.

(108) Forma clássica (*bru:tu*)





Em (108), ocorre a queda da vogal com conseqüente desassociação da mora que permanece flutuante e, por não ser reassociada, é elidida por *Stray Erasure*, resultando [bruto] em português, sem alongamento compensatório.

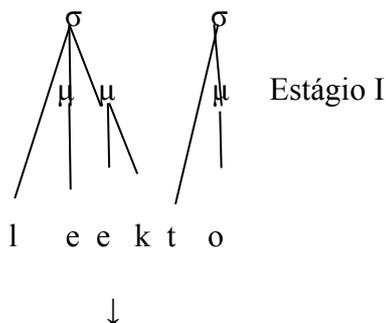
As seqüências *-ct-* e *-pt-*, diferentemente do italiano, não dão margem a geminadas na passagem ao português, mas simplificam-se, como em (109).

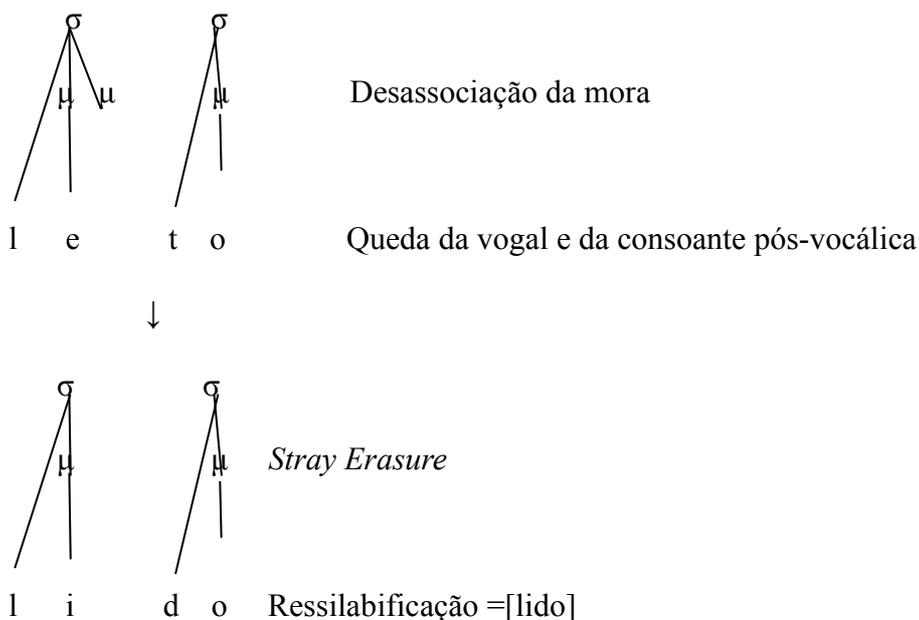
(109) Perda de mora

latim	português
<i>correc#to</i>	corrigido
<i>lec#to</i>	lido
<i>scrip#to</i>	escrito

Como o português não conserva a mora da vogal longa latina, (110), mostra o processo de perda vocálica com conseqüente desassociação e elisão por *Stray Erasure*.

(110) Forma clássica (*lekto*)





4.6.2 Conservação de mora

(111) Conservação de mora

latim	português
<i>facto</i>	feito
<i>noctem</i>	noite
<i>pectus</i>	peito
<i>lactem</i>	leite
<i>regnum</i>	reino

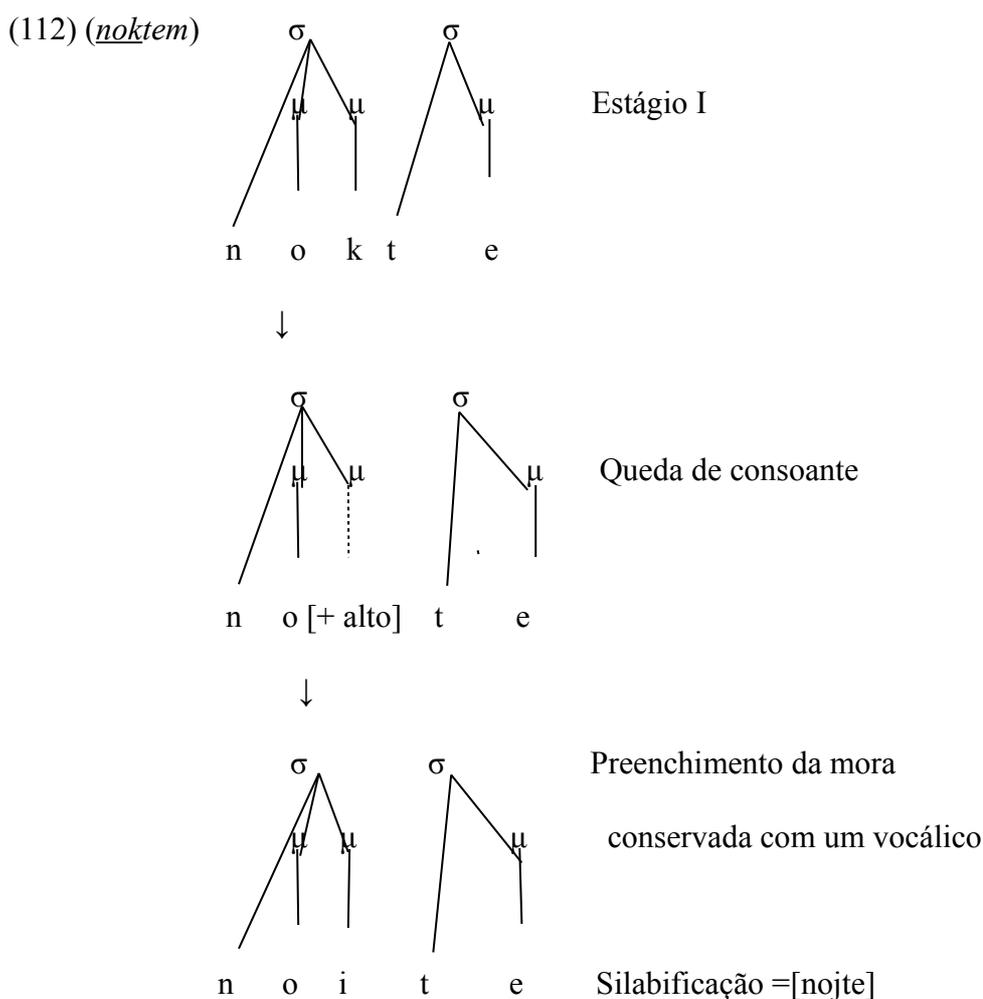
No entanto, a perda de mora não é uma regra geral, pois há casos nos quais a ditongação se aplica, como em *facto*>feito, em que a estrutura moraica do latim tem seu efeito.

Os dados no quadro (111) apresentam formas latinas com encontros *-ct-* e *-gn-* para os quais o português dá um tratamento diferente dos dados em (109). Nesses casos a mora da consoante elidida é conservada através de alongamento compensatório, resultando um ditongo decrescente. Por que o português opta por perda de mora nos casos em (109) e escolhe conservar a mora nos exemplos em (111)?

Os dados em (109) correspondem a sílabas duplamente travadas, às quais as consoantes

são adjungidas: *corrēctus*, *lēctus*, *scrīptus*²¹. Como a consoante elidida não porta mora, o seu apagamento não tem efeito para a estrutura moraica. Diferentemente do italiano, o português não conserva a mora vocálica via geminação, por conta disso, *Stray Erasure* atua apagando a mora da vogal.

As formas em (111) *fāctum*, *pēctus*, *lāctem*, *nōctem*, *rēgnum* passam ao português como feito, peito, leite, noite, reino. A diferença entre os dados em (109) e os dados em (111) reside no fato de que, em (111), a consoante pós-vocálica possui mora atribuída por *Weight by Position*. Nesses casos, o latim vulgar conserva a bimoraicidade, substituindo a consoante pelo glide. Em virtude da manutenção da bimoraicidade, o português segue a escolha do latim vulgar e preserva a mora da consoante elidida via ditongação, exemplo (112).



²¹ O mesmo ocorre com *frūctus*.

A consoante perdida, que é uma dorsal ou velar, caracteriza-se por possuir o traço[+alto], que é preservado quando de sua elisão. Essa posição é preenchida pelos traços correspondentes a uma vogal alta, preservando a mora através da criação de um ditongo decrescente, contribuindo para a manutenção da sílaba bimoraica.

4.6.3 Conservação de mora e variação

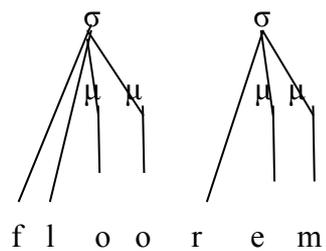
O latim clássico dispunha de três ditongos: *ae* (*caelum*); *oe* (*prosopopeia*); *au* (*tesaurus*), dos quais apenas *au* passou ao português. Os demais ditongos foram reduzidos, como em *caelum*>*c/ew/* e *prosopopeia*>*prosopop/εj/a* . O português herda o ditongo *au*, como em *aurum* > ouro ~oro; *tesaurus*>tesouro ~oro.

Esse comportamento aproxima o português do italiano, que monotonga os ditongos latinos. Segundo Bisol (1989) o ditongo ou, em português, está em processo de reanálise, ou seja, está sendo substituído por /o/ em qualquer contexto. Isso vai tornando, neste aspecto, as três línguas em estudo muito semelhantes.

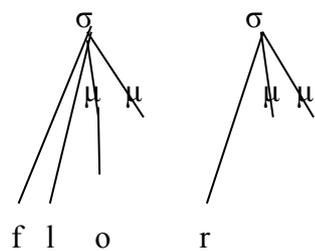
4.6.4 Conservação de mora através de alongamento compensatório *flop*

O português conserva a mora vocálica via alongamento compensatório *flop*. O alongamento *flop* ocorre quando um elemento troca de sílaba e preenche uma posição moraica, mantendo a sílaba bimoraica, como mostramos em (113).

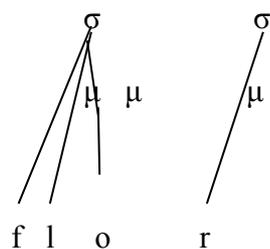
(113) (flo:rem)



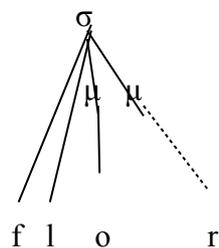
Estágio I



Queda das vogais e da consoante final



Desassociação das moras



Parasitic Delinking

Reassociação da mora por alongamento *flop*

Ressilabificação=[flor]

Em (113), temos *Parasitic Delinking* atuando, ao desfazer a segunda sílaba sem núcleo.

Como consequência, o alongamento *flop* reassocia o segmento, ocupando uma posição moraic. A explicação estende-se a dados nos quais há apagamento de consoantes intervocálicas do latim ao português: *colorem*, *dolorem*, *amorem*. A sílaba resultante é bimoraica.

Resumimos, no quadro em (114), as escolhas do português diante de estruturas complexas do latim e das opções disponíveis em latim vulgar.

(114) Escolhas do português diante da evolução quantitativa

- O português simplifica as geminadas latinas, ou seja, não conserva a mora da consoante geminada, assim como não preserva a vogal longa;
- Por gradiência, diacronicamente, a sílaba trimoraica em latim, composta de ditongo + geminada e vogal longa + geminada, passa a bimoraica em latim vulgar e a monomoraica em português: *pe:nna* > *pe:na* ~ *penna* > *pena*;
- O português conserva a mora da consoante pós-vocálica latina através de ditongação e de alongamento *flop*.

4.7 DO LATIM AO ESPANHOL

O espanhol, a exemplo do português e do italiano, perde a duração distintiva no sistema vocálico. No tocante ao espanhol, as geminadas são também simplificadas, respeitando estágios históricos de acordo com a sonoridade²². As geminadas *-nn-* e *-ll-*, entretanto, são palatalizadas e não simplificadas, de acordo com Holt (1997). Vejamos os padrões silábicos do espanhol estão expostos em (115)²³.

²² Holt (1997,2003).

²³ Exemplos retirados de Harris (1983).

(115) Padrões silábicos

V	<u>a</u> .ba.jo
VC	<u>hem</u> .bra
CV	<u>ca</u> .ma
VCC	<u>abs</u> .tracto
CVC	<u>sal</u> .ta
CVCC	<u>pers</u> .pi.caz
CCV	<u>som</u> .bra
CCVC	<u>tres</u>
CCVCC	<u>trans</u> .por.te
VV	<u>au</u> .tor
CVV	lei
CCVV	a. <u>plau</u> .so
CCVVC	claus.tro

4.7.1 Perda de mora do latim ao espanhol

O espanhol não conviveu com as vogais longas latinas, assim como o português, o italiano e as demais línguas românicas. A língua em questão, da mesma maneira que português, simplifica, de maneira geral, as geminadas latinas²⁴. Desse modo, a estrutura moraicada dos exemplos em (116) se assemelha a (107).

(116) Perda de mora

Latim	Espanhol
<i>brūtu</i>	bruto
<i>tōtu</i>	todo

Da mesma maneira que em português, a queda da consoante nos exemplos em (117) não

²⁴ A discussão sobre /-/ e /ɱ/ se dará mais adiante.

modifica a estrutura silábica pelo fato de essa consoante não portar mora. Como as vogais longas latinas são simplificadas em espanhol, as moras correspondentes não são reassociadas, aplicando-se *Stray Erasure*. Assim como o português, esse princípio atua permanentemente no processo de resolução.

(117) Perda de mora

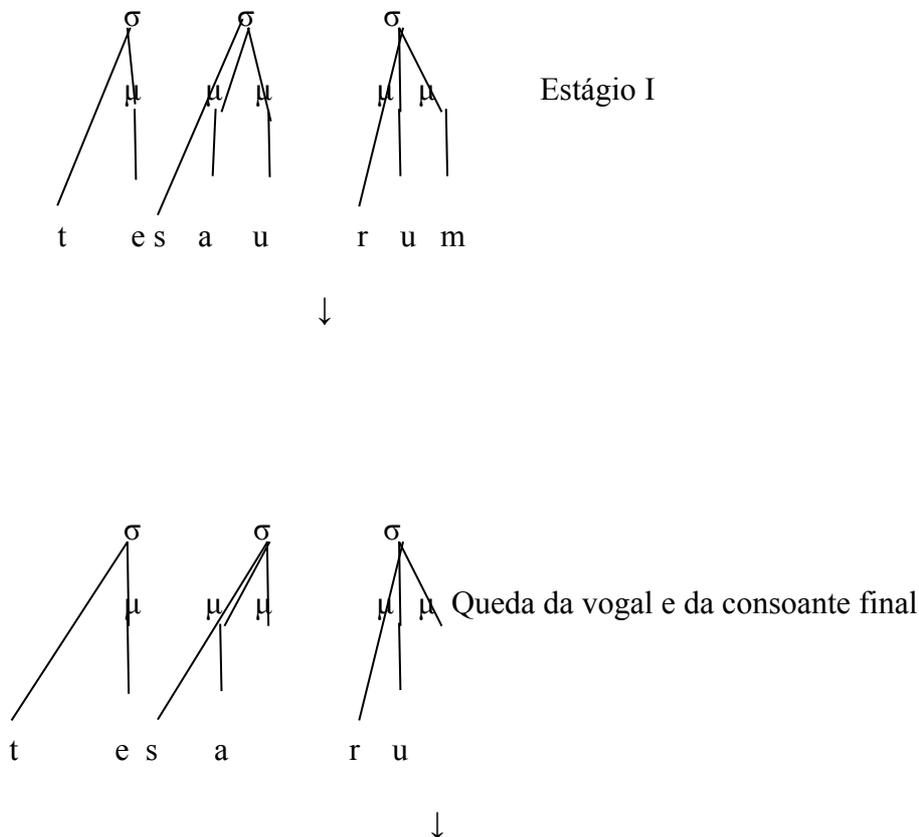
latim	espanhol
<i>corrēc#to</i>	corregido
<i>leē#to</i>	lido
<i>scrip#to</i>	escrito

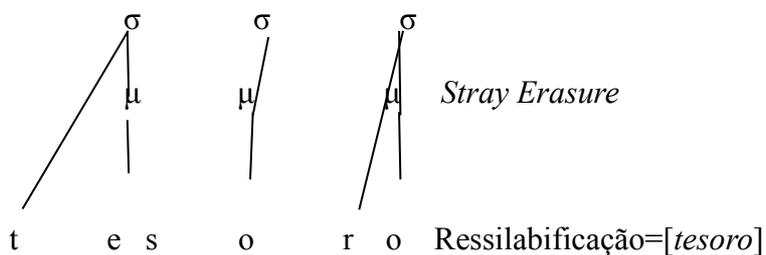
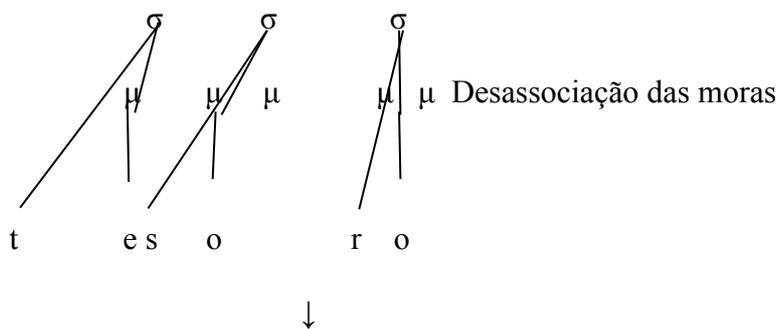
4.7.1.1 Perda de mora: redução de ditongo

Os ditongos latinos são sempre monotongados em espanhol: *aurum*>*oro*; *tesaurus*>*tesoro*.

Nesse aspecto, o espanhol se aproxima do italiano.

(118) Forma clássica (*tesaurum*)





Em (118), a queda da segunda vogal deixa a mora correspondente livre, que é apagada por *Stray Erasure* por não ter sido reassociada, resultando a forma [tesoro]. Esse é o tratamento que o espanhol dá aos ditongos latinos, a não-preservação da mora.

Todavia, do latim ao espanhol, há o processo de formação de ditongo crescente através de vogais breves *ě* e *õ* originais ou advindas de redução de ditongo. A referida redução já estava disponível em latim vulgar e o resultado desse processo não contribui para o peso.

(119) Ditongação de vogais breves latinas

Latim	Espanhol
<i>sĕte</i>	<i>siete</i>
<i>mŏrtem</i>	<i>muerte</i>
<i>pŏrtam</i>	<i>puerta</i>

Tomando os dados em (119) como exemplos, podemos entender, de acordo com Holt (1997) que a língua espanhola não dispõe de vogais médias baixas em seu inventário porque as substituiu por ditongos crescentes. Entendemos, portanto, que a opção do espanhol por ditongar *ě* e *õ* encontra-se nos estágios de evolução do sistema vocálico do latim vulgar ao hispano-romance. Enquanto o sardo e o lucano do sul possuem um sistema vocálico de cinco vogais com a ausência das médias altas, o espanhol conta com um sistema de cinco vogais sem as médias baixas advindas do latim. O português, por sua vez, apresenta um sistema vocálico que mantém todas as qualidades dispostas em latim vulgar.

4.7.1.2 Perda de mora com conservação de energia do latim ao espanhol através de criação de palatais

O espanhol, diferentemente do português, não conserva a mora da consoante pós-vocálica, mas palataliza a consoante seguinte, como mostram os exemplos em (120).

(120) Palatalização como conservação de energia

Latim	Espanhol
<i>făctum</i>	<i>hecho</i>
<i>pěctus</i>	<i>pecho</i>
<i>lăctem</i>	<i>leche</i>
<i>nõctem</i>	<i>noche</i>

Enquanto o italiano mantém as geminadas latinas e cria geminadas novas via alongamento compensatório, o português as elimina simplificando-as. O espanhol apresenta reflexos das geminadas através das palatais. Holt (1997, 2003) descreve um paulatino processo de simplificação das geminadas em espanhol que respeita uma escala de sonoridade. As primeiras geminadas a serem

simplificadas foram as obstruintes, depois as soantes e, por último, /ll/ e /nn/. As últimas se tornaram palatais, refletindo em sua característica complexa, sua origem de consoantes geminadas.

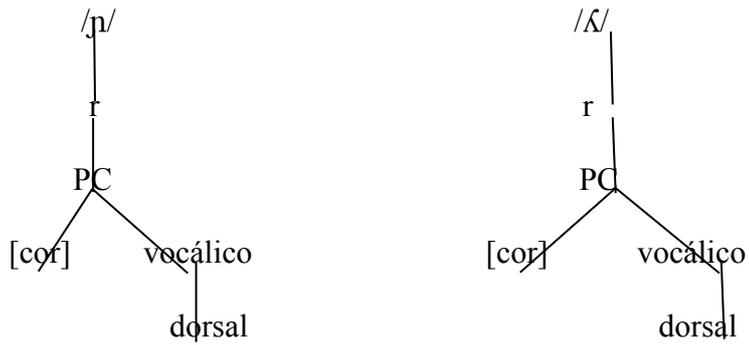
O argumento de Holt (1997,2003) é reforçado por Payne (2006), segundo a qual a palatalização está intimamente associada à produção de geminadas. Em estudo de base articulatória, denominado eletropalatografia, Payne (2006) trata das geminadas do italiano através índices não duracionais com o objetivo de identificar se outras características fazem parte da produção de uma geminada.

Com a duração isolada, a autora elenca aspectos que podem ser vinculadas a consoantes geminadas em comparação com as consoantes simples e com as “consoantes inerentemente longas quando intervocálicas”, isto é, palatais. Ao fim do estudo, a autora atesta que há uma gradiência de declínio quanto à palatalização e duração do tipo: /l:/ - /ʎ:/ e /l/. A geminada é o elemento que possui maior duração, ao passo que as consoantes palatais se aproximam das geminadas por conta de sua articulação palatal e a consoante simples se caracterizam por apresentar o menor grau dentro dessa escala.

Em suma, ao afirmar que há um envolvimento muito maior do palato na produção de geminadas nasais, laterais e obstruintes em comparação com as consoantes simples correspondentes, a autora defende que a palatalização reflete a duração.

Partindo dos pressupostos de Holt (1997,2003) e de Payne (2006), entendemos que o espanhol não conserva a mora das geminadas latinas -nn- e -ll-, mas reflete um índice não duracional das geminadas. O latim não apresenta consoantes palatais em seu inventário, as palatais /ɲ/ e /ʎ/ surgiram nas línguas românicas como reflexo das geminadas latinas simplificadas que resultaram em segmentos complexos articulatoriamente, como podemos ver na representação de Clements (1985) que reproduzimos em (121).

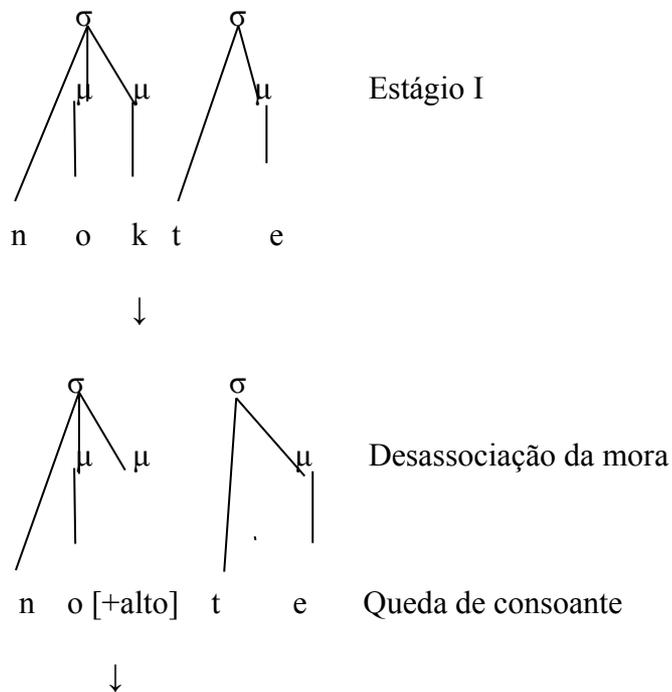
(121) Segmento complexo articulatoriamente

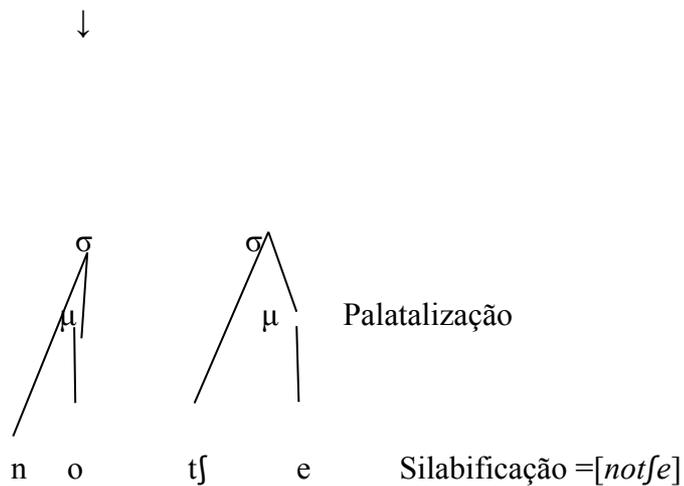
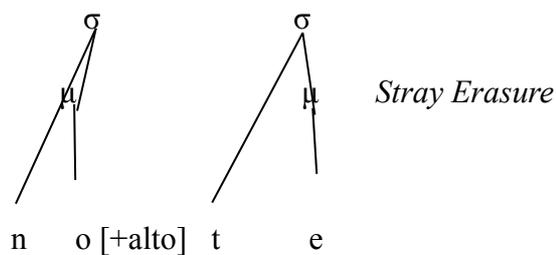


4.7.1.3 Perda de mora com criação de africada

No que diz respeito aos encontros -ct e -pt-, o espanhol, diferentemente do português, não conserva a mora da consoante pós-vocálica. Todavia, cria oclusivas complexas, como mostram os dados em (122).

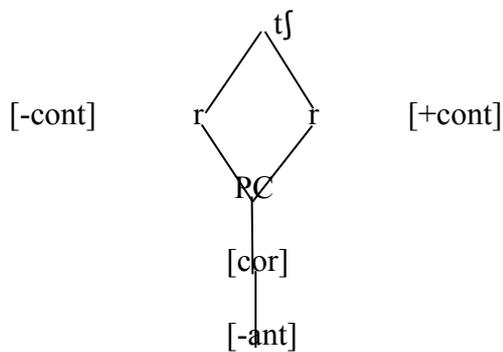
(122) Forma clássica (noktem)





A consoante pós-pico é elidida, e sua mora é apagada por Stray Erasure por não ter sido reassociada. Enquanto cria uma geminada no italiano e ditonga em português, o apagamento da mora da consoante pós-vocálica tem o efeito de palatalizar a consoante seguinte em espanhol. Um segmento de contorno é criado que tem a complexidade de iniciar como oclusiva e terminar como fricativa, como podemos ver na representação de Clements (1985) em (123). Formas como *ocho*, *pecho* e *noche* do espanhol também se manifestam em algumas variedades do português do nordeste do Brasil.

(123) Segmento complexo de contorno



O comportamento do espanhol diante da mudança da estrutura moraic do latim pode ser sumariado em (124).

(124) Escolhas do espanhol diante da evolução da estrutura moraic do latim

- O espanhol simplifica as geminadas latinas obedecendo a uma escala de sonoridade: obstruintes – soantes;
- Conserva a complexidade de –nn- e –ll- através da criação de segmentos complexos: /ɲ/ e /ʎ/;
- O espanhol não conserva a mora da consoante pós-vocálica, mas cria africadas;
- Não conserva a mora dos ditongos latinos;
- Cria ditongos crescentes;

CONCLUSÕES

O modelo da Fonologia das Moras permitiu descrever a estrutura moraica do latim clássico e sua variação em latim vulgar, bem como os efeitos dessas estruturas na passagem para o italiano, português e espanhol. A fonologia das moras proporcionou, sobretudo, analisar fatos diacrônicos a partir de um modelo sincrônico, observando-se a passagem do latim ao italiano, português e espanhol.

Das três línguas em estudo, constatou-se, no que se refere à estrutura moraica, que o italiano é a língua mais conservadora, o português tem um *status* intermediário e o espanhol é o menos preservador.

O italiano conserva a mora de consoantes geminadas, originais, a mora da vogal longa, (*brūtu*>*bruttu*) e a mora da consoante pós-vocálica, criando geminadas em todas as situações (*pectus*>*petto*). A perda moraica se instaura apenas diante de -r- (*fl?rem*>*fiore*) e de ditongos (*aurum*>*oro*).

O português não conserva a mora das consoantes geminadas, como não conserva a mora das vogais longas. No entanto, preserva a mora da consoante pós-vocálica (*pectus*>*peito*) e do ditongo latino (*aurum*>*ouro*), embora o referido ditongo esteja, em nossos dias, em processo de simplificação por reanálise.

O espanhol não preserva a mora das geminadas latinas, assim como não preserva a mora das vogais longas (*brūtu*>*bruto*), dos ditongos latinos (*aurum*>*oro*) e tampouco da consoante pós-pico (*pectus*>*pecho*). Todavia, há efeitos dessa estrutura moraica em consideração nas soantes palatais (*annus*>*ajo* - ano) e na oclusiva africada (*pectus*>*pecho* - peito), admitindo-se consoantes complexas conservem certa "energia" das geminadas e que as de contorno sejam um reflexo dessa estrutura.

Espera-se que este olhar de caráter diacrônico à luz de uma teoria moderna, destinada sobretudo a estudos sincrônicos, ofereça alguma contribuição para os estudos linguísticos que se desenvolvem nessa área.

REFERÊNCIAS

- ARVANITI, Amalia. Cypriot greek and phonetics and phonology of geminates. In: *First international conference of modern greek dialects and linguistic theory*, n 1, pp. 19-29. University of Patras, 2001. Disponível em: http://idiom.ucsd.edu/~arvaniti/Arvaniti.geminates_Patras2001.pdf.
- BATTISTI, Elisa; HERMANS, Ben. A palatalização das oclusivas alveolares: propriedades fixas e variáveis. In: *Alfa*, n° 52. pp. 279-288. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/112.pdf>
- BRENNAN, J. A Weight Problem: Vowel Length in Classical Latin. 2008. Disponível em: https://files.nyu.edu/jrb399/public/documents/Brennan_06a_AWeight.pdf
- BRISOLARA, Luciene; MATZENAUER, Carmen; VANDRESEN, Paulino. A palatalização das plosivas coronais como inserção de traços. In: *Anais do 5º Encontro do CELSUL*, Curitiba, 2003.
- BROWN, J. C. *Floating moras and features in southern Sierra Miwok*. SANTA BARBARA PAPERS IN LINGUISTICS, vol 14: Proceedings from the Sixth Workshop on American Indigenous Languages (2003). Disponível em: http://www.linguistics.ucsb.edu/research/Brown_vol14.pdf.
- CALABRESE, Andrea. *On the evolution of the high vowels of latin to romance*. 2003 Disponível em: [http://homepages.uconn.edu/~anc02008/Papers/On the+evolution+of+short+high+vowels+of+Latin+into+Romance.pdf](http://homepages.uconn.edu/~anc02008/Papers/On%20the%20evolution%20of%20short%20high%20vowels%20of%20Latin%20into%20Romance.pdf)
- CHUNG, Young-Hee. *Vowel shortening and evidence for moraic consonant: a case from kyumgsang dialect of korean*. *Studies in phonetics, phonology and morphology* n 3. p.247-264.1997.
- CLEMENTS, George N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*, London, n] 2, p. 225-252, 1985.
- COHN, Abigail. Phonological structure and phonetic duration: the role of the mora. In: , *Catalan Working Papers in Linguistics (CWPL)* 1992: 205-244. Universitat Autnoma de Barcelona. 2003, v.15, pp. 69-100.
- COLLISCHONN, Gisela A sílaba. In: Bisol, Leda (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2001.
- COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. 4. ed.Acadêmica, Rio de Janeiro 1958.
- CURTIS, Emily Kathryn Jean. *Geminate weight: case studies and formal models*. Tese de doutorado. University of Washinton, 2003. Disponível em: http://74.125.155.132/scholar?q=cache:w8Ikq-dUxMJ:scholar.google.com/+Geminate+weight:+case+studies+and+formal+models&hl=pt-BR&as_sdt=2000

- ELFNER, Emily. *The mora in blackfoot*. Tese de doutorado. University of Calgary, Alberta, 2006. Disponível em: <http://www.people.umass.edu/eelfner/morablackfoot.pdf>.
- FARIA, E. *Fonética Histórica do Latim*. Acadêmica. Rio de Janeiro, 1955.
- GASIOROWSKI, Peotr. *Heavy consonants and compensatory lengthening*. *Studia Anglica Posnaniensia*. Poznam, 1991-1993.p. 71-80.
- GORDON, Matthew. *Weight-by-Position adjunction and syllable structure*. University of California, 1999. Disponível em: <http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/gordon/weightbypos.pdf>.
- GORDON, M. & JANY, C. & NASH, C. & TARRARA, N. *Vowel and consonant sonority and coda weight: a cross-linguistic study*. In: West conference on formal linguistic. Someville, 2008. Disponível em: <http://www.lingref.com/cpp/wccfl/26/paper1674.pdf>.
- GORE, Martin. *Phonological and phonetics views of vowel sequence timing*. 2003 Disponível em: <http://ado.lib.kagoshima-u.ac.jp/bitstream/10232/855/1/KJ00004239438.pdf>.
- GRAUR, A. *Les consonnes géminées en latin*. Ancienne Honoré Champion. Paris, 1929.
- HAYES, B. *Inalterability in CV Phonology*. In *Journal of the Linguistic Society of America*, v.62, n.2. Baltimore, 1986.
- HAYES.B. *Compensatory lengthening in moraic phonology* [scanned, 2 Mb], *Linguistic Inquiry* 20: 253-306, 1989. Disponível em: <http://www.linguistics.ucla.edu/people/hayes/Papers/HayesCompensatoryLengthening1989.pdf>.
- HARRIS. H. *Syllable Structure and stress in Spanish. A non linear analysis*. Cambridge, MIT press, 1983.
- HARTKEMEYER, Dale. Romancing the vowels: an optimality-theoretic account of vowels loss from vulgar latin to early western romance. In: *Studies in the linguistic sciences*. 1997. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/11575/SLS1997v27.1-09Hartkemeyer.pdf?sequence=2>.
- HOLT, E. The role of listener in the historical phonology of spanish and portuguesa: An optimality-theoretic account. 1997. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/view.php3?id=290>
- HOLT, E. The emergence of palatal sonorants and alternating diphthongs in Hispano-Romance. In: *Optimality Theory and Language Change*. 285-305. Kluwer Academic Publishers. Norwel, 2003. Disponível em <http://people.cas.sc.edu/deholt01/papers/HoltOTLC2003chapter.pdf>
- HULST, Harry van der. Licensing constraints in phonology. In: *Linguistic Review*, nº23, pp. 383-427. Walter de Gruyer, 2006. Disponível em: <http://www.linguistics.uconn.edu/pdf/A-122%20Licensing%20in%20phonology.pdf>.
- HUME, E; MULLER, J; ENGELHOFEN, A. Initial geminates in leti: consequences for moraic theory. In: *Studies in the Linguistics Sciences*. Nº 27, 1997. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/4420109>.
- ITO, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*, PhD dissertation, 1986.

- KAVITSKAYA, Darya. Triggers and alternations in compensatory lengthening. In: *WCCFL*. Nº 21. pp. 101-114. Cascadilla press. Somerville, 2002.
- KENT, R. *The Sounds of Latin*. Linguistics Society of America. Baltimore, 1945.
- LAHIRI, Aditi; RIAD, Tomas; JACOBS, Haike. *Diachronic prosody*. 1999. Disponível em: http://www.ling-phil.ox.ac.uk/files/uploads/diachronic_prosody_lahiri_et_al.pdf.
- LAUSBERG. H. *Linguística românica*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1962.
- LEE, Y. Syllable weight typology in optimality theory. 1997. Disponível em: <http://home.pufs.ac.kr/~yslee/research/papers/25WeightTypology.pdf>
- LEHMANN, C. *Latin syllable structure in typological perspective*. (2003). Disponível em: .
- LIEF, Eric Adler. *Syncope in spanish and portuguese: the diachrony of hispano-romance phonotactics*. Tese de doutorado. University of Cornell, 2006. Disponível em:
- LUNDEN, Anya. *Weight, final lengthening and stress: a phonetic and phonological case study of norwegian*. Tese de doutorado. University of California. 2006. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/view.php?id=1157>.
- McCRAY, Kristie. *Syllable structure versus segmental phonotactics: geminates and clusters in italian revisited*. 2006. Disponível em: http://uts.cc.utexas.edu/~tls/2002tls/Kristie_McCrary.pdf.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MONTREUIL, Jean-Pierre. Fragmenting weight in scottish english. 1992. Disponível em <http://w3.pac.univ-tlse2.fr/pdf/Montreuil1310.pdf>
- MORÉN, Timothy Bruce. *Distinctiveness, coercion and sonority: a unified theory of weight*. Tese de doutorado. University of Maryland, 1999. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/files/346-0999/346-0999-MOREN-0-0.PDF>.
- NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- ODDEN, David. *The representation of vowel length*. Disponível em: <http://www.ling.ohio-state.edu/~odden/>.
- OLIVEIRA FILHO, A. *O vocalismo, sonantismo e consonantismo do latim*. Livraria Principal. Rio de Janeiro, 1955.
- ONZI, Maritana Luiza. *Consoantes geminadas em italiano: um estudo fonético/fonológico*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- OOSTENDORP, Marc van. *Mora theory*. 2005. Disponível em: <http://www.vanoostendorp.nl/pdf/051122.pdf>.
- PARIENTE, A. *Estudios de Fonética y Morfología Latina*. Universidade de Salamanca. Salamanca, 1949.
- PULLEYBLANK, Douglas. Underlying mora structure. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 25, No. 2 (Spring, 1994), pp. 344-353.
- PIKE, K; PIKE, E. Immediate constituents of mazatico syllables. *International Journal of Applied Linguistics*, n 13, p. 78-91, 1947.
- PRIETO, Pilar. Compensatory Lengthening by vowel loss and consonant loss in early friulian. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/pub/cwpil/1132256Xv2p205.pdf>
- RIBEIRO, Lincoln; CÂNDIDO, Gláucia. Uma proposta de descrição da pronúncia do latim clássico

- no final da república romana. In: *Revista Philologos*, nº 46. CEFIL. Rio de Janeiro, 2010.
- ROSENTHALL, Sam; VAN DER HULST, Harry. Weight-by-Position by Position. In: *Natural Language and Linguistic Theory*, nº 17, pp. 499-540. Kluwer Academic Publishers. Netherlands, 1999. Disponível em: <http://www.linguistics.uconn.edu/pdf/091-WeightbyPosition.pdf>.
- SELKIRK, E. The syllable. In: Huslt, H; Smith, N. *The structure of phonological Representation*. Blackwell, 1982.
- SHAW, Jason. *Compensatory lengthening via mora preservation in OT-CC. Theory and predictions*, 2008. Disponível em <http://roa.rutgers.edu/files/916-0607/916-SHAW-0-0.PDF>
- SHERER, Tim. *Prosodic phonotactics*. Tese de doutorado. University os Massachussets Amherst, 1994. Disponível em:<http://roa.rutgers.edu/files/54-0395/54-0395-SHERER-1-0.PDF.gz>
- SILVA NETO. S. *História do latim vulgar*. Acadêmica. Rio de Janeiro, 1957.
- TELLES, L.P. *A Geminção de Consoantes no Italiano*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, 2003. Disponível em:<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4073/000396602.pdf?sequence=1>
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. 7.ed. Porto: Gráficos reunidos, [s/d].
- WESTAWAY. F.W. *Quantity and accent in latin: an introduction to reading of latin aloud*. Cambridge. Cambridge, 1930.
- WETZELS, W. L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte: v. 9, nº 2, pp. 5-15, jul./dez. 2000.
- ZEC, Draga. Prosodic weigth in the optimal syllable. In: Féry, C; Veijer, R. van der (eds). *The Optimal Syllable*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Disponível em:<http://conf.ling.cornell.edu/draga/TubinPaperRev.pdf>

